ANNO XXV — N.º 40
Rio, 3 de Outubro de 1931
PREÇO: 1$000

# HEMORROIDAS

**POMADA** ADRENO STYPTICA
**SUPPOSITORIOS** ADRENO STYPTICOS
**MIDY**

# MAL - ASSOMBRADO

DE

## RUY CÔRTES

HA coisa de uns vinte annos, a serra da "Pratinha", por onde passa a estrada de rodagem que leva a São José das Torres, districto longinquo da comarca de João Pessôa, no Espirito Santo, era toda de matta, e da melhor, mostrando assim a riqueza plethorica do terreno.

Uma légoa de travessia, mais ou menos.

Quem precisasse viajar por alli, tinha que tomar primeiro uma bôa dóse de coragem.

Foi justamente por esse tempo que, no alto da serra, ao fazer uma curva rapida, contornando um grosso jequitibá, Felippe Sayre, um turco valente e espertalhão, de quem o povo torrense não gostava e tinha medo, cahira assassinado de emboscada, lá no meio da matta.

Correu, logo, em toda aquella redondeza, o boato de que a casa de Felippe estava mal-assombrada. Que o cadaver havia sido enterrado com as botas e esporas de rosetas grandes com que fôra encontrado na estrada — por isso que, lá na casa, apparecia, de noite, um vulto-phantasma arrastando chilenas pelo soalho, o qual, não havia duvida alguma, era Felippe Sayre. O certo é que, desde então, a fazenda ficou ao abandono.

Dois annos depois, indo eu a São José das Torres tratar de uns negocios, a noite do segundo dia de viagem surprehendeu-me, quando eu voltava, antes de alcançar a serra pelo lado de Torres. Sitio desconhecido e deserto.

Fiquei a pensar em como iria pernoitar ali. E várias idéas assaltavam-me, quando João Paqueiro, o camarada que me acompanhava para tratar dos animaes, me mostrou, com o seu meio dedo, uma casa baixa e espaçosa que ficava logo abaixo da estrada, na extremidade rectangular do vargedo enorme que se estende para o lado do mar.

Portas e janellas abertas, umas laranjeiras em torno, hervas rasteiras trepando pelas paredes e um silencio profundo — aquillo me deu uma impressão desconsoladora.

Dado o O' da casa' de praxe na roça, verifiquei que alli não morava ninguém.

Mas começava a escurecer e, portanto, nos era forçoso ficar.

Ordenei, então, a Paqueiro que desarreiasse as bestas, emquanto eu accendia um fogo no terreiro do lado dos fundos. Mas, mal o fogo começou a fumegar, as bestas se espantaram como que refugando alguma coisa estranha.

Tratava eu de saber o que havia de anormal, quando João Paqueiro, vindo ao meu encontro, foi dizendo:

— Essa casa tem um mysterio. Já a percorri toda sem encontrar ninguém e, no emtanto, cá de fóra, se ouve um barulho como de passos de gente retumbando no soalho.

— E' curioso! E não podemos ficar na duvida — disse-lhe.

E, para certificar-me, penetrei na primeira sala.

Nisto, Paqueiro, que me acompanhava, tremulo, deu um grito de pavor e ficou, durante uns dez minutos, estarrecido, de pé, pallido e frio, com os olhos esbugalhados, sem poder articular palavra.

Só depois de muito esfregar-lhe os pulsos, elle melhorou.

Passado o auge do incidente, contou-me o caso.

Não vira nada: apenas uma coisa estranha, que, pelo geito, mais parecia um homem, o agarrara pelas costas.

Descrente, olhei todos os recantos da casa e nada vi; mas retirei-me, tomado já de algum pavor. Sabia eu lá o que podia ser aquillo!

Resolvi, então, continuar a viagem. E, sem mais preambulos, assim que elle recobrou um pouco os animos, mandei que arreiasse, de novo, os animaes e, em pouco, nos enfiámos pela matta, serra acima.

A noite enluarada sempre nos encorajava um pouco, mas aquelles sitios ermos, por uma estrada feita apenas a casco de burro, enchiam de mêdo qualquer coração, mesmo de pedra.

Ao lado direito do grotão, via-se, de quando em vez, por entre as arvores, uma face lisa de granito, onde escorriam uns fios dagua que brilhavam ao luar, entre as fileiras de gravatás. Por cima, o pállio negro da matta assustadora e pela frente a grimpa aonde iamos ter, com as suas corujas agourentas. A pequenos trechos, o caminho irregular recortava-se de pequenas grotas, e quasi que não se divulgava de tão escuro. A um pequeno barulho de gorgolejos dagua, da serra do lado, Paqueiro tremia, impressionado que estava ainda do que acontecera.

Quando, depois de uma hora e tanto, chegámos ao alto, com os animaes batendo vazios de cansaço, ainda vimos, por uma clareira, lá no fundo do grotão, o fogo que deixáramos ao lado da casa.

Meia noite.

Após uns dez minutos de descanso para os animaes, reencetámos a marcha. Percorridos duzentos mètros mais ou menos, ao fazermos uma curva esperta, deparou-se-nos, á beira do barranco direito, uma luz que, em tal logar e a tal hora, bem parecia um mysterio debaixo daquellas frondes que o luar não conseguia penetrar.

Paqueiro, que ia na frente, tomou tamanho susto, que virou nos pés o animal que montava e o seu chapéo de aba larga rolou pelo barranco esquerdo. Estava, de novo, a braços com a assombração, não havia duvida, — gritava.

De facto, aquillo fazia pavor.

Era uma vela accesa ao pé da cruz que assignalava o logar em que mataram Felippe Sayre, dono da casa mal-assombrada donde sahiramos.

Sem prejuizo, ambos continuámos, sob a sombra tetrica do arvoredo que o luar não penetrava, a andar, cheios de susto, por aquella estrada terrivel, como si sahissemos de uma caverna de morte para a vida.

No fim da matta, numa área coberta de caatinga e já banhada de luar, encontrámos um homem sentado á beira da estrada. Meio occulto pela sombra entre-

(Conclúe na pagina seguinte)

# O QUE SE DEVE SABER

### A ARTE DO DESENHO

No Egypto, a arte do desenho nasceu com a da escripta e, juntas, fizeram o seu cyclo durante muito tempo. De facto, a escriptura hieroglyphica não passava de uma série de desenhos representativos de varios objectos, cujo conjuncto correspondia a um numero de palavras. Muitas das inscripções daquelle paiz vêm acompanhadas de desenhos: é notavel, por exemplo, uma, existente no templo de Ibsambul e que representa o rei Sesostris.

Na Grecia e em Roma, a arte da illustração penetrou muito tarde, já depois da época de Augusto. Sabemos, por intermedio de Plinio, que, Varrão (116-27 a. J.) publicou, em suas *Imagens*, os retratos de setecentos homens illustres.

O costume de se desenhar o retrato do autor na primeira pagina das obras classicas foi muito commum sob o imperio. Entre os papyrus gregos e latinos que se possuem só um pequeno numero contem figuras feitas á penna. E são sempre figuras de geometria ou de astronomia, porque, nos papyrus realmente literarios ellas ainda não apparecem. Alguns manuscriptos, em pergaminho, que se julga corresponderem aos seculos IV e V, já se apresentam ornados de desenhos coloridos, que se consideram, aliás, como reproducções de outras pinturas em papyrus do seculo II, d. J. Tambem se acredita que muitas pinturas em manuscriptos da Edade Média procedem de exemplares de papyrus pertencentes aos primeiros seculos da nossa éra.

### GALLINHAS, PINTOS, OVOS E... RAIOS ULTRA-VIOLETA

Um investigador allemão descobriu uma nova e utilissima applicação da luz solar e dos raios ultra-violeta.

Ha poucos mezes expoz á acção destes raios, durante cerca de cinco minutos, diariamente, alguns ovos de gallinha. Não poderiam ser mais satisfatorios os resultados obtidos. Os pintainhos romperam as cascas dos ovos dias antes do tempo commum. Vieram ao mundo cheios de energia e enthusiasmo e dispostos a se sobreporem a todas as aves do gallinheiro. Dentro de poucas semanas, depois de submettidos diariamente a applicações dos raios solares e ultra-violeta, os pintos haviam crescido muito mais do que os das ninhadas anteriores, cujo crescimento se fez normalmente. Se continuassem a crescer como vinha acontecendo, até esta phase da experiencia — assegura o autor deste processo rapido de fazer crescer os pintos — dentro de quatro mezes aquelles terão alcançado quatro libras de peso.

As gallinhas submettidas ao mesmo tratamento apresentam, tambem, surprehendentes resultados. Gallinhas que já haviam deixado de pôr, dentro de pouco tempo voltaram a pôr diariamente.

Com vista aos avicultores...

## MAL - ASSOMBRADO

(Conclusão)

cortada de um albuino, não se lhe distinguia bem a côr do traje. Tinha o chapéo desabado e quasi não se moveu.

Muito mal lhe vimos o rosto esquálido, de uma pallidez marmórea, e os olhos inexpressivos que nos projectavam immoveis.

Demos-lhe bôa noite, apesar de ser já madrugada. A' sua resposta, contámos-lhe o occorrido e elle, com uma voz cavernosa, que parecia vir de muito longe, nos disse:

— Os senhores foram de sorte, porque ainda acharam a vela que eu accendi; pois a alma do compadre Fe-

Os garçons do hotel incendiado prestam auxilio: serviço de salvamento...

# M O S A I C O S

## PARIS E SEUS SUBURBIOS

Paris, que tem uma população de 2.800.000 habitantes, agrupa em seu derredor 14 cidades, todas com mais de 50.000 habitantes, e que são: Asnières, Aubervilliers, Boulogne, Clichy, Colombes, Courbevoie, Drancy, Levallois, Peuret, Montreuil-sous-Bois, Neully-sur-Seine, Saint-Denis, Saint-Maur, Saint-Ouen e Versailles.

## AS LUVAS

Quando Felipe III levou para a Hespanha a gran-duqueza Margarida, com quem acabava de casar-se, offereceu-lhe, entre as prendas de noivado, duzentos pares de luvas adornadas de botões de ouro e pedras preciosas.

A rainha Isabel, da Inglaterra, que dava á moda uma importancia extrema, sempre calçava luvas brancas bordadas em ouro e ornadas de pedras.

A luva, naquelles tempos, era um artigo de luxo que somente os grandes senhores podiam usar.

Tambem se vendiam luvas perfumadas com essencias raras do Oriente e que custavam carissimo.

## MEDITAÇÕES

Entre as armas que se não podem usar sem licença especial, porque não se incluem, tambem, a penna, o lapis e a lingua?

* * *

O homem que, altas horas da noite, vae pela rua cantando aos gritos, ou discutindo em tom forte, tem o coração peor do que o de um tigre. — *Lopez-Montenegro.*

## SYCOPHANTA

Esta palavra vem do grego *sukophantes* e, literalmente, significa "denunciador de figos roubados". Entre os athenienses eram assim chamados os que denunciavam aquelles que transportavam figueiras para fóra da Attica, pondo-se, assim, em contravenção com a lei, que prohibia a exportação das mesmas. Os athenienses estabeleceram tambem uma lei que punia com a pena de morte aquelles que roubavam os fructos de uma figueira consagrada a Minerva e recompensava os denunciantes.

E o nome de *sycophanta* que se dava áquelles denunciadores de má fé passou, de um modo geral, a indicar os delatores.

## FOLHAS SOLTAS

Ha pessôas que têm uma memoria enorme. Viajam através da vida carregadas de uma bagagem, cada vez mais numerosa, onde trazem guardadas as suas recordações.

Eu não tenho memoria. Cada despertar meu é um novo nascimento. Marcho, lentamente, a pé, ao longo de um caminho que não muda, com um pequeno fardo ás costas. — *Lucien Nepoty.*

---

...lippe não deixa ninguem passar por lá, de noite, sem accender uma vela ao pé da cruz onde elle morreu.

Paqueiro, na frente, não perdeu tempo: esporou o animal e distanciou-se.

Eu me despedi:

— Boa noite!

— Boa noite! — respondeu.

Mal eu tinha dado as costas ao desconhecido, resolvi pedir-lhe uma informação sobre o caminho que me punha em duvida.

Mas, quando virei o animal, que não tinha dado ainda dois passos, e procurei o homem, elle tinha desapparecido.

Foi nessa hora que eu estremeci e acreditei, de facto, no mal-assombrado.

A esposa (*falando de cima*) — Queres que chame a policia, Jorge?

Elle (*que já [illegible] o ladrão*) — Não, querida; será melhor que chames uma ambulancia...

*ERRO FATAL* — Sabes que casaram o Fernando com a Aurorita?
— E'? Pois eu julgava que a Aurorita era dessas moças modernas que não pensam em casamento.
— Pois era isso que tambem pensava o Fernando...

# A VINGANÇA DO SR. CESAREO

ELLE só tinha de original o proprio nome. "Cesareo", "Césareu", como dizia, ao se apresentar, modestamente. "Cesareo, Césareu", como dizia, em algum estabelecimento, quando precisava dar seu endereço, o que sempre fazia com precipitação, não visse naquillo senão um pronome, "Cesareo, Césareu...", como chamava sua mulher, com pronunciado desdém... porque ella não ligava a menor importancia a esse excellente homem — terno, polido, instruido, honesto, funccionario exemplar, de uma correcção impeccavel de attitudes, porém timido, e com quem ella casára ha vinte annos atraz.

Vinte annos durante os quaes ella não lhe poupou nenhuma dessas pequeninas humilhações com que sabia feril-o e magoál-o, conhecendo, como conhecia, seus pequenos defeitos, suas manias, seus habitos, suas fraquezas, seus desejos, seus sonhos e, tambem, seus achaques — tudo isso que a vida em commum, annos e annos a fio, dá a conhecer. Vinte annos, durante os quaes, ella, porque sempre lhe fôra fiel, preparava, pontualmente, ao meio dia e ás sete horas, as suas refeições, em cada dia que passava, vinte vezes, no minimo, torturava-o e maltratava, criticando seu physico, seu riso, sua profissão, sua maneira de dar o laço á gravata, suas simples e inoffensivas distracções.

Successivamente, fizera-o renunciar ao bilhar, ao xadrez, á dama, e a varias outras coisas que o distrahiam. Que prazer poderia madame Cesareo encontrar nessas diversões, se muito mais do seu agrado era o que ella tinha em contrariar seu marido e fazer somente aquillo que lhe viesse á cabeça? Um dia entendeu que aquellas horas representavam um tempo indevidamente perdido e resolveu empregal-as a seu modo, fazendo "crochet" para os pobres. Como poderia o sr. Cesareo indignar-se ou rebellar-se contra tão nobres disposições? Ha cerca de dois annos elle fôra forçado a romper com todas as suas relações de café e era por demais submisso para voltar a procurar os velhos amigos.

Privado do seu par conjugal nos jogos com que distrahia a monotonia domestica, começou a interessar-se pelos enigmas, charadas, palavras cruzadas, etc., passatempo que algumas revistas e jornaes illustrados sempre offereciam a seus leitores.

Isso deu motivo a nova explosão de sarcasmos de madame Cesareo. Em vão, porém, ella quebrou a cabeça para encontrar um motivo plausivel com que pudesse roubar ao bode espiatorio dos desabafos da sua indole impertinente esse inoffensivo passatempo. Teve de resignar-se a vel-o absorvido em meditações encarniçadas e profundas, de que não conseguiam afastal-o suas ironias e indirectas de todo genero e natureza.

As palavras cruzadas, então em voga, levaram ao cumulo o surdo furor da mulherzinha. Ella revoltava-se contra "esta infeliz epocha em que "pessôas que até julgavam intelligentes" se apaixonavam imbecilmente" por "semelhantes infantilidades". Depois, mudando de tactica, e forçada a convir que o "jogo" exigia perspicacia e conhecimentos pouco communs, procurou convencer o sr. Cesareo de que elle "não tinha pulso" para aquillo, que deveria deixar esse "prazer intellectual" para outros "de maior visão e conhecimento", contentando-se elle com "divertimentos mais accessiveis á sua intelligencia, como os que publicavam certos semanarios destinados á infantilidade"...

Nada, porém, dizia o sr. Cesareo: pelo habito de ser mortificado elle já havia moldado uma physionomia impassivel e resignada. Mas nenhuma das alfinetadas com que sua mulher lhe picara o amor proprio, até então, nunca o ferira tanto quanto aquella. Irritara-o; mortificara-o, porque elle tinha a maravilhosa impressão de haver encontrado a sua verdadeira inclinação. Desde que começou a lidar com as "palavras cruzadas" por a-

# de Claude Gevel

serviço do seu absorvente diverti-
mento todo o stock de conhecimen-
tos inuteis — mythologia, historia,
litteratura, geographia — que elle
havia armazenado ao tempo dos
seus laboriosos estudos, de que
quasi já se não lembrava. Assim,
de repente, teve uma verdadeira
revelação do que sabia, de todas
essas noções adquiridas durante
cerca de quarenta annos e, pouco
a pouco, classificadas na sua me-
moria, sem que elle tivesse con-
sciencia disso. Agora, ellas sahiam
de seus escaninhos como por for-
ça da magia para virem responder
aos mais árduos e difficeis enigmas
horizontaes ou verticaes. De tal
modo, que a innata modestia do
sr. Cesareo teve de se desfazer
deante de provas tantas vezes re-
petidas, e foi forçado a reconhecer
e ter consciencia do seu valor como
homem de "profunda erudição".

Tambem, pela primeira vez na
sua vida, teve orgulho de si mes-
mo e desgosto de não ser estimado
e considerado como merecia.

Pois, com uma grande an-
ciedade que aguardou a occasião
de fazer valerem os seus meritos
de modo retumbante e por tal fórma
[illegible] e irrecusável que, depois
disso, madame Cesareo seria for-
çada a renunciar, definitivamente,
ás suas ironicas e humilhantes in-
solencias.

Um jornal da noite, de que era
director um seu collega, organizara
notavel concurso de palavras cru-
zadas, distribuindo premios inveja-
veis, dos quaes o primeiro era um
automovel que caberia ao concor-
rente cujas respostas, certas, eva-
[illegible] fossem classificadas em pri-
meiro logar. O sr. Cesareo, emfim,
ia provar sua perspicacia e sua
virtuosidade.

Durante tres dias seguidos, de-
pois de haver obtido uma licença
na sua repartição, aguardou, im-
paciente, nervoso, a edição do jor-
nal contendo o problema. E duran-
te [illegible] outros, mettido no canto de
um café vizinho, entregou-se de
corpo e alma ás suas reflexões. E,
como por milagre, viu desappare-
cerem, uma a uma, as difficulda-
des accumuladas, e inscreverem-se,
nos seus logares, palavras e pala-
vras de uma dimensão exacta.
Suas letras iam enchendo as ca-
sas brancas e numeradas. Durante
[illegible] não decorrera ainda
uma hora depois da sahida do nu-
mero do jornal e já elle proprio
punha no correio o envelop-
pe contendo a sua resposta.

Então, respondidos todos os pro-
blemas, o sr. Cesareo calmamente,
esperou os resultados do concur-
so. Para evitar a intervenção de
madame Cesareo antes da hora do
triumpho definitivo, dera como en-
dereço a repartição onde trabalha-
va. Foi com a mão trêmula que
abriu um pneumatico com o cabe-
çalho do jornal, no qual se lhe com-
municava que obtivera o 2.º premio
do concurso: um vestido finissimo,
de Cossou, de que ella encontra,
junto, a autorização da encom-
menda...

Não fôra o auto esperado, mas,
ainda assim, aquelle premio era o
irrecusável testemunho da sua vi-
ctoria e do seu valor perante sua
mulher, que elle já antevia pasma
e arrependida...

E, a passos largos, corre em de-
manda da casa. Pára, porém, de
subito: um pensamento desagrada-
vel feriu-lhe a mente e exerceu a
acção de um freio nas suas per-
nas... Um modelo de Cossou: co-
mo não iria sentir-se feliz e envai-
decida madame Cesareo, que, ha
vinte annos, já, se lamentava de
nunca ter podido vestir-se num
grande costureiro! Seu sonho rea-
lizado... que ella deveria a quem
senão a elle, ao seu imbecil mari-
do, que consagrava suas noites a
jogos ridiculos. A injustiça das coi-
sas! Ella ser beneficiada, ainda por
cima, pelas suas insolencias e atre-
vimentos. E depois, passados os
primeiros movimentos de alegria,
seu triumpho perderia o valor e, em
paga, não lhe faltariam os remo-
ques, as admoestações de sempre.

Não... Não era justo...

E o sr. Cesareo, parado á beira
da calçada, tira do bolso a autori-
zação de encommenda, rasga-a em
pedacinhos e, voluptuosamente, é
que toma, de novo, o rumo de casa.

Estava vingado...

— Um millionario americano encommendou-me seis Goyas e sete Grecos.
— Authenticos?...

# ESTE MUNDO ESTÁ ERRADO

BARROSO era um bacharel bahiano, de estatura mediana, forte, espadaúdo, valente, maneiroso, delicado, culto, intelligente, amigo do riso e da roleta, a quem o Rio, com todo o esplendor do seu deslumbramento, nunca pudéra modificar os hábitos.

Nascido e creado no centro dos sertões do Estado, ali aprendêra, na escola do trabalho e da virtude, desde menino, a cultuar a franqueza, a sinceridade, e, sobretudo, a estima de si mesmo. Internado em collegios da capital, abrira-se-lhe a intelligencia clara, robusta, cheia de perceptividade, e, com satisfação geral para a familia e para os mestres, foi de anno em anno, com notas distinctas, até onde seguiu o seu curso de humanidades.

No Rio de Janeiro, a sua vida de estudante de direito, é uma das paginas mais interessantes das minhas — "Reminiscencias Escolares". Nelle, tudo era interessante, encantador, surprehendente, fóra da vulgaridade, sempre franco e communicativo. Descendendo de uma familia rica, politica de tradicional prestigio, desde rapazóla, fizéra-se por demais conhecedor dos homens publicos do Brasil, em tudo que dissesse respeito ao governo e á politica.

Aos vinte e um annos, era, com franqueza, um grande especialista, francamente mettido em todas as campanhas eleitoraes, vehemente, arrebatado, cheio de recursos, como si elle fôra, entre os partidos em luta, um novo apostolo da democracia americana. Dahi em deante, já formado, todos os seus pensamentos, mesmo os mais íntimos, nas horas de ócio e de intimidade, voltaram-se para o mundanismo estonteante da grande metropole, em meio da qual essa alluvião de mulheres encantadoras, provocantes, appetitosas, era, deante do seu modo particular de ver, como uma miragem vaporosa, toda feita de essencias e de peccado, resplandescendo de chiquismo e de elegancia, a sua "Dona Bôa", á confusão das luzes da cidade.

E ficava-se horas inteiras, vendo-as passar pela avenida, a monologar, baixinho:

— Dize, amorzinho, uma palavra meiga.

Meiga, bem meiga como o teu olhar. . .

E ria, encantado de vêl-as passar, certo de que todas o sabiam prestigiado e prestigioso, politicamente falando. Assim, elle foi, entre os estudantes do seu tempo, a arvore que, na Academia, brotou, cresceu, frondejou, deu fructo e sombra. Cheio de dinheiro, dispondo de recursos e altas posições, installou-se, temporariamente, num dos enormes arranha-céos da nossa cinelandia, de onde, mais tarde, se mudou para o n. 1.403, — o mais alto e o mais luminoso e caro apartamento do palacio Esplendor no 14° andar. Dali, o seu espirito revolto, ás horas mortas da noite, derramava o tédio e o nôjo de todos os seus aborrecimentos. Em meio de tanto luxo e de tanto conforto, gastando como um principe, viveu sozinho alguns instantes, em que se orientou melhor, medindo, mentalmente, a altura galopante de sua carreira vertiginosa e a altura desmedida de sua residencia transnuviana.

Dir-se-ia que, elle mesmo, preparava os meios por onde deveria seguir e iniciar a sua vida de amor e de aventuras. Amante do bello, era, sem qualquer disfarce, um grande admirador de mulheres bonitas. Jamais, porém, se ligára a uma definitivamente. Gostava de todas. E, si alguma, mais afoita, lhe recordava a conveniencia éthica da monogamia amorosa, elle ria, franco, philosophando:

— Não nasci para a escravidão... O coração tem carencia absoluta de liberdade.

E si era uma "Katucha" qualquer, casamenteira, que lhe falava, instigando-o ao matrimonio, então, sem ouvir as razões moraes apresentadas, elle levava a recusa para o campo da economia domestica, lembrando:

— Vovê, meu amorzinho, não imagina o quanto custa uma "lá garçonne".

Era esse o modo mais pratico como costumava por á margem todas as pretendentes.

* * *

Na vida dos individuos, porém, tudo se transforma, tudo se modifica. Barroso tambem não poude fugir á grande lei do determinismo Universal. Si o meio não conseguira vencer-lhe a idéa, no sentido de mudar-lhe os hábitos, alcançára, comtudo, attenuar-lhe um pouco a vida de solteiro, ligando-o, por uma affeição avassalante, á sua deliciosa e formisissima "Negra", que, eximia em matéria de artes amorosas, em pouco mais de uma semana, conseguira modificar-lhe a concepção, induzindo-o, cheia de denguices lascivas, a viver maritalmente com ella.

Unidos de alma e corpo, ali viveriam felizes, relativamente; a estudar um ao outro, numa especie de espionagem de quem se teme mutuamente, si não fôra o ciume de que os dois seriam capazes. Entre Barroso e "Negra" reinou uma paz apparente, povoada de beijos, perfumada de caricias, só de longe em longe quebrada por alguns pontapés e sopapos que elle lhe dava nos seus momentos de fundo esgotamento depressivo. Serenado o agastamento acalmada a rusga, a paz voltava mais effusiva, mais intima, e muito mais amor havia, prolongado pela noite em fóra. Nesses momentos, dentro do apartamento 1.403, chovia uma saraivada nervosa de beijos, em que os dois ebrios de ventura, a força viva das repetições, terminavam escandalosamente cançados.

— "Este mundo está errado, Barroso", — dizia-lhe a "Negra", beijando-o lascivamente a bocca. Mais hoje ou mais amanhã, você ha de bemdizer o ninho onde o nosso amor nasceu. Então, meu filho, nesse instante, a minha voz será um canto de musicas bonitas, e o seu olhar, volvido para o passado, cheio de saudades e de recordações, será o sol do meu verão clareando a madrugada da nossa vida. E serei para você o oceano que se embala á musica branca das caricias.

E assim viveram semanas inteiras. Uma noite, Barroso communicou a "Negra" a idéa de ir até a Bahia. E, para lá, elle se foi, no outro dia. Durante o tempo em que esteve em São Salvador, todos os seus pensamentos se voltaram para a mulher amada, porque é preciso confessál-o, Barroso nunca havia amado outra mulher. Filho do sertão, era ciumento, e desconfiava até da sua propria sombra. O mez em que permaneceu fóra do Rio foi, para elle, a sua maior tortura. Em seus concentramentos melancolicos, vinha-lhe sempre á lembrança, povoada de duvidas terriveis, a imagem da encantadora "Negra", que, si não era a mulher mais bella do Brasil, era, comtudo, a mais formosa e festiva das cariocas. Toda ella representava, para elle, uma fonte de deslumbramento amoroso, cheia de emoção e de recursos, despertando-lhe, dentro dalma, a chamma escaldante da volupia. Só aquelle modo lascivo, bamboleante, como ella costumava saracotear, tinha o poder de [illegible] virar, pelo avêsso, a alma de seus admiradores. Era justamente isso a coisa que mais o preoccupava, por-
e, a "Negra", já lhe valera, por

# De Adaucto Fernandes

duas vezes, algumas duzias de sopapos.

Cheio de presentimentos rondando-lhe a felicidade, Barroso partiu da Bahia, directo ao Rio. Qualquer coisa havia, nelle, muito acima da propria vontade.

Quasi automato, não sabia bem a que devêra tudo aquillo; apenas sabia que uma voz interior, — especie de presentimento intimo — lhe dizia que, apesar de todos os cuidados, uma surpreza enorme, esmagadora, aguardava o momento da sua chegada.

Ao saltar á praça Mauá, o primeiro cuidado foi tomar o automovel que o aguardava, chispando rapido, disparado, pela avenida em fóra, até á porta do palacio Esplendor, onde subiu nervoso o elevador. Ao penetrar no apartamento 1.403 do 14º andar, alli, se lhe deparou, como um descortinar de "film" americano, o vazio doloroso do quarto. Tudo estava deserto, e o pó meúdo, espalhado, em pulverizações escuras, indicava que, ha dias, ninguem alli entrára. Com que amargura, com que dor Barroso relembrou o poema do amor desfeito. Mas, resoluto, numa impulsão maravilhosa de energia moral, revolveu as roupas da cama, machucou o linho branco dos travesseiros e, apparentando uma calma que estava longe de possuir, foi á janella, onde, até mesmo o sol parecia não querer entrar. Em seguida fez vibrar, repetidamente, o tympano. O criado do apartamento assomou á entrada, risonho, desconfiado, cortez, dizendo-lhe, maneiroso:

— Dr. Barroso, a madame "Negra" mudou-se, ha quinze dias, sem dizer para onde. Ouvi falar que ella habita actualmente um lindo "bungalow" na Tijuca. O senhor me perdôe, e não me queira mal por isso, — mas, madame "Negra" sahiu daqui em companhia de um rapazola chegado ultimamente do Paraná. E' um sujeito magro, feio, quasi tuberculoso. Porém, cheio de "notas".

Deante da denuncia que acabava de ouvir, Barroso sentiu que a cabeça lhe andava á roda. Um peso de chumbo immobilizava-o todo. Com o cerebro cerrado, rilhando os dentes, interrogou, afinal:

— E não me deixou alguma encommenda, algum recado?!

— Deixou, senhor doutor... Deixou este bilhete, — disse-lhe entregando um pequeno cartão de visita.

Barroso leu-o todo, periodo a periodo, e jurou a si mesmo uma vingança á altura da affronta.

Tomado dessa preoccupação dominante, em que o amor se transformára em fonte viva de odio, Barroso não desanimou de procurá-la. A sua alma era, deante da sua enorme paixão, uma ansia continua, arfando por encontrál-a. Roubado no coração, reencetou, variado, a vida galante de homem mundano, gostando, desordenado, leviano, como todas as mulheres. Durante essas noites, eternas de encanto e de magia, não encontrou o menor indicio de "Negra". Parecia que a cidade se encarregára de escondel-a. Nos cinemas, nos theatros, nos Casinos, nos cabarets, nas praias de banho, nas avenidas, sempre a buscou baldadamente.

E quanto mais demorava o encontro, maior era a somma de odio que alimentava. Como seria dôce a sua vingança!... Vêl-a, em publico, humilhada, rebaixada, se vilipendiada, deante do amante acovardado!... Pensando na monstruosidade intraduzivel da vingança concertada, Barroso encerrou-se dentro de si mesmo, fugindo, concentrado, até mesmo de pronunciar-lhe o nome. A acção lenta do tempo, no seu empecilho, começára a influir na constituição de sua idéa. Passados quatro mezes, em su'alma havia apenas uma especie de pêso, de arrependimento, que o enchia de vergonha e de melancolia.

— Como foi que amei tanto a "Negra"? — perguntava, a si mesmo, tomado de recordações. E as saudades, como flôres murchas de um passado distante, abriram a superficie revolta de suas horas de tedio e isolamento.

Certa vez, ao penetrar no numero 1.403 do 14º andar do palacio Esplendor sentiu que fôra tomado de uma tristeza infinita, amargurante, e, em sua vida de homem, percebeu, cheio de acanhamento, que chorava pela primeira vez.

— "Barroso, este mundo está errado", — bem me dizia ella, relembrou, relanceando o olhar, sem ver, a-tôa.

E a lembrança viva da mulher amada, leviana, infiel, dilacerava-lhe a alma, rasgava-lhe o coração. Nesses momentos, o odio renascia mais forte, mais dominante dentro do cerebro, povoando-o de vinganças inenarraveis, soberbas nos requintes selvagens e assustadoras na pratica.

Cançado de procurál-a, desesperançado de encontrál-a, começou a sair mais espaçadamente. O tempo, cumprindo o cyclo do seu destino, leval-o-ia aos poucos até onde o determinismo brutal desse fatalismo ambiente entendesse arrastál-o. Quem sabe lá!? Bem poderia vêl-a ainda, humilde, soberba ou arrebatada. Durante esses minutos de profundas e amargas recordações, lamentava, humanamente, que uma mulher como aquella, tão meiga e tão bella, não lhe houvesse amado com a mesma grandeza de sentimento, com o mesmo estuar de vida e de emoção, como elle, entre todas a amára verdadeiramente.

— Como é bella! Merece até mesmo o meu perdão, — ás vezes, monologava elle, passeando, sozinho, ás horas mortas da noite, dentro do apartamento.

Mas, essa idéa de perdão morria logo, mal lhe houvesse sido decomposta.

* * *

Duas horas da manhã. O casino Beira-Mar, em Copacabana, sorria, deslumbrando de luzes e de mulheres, todos os seus salões.

Em frente, pela praia, o mar se estendia como um grande lençol de espumas, quebrando a monotonia das ruas e da avenida.

Barroso, tomado de um presentimento estranho, immerso na sombra de uma força que não via, entrou sem attentar ás maravilhas da noite, nem os encantos lascivos das mulheres que o fitavam, provocantes, cobiçosas. Afoito, quasi automato, foi directo ao salão da "Roleta", numa passada firme, cadenciada, de boneco mechanico. Subito, deante de seus olhos, m u r c h o s, inexpressivos, quasi sem côr, surgia o vulto estonteante de "Negra", mais bella, mais elegante, mais tentadora, e, cada vez mais mulher.

— Pelo amor de...

Não poude concluir a phrase. Uma bofetada, acompanhada de um pontapé, estrondou, escandalosa, dentro do salão. "Negra" ia levantar-se, chorando, quando o seu aggressor rugiu: —

— Infame!

O som estridente da injuria lhe ferira os zumbidos estonteados dos ouvidos. Era a vóz de Barroso. E ia supplicar-lhe, quando foi pegada pelos pés e arrastada pelo salão em fóra, em meio dos homens e das mulheres espavoridos, abrindo em alas, até a sahida da rua, como se arrastasse um fardo.

— Toma, infame! — deu-lhe o segundo sopapo, arremessando-a dentro da "limousine".

Depois, ficou-se a olhal-a de fóra, cheio de odio, sem saber bem o que fazer, e muito menos o que fazia, emquanto a infeliz, lá no fundo das almofadas, chorando e gemendo, recordava, cheia de razão:

— Bem que eu disse, Barroso: — "este mundo está errado"...

# CAIXA DE SURPREZAS

## PAREDES DE PALHA, INFLAMMAVEIS...

— Paredes de palha... inflammaveis, eis a ultima novidade em material de construcção. Foram exhibidas, ha pouco, numa exposição de material de construcção realizada em Berlim. A palha é prensada e queimada superficialmente e os seus fabricantes garantem que constitue o material idéal para a construcção economica e sem perigo de incendio.

## UMA MODA BIZARRA

— Na ultima temporada de verão na praia de Biarritz, as mulheres, não sabendo mais que inventar... *pour épater*, entenderam que seria *très chic* mandar pintar qualquer symbolo na unha do dedo grande do pé... Posta em pratica a idéa, os pintores tiveram que fazer e viram-se obrigados a pintar corações, escudos, monogrammas e toda especie de adornos nas unhas de suas aristocraticas clientes.

E' claro que os "artistas" tiraram o seu proveito desse capricho feminino, realizando um alto negocio á custa dessa moda original e bizarra...

## UM NOVO BOLIDO

— O inventor allemão Max Valier está realizando as experiencias de um novo typo de automovel "bolido", em Puisburg.

Esse carro, que foi baptisado com o nome de "Bak 5", é movido por um processo chamado "acção de repulsão", proveniente da expulsão do acido carbonico comprimido, por meio de tubos de metal.

## UMA CIDADE SEM... CACHORROS

— A pequena localidade de Pisek, na Bohemia, é, talvez, a unica cidade do mundo onde não ha cachorros. Em consequencia de uma morte por hydrophobia, as autoridades locaes condemnaram á morte, summariamente, todos os cães que ahi existiam, prohibindo, ao mesmo tempo, a entrada de qualquer outro dahi por deante.

# *RUBAIYAT DE OMAR KHAYYAM*

*(Traducção do original de Toussaint.)*

I

É sabido que, em meus labios,
a prece não tem guarida,
e nunca tentei falsear
os erros da minha vida.

JUSTIÇA e Misericordia,
saber se existem nem quero...
Todavia, estou confiante,
porque fui sempre sincero.

VIII

TEM, para sempre, neste mundo,
poucos amigos, buscando
não prolongar a amizade
que a qualquer vás dedicando.

ANTES de a mão extenderes
a uma outra mão, tem cuidado
sempre em pensar si ella um dia,
não te fará desgraçado.

XXVII

CONCEDAMOS que conheças
do universo o trama fino,
e das coisas a Verdade...
Qual será o teu destino?

CONCEDAMOS que viveste
cem annos de bem supino,
e que vivas mais cem annos...
Qual será o teu destino?

LIII

TEM cuidado no roteiro
que percorres, peregrino!
Como sempre, está afiado
o gladio atroz do Destino.

Si encontrares no caminho
amendoas doces e bellas,
deixa-as em paz, peregrino.
Existe veneno nellas...

LXXXV

AMIGO, nenhum projecto
para amanhã entreteças.
Sabes si irás terminar
esta phrase que começas?

AMANHÃ longe estaremos
deste caravansará,
bem iguaes aos que se foram,
ha sete millenios já...

CLVII

VÊ que tudo é soffrimento
a teu lado. A morte apanha
os teus melhores amigos.
Sómente a dôr te acompanha.

FRONTE erguida! As mãos estende,
e escolhe o que te agradar.
O teu passado é um cadaver
que deves logo enterrar.

*MARTINS DE OLIVEIRA*

# DENTRO DA NOITE

NO anno 1905, por meiados de setembro, a viuva Lécuyer, recebeu, da prima Bricard, uma carta onde esta pela centesima primeira vez lhe dizia: "quando te resolves a vir passar oito dias commigo? Não só não me perturbarás em nada, como até me darás um grande prazer. Vamos! Decide-te". Fóra de duvida, mas a senhorita Bricard póde falar assim: decidir-se, é precisamente o que, ha muitos annos, sua prima Lécuyer não poude fazer.

Ella relia a carta quando a senhora Auclair entrou, de passagem, depois de ter batido como si fôsse na propria casa.

— Ainda uma vez a prima que me escreve, disse a senhora Lécuyer.

— Ainda bem, resolve-te, finalmente! respondeu a senhora Auclair, ao corrente das insistencias da prima. Ah! Si estivesse em teu lugar, eu que tanto gostaria de viajar!... Mas, é sempre a mesma coisa. Eu não tenho parentes, não conheço ninguem em parte alguma. E depois, que é uma viagem como esta? Tres horas apenas de diligencia.

— Eu sei, disse a senhora Lécuyer; mas é o facto de fechar a casa, deixar todos os meus habitos.

— Ah! Si fôsse eu!... suspirou a senhora Auclair. Além do que, acolá, onde mora a tua prima, dizem, é muito mais interessante que aqui; sete mil habitantes em vez de dois mil, uma delegacia, ruas e ruas, o diabo e mais o trem. Duas igrejas...

Já se deixa vêr que na imaginação da senhora Auclair, as duas igrejas não faziam parte do "trem do diabo". Fôsse como fôsse, acontecimento imprevisto e coisa até inverosimil, cinco dias depois, numa quinta-feira, a senhora Lécuyer, subiu na diligencia ás quatro horas da tarde e a senhora Auclair lá estava para lhe desejar bôa viagem, com a morte nalma por se vêr obrigada a ficar.

A senhora Lécuyer é uma dessas donas de casa de aldeola que, com sessenta annos no começo do seculo XX, possuem apenas a noção absolutamente indispensavel á vida quotidiana, que nunca leram, não viram nada além da localidade onde nasceram, onde se lhes escoarão os dias. A viagem foi para ella um deslumbramento; nunca acreditou que a terra fôsse tão grande.

A's sete horas, a prima esperava-a ao desembarcar da diligencia e disse-lhe ao abraçal-a:

— Como vês, não morreste por isso!

Era noite, mas estando accesos bicos de gaz, via-se quasi tão bem como em pleno dia e a senhora Lécuyer estava admirada: lá —, agora "lá" era a pequena cidade de duas mil almas — só havia reverberos que mal illuminavam, mas não terminariamos de enumerar os espantos, por que ella passou, nessa primeira noite.

No dia seguinte, nova admiração de saber que no sub-sólo da casa cujo primeiro andar a prima habitava, morava um cégo que ganhava a vida como todo mundo.

— Ris, parece-me, disse ella á senhora Bricard?

Cégos ella conhecia que tinham grande difficuldade em mendigar. Caminham com as bengalas para frente, como os feiticeiros; por vezes tropeçam nos degráus das escadas. As roupas são apenas farrapos. Os cégos são todos rôtos. Fazem dó de vêr e da-selhes de melhor bôa vontade dois vintens que aos outros malandros que tem todos os membros

# De Henri Bachelin

vêm claro, que a esses espertalhões que parecem procurar trabalho, fazendo todo o esforço para não encontral-o; si o trabalho viésse-lhes ás mãos elles deitariam a correr á toda brida para o lado da "dissimulação".

— Não me rio absolutamente, disse-lhe a prima.

Quando iam juntas ao mercado, encontraram-no que entrava, só. Trazia oculos azues e isso não era bastante para fazel-o acreditar um cégo.

— Ah, senhor Duvigneux, disse-lhe a senhorita Bricard, estou muito contente de vêl-o.

— Outro tanto não posso dizer, respondeu elle, rindo-se. Não que eu esteja descontente, mais no sentido de a vêr...

E a senhora Lécuyer espantava-se — para não perder o habito — de vêr um cégo rir-se como toda gente.

— Eis a minha prima de que lhe falei tanta vez, replicou a senhorita Bricard, que não póde crêr que o sr. viva como toda gente.

— Sei lá, gritou a senhora Lécuyer, abalada nas suas convicções.

Ella olhava-o trajado com limpeza, de bôa apparencia, calmo, e esta imagem oppunha-se áquella que na sua memoria ella guardava dos mendigos; mas o que ella não podia comprehender era que se conformasse em viver sempre dentro da noite; para ella, era preferivel lançar-se na agua, e foi o que ella disse com alegre força de expressão.

— Pois bem, respondeu-me Duvigneux, mais depressa talvez, me lançaria n'agua si um milagre me désse a vista de que sempre vivi privado. Digo, talvez, porque no fundo, nada sei. Em todo caso, fique certa que me saio muito bem dos meus negocios. Tenho minhas occupações, meus trabalhos como toda gente.

— Que é que póde fazer de bom, meu Deus? exclamou a senhora Lécuyer.

— Eh! O que fazem muitos dos meus collegas: medições de panno, trabalhos em vime para matar as horas de folga que a minha profissão de afinador de pianos, me deixa.

— O senhor sabe musica?! gritou ainda a senhora Lécuyer, estupefacta.

— Sei o necessario para minha profissão, não me falta trabalho no lugar, mas vou tambem á todas as redondezas, em casas burguezas, castellos.

— Vês, o que te dizia? fez a senhora Briard.

— Mas nem sempre é commodo, accrescentou elle, por causa das horas dos trens, das diligencias. Na bôa estação, ainda vá, mas em pleno inverno, quando o vento sopra ou quando cáe uma chuva gelada ou a neve que não é nada mais quente e que é preciso que eu vá a estação ás cinco horas da manhã...

— A's cinco horas da manhã, em pleno inverno! exclamou a senhora Lécuyer. Mas, meu pobre homem, o senhor não deve enxergar dois palmos adeante do nariz!

# SAIBAM

FRANCISCO PARRILLA (São Paulo) — Uma leitora desta pagina, que se assignava *Lucia*, enviou-me um postal e uns prospectos de propaganda turistica. O postal trazia apenas esta indicação: "Santiago — Catedral Puerta Santa e Torre del Reloj". Os prospectos resumiam informações sobre a cidade de Santiago e da sua famosa cathedral. A missivista não me dizia o logar de onde me endereçava a sua correspondencia.

Apreciando o caso — com o fim de evitar que esta secção se tornasse um insipido *guichet* de maus poetas — e fosse qualquer coisa de espirito e leitura variada — dei a cidade de Santiago como sendo a capital chilena. Imbecilidade minha.

Porque, agora, recebo uma carta do sr. Francisco Parrilla, cavalheiro de origem hespanhola, e justamente orgulhoso das glorias da sua patria, o qual esclarece a questão. Tratase de Santiago de Compostela, linda cidade da Hespanha, e não de Santiago do Chile.

Eis a carta que o sr. Francisco Parrilla me endereça:

"São Paulo, 12 de setembro de 931. — Illmo. Snr. — Yves. — Rio de Janeiro. — Muy Snr. mio: Lector asiduo de FON-FON no dejo de seguir con admiración las respuestas y trabajos de Vd. en su sección "Saibam todos..."

En el último número (sabado 12) veo que, al responder Vd. a *Lucia*, hace una transcriptión sobre Santiago, hecha por un anuncio turístico.

Mas, se da el caso que Vd., quizás por sus muchas ocupaciones, no se fijó bastante y considera la descriptión citada como refiriendose a la capital chilena del mismo nombre.

No he podido resistir a la tentación de dirigirme a Vd., no como reproche ni con animos de ofenderlo, para pedirle si quiere Vd. rectificar su afirmación en uno de los próximos números; pués, Santiago de Compostela es una ciudad española, perteneciente a la provincia de Pontevedra (Galicia) y la catedral tomó nombre en homenaje al Apostol Santiago, Patrón de España.

Dice el anuncio turistico: "... Los estudiantes siguen componiendo capitulos de novela picaresca"...

Los que escribieron el anuncio, seguramente, hicieron mención de los estudiantes, por la celebridad que estos tienen en España, donde uno de sus mas grandes novelistas del siglo presente escribió una novela, premiada, que se llama "La Casa de la Troya" y que es como una homenaje a los estudiantes de Santiago.

Ese novelista fué, Alejandro Perez Lujin (Don Pio).

Disculpeme si fui imprudente al dirigirme a Vd., más, puede creerme que lo he hecho por la grande admiración que por Vd. siento.

Le escribo en español para que mi idioma sea como la credencial de un patriota que sintió que consideraseen a Santiago, uno de los orgullos de España, como siendo Chilena.

De Vd. affmoo. ss. ss. y admirador. — *Francisco Parrilla*."

Quem tem a gloria de ser filho da Hespanha cavalheiresca e fidalga, a Hespanha de Campoamor, de Carmen e das bellas rosas de Sevilha, de Murillo e de "sangre y arena" — tem direito a esses impulsos patrioticos.

GRACIETTE (Pernambuco) — Aqui está a sua cartinha gentil, onde v. ex. me dá noticias da nossa terra querida e me fala das criticas de que sou alvo, por parte de alguns cavalheiros inexpressivos.

Antes de tudo, uma pequena defeza.

Tenho recebido aqui algumas cartas anonymas, datadas do Rio e da capital de meu Estado, onde os seus autores põem em dúvida a minha naturalidade isto é, o logar onde nasci.

Dizem uns que não sou pernambucano, mas simplesmente carioca da Favella; outros affirmam que sou paulista, por exaltar S. Paulo; e já houve quem escrevesse "Você não pode ser pernambucano, porque veio de lá para o Rio mal acabou de nascer; de resto, renega a sua terra e a sua gente. Si é pernambucano, é um desfibrado, que ama não a sua cidade natal mas a terra alheia onde não nasceu."

Ora, tudo isso é disparate.

De facto, nasci no bairro do Espinheiro, e eduquei-me no Seminario de Olinda, tendo ainda estudado no Gymnasio Pernambucano. Sai de Pernambuco com dezeseis para dezesete annos. E claro, pois, que sou mais carioca do que pernambucano. Mas ninguem me negará o direito de considerar-me filho do Leão do Norte.

Dado porém que fosse sulista, de qualquer modo seria brasileiro, no goso pleno dos meus direitos civis, politicos e literarios.

Dito isso, posso sentir-me feliz em discretear com uma conterranea e interessar-me pela vida recifense.

Quanto aos ataques que um trefego cidadão se dá ao desfructe de fazer á minha pessôa, é coisa que me não inquieta.

O papel delle é esse mesmo. Sem querer, eu o levei na troça por esta secção; agora, elle se vinga como póde: escreve mofinas contra mim.

Teria graça, mas estaria errado, é si eu me désse ao trabalho de atacar um obscuro e inexpressivo caixeiro de jornal provinciano...

V. ex. me escreve uma carta de vehemente protesto, — contra o que elle diz de minha pessôa. Ora, é confortadora a solidariedade de uma joven bonita e de

# TODOS...

Assim, elle ficaria sabendo o triste juizo que v. ex. faz das palhaçadas delle, e a inutilidade do esforço que emprega para destruir um jornalista da metropole...

Agradeço-lhe de coração a propaganda que faz do *O Suave Enleio*, no Recife.

Quanto á sua graphia, direi que ella revela um temperamento excessivamente delicado e profundamente emotivo. Simplicidade. Bom gosto. Obstinação. Coqueteria. Deve ser myope e physicamente franzina como as bonecas de Vienna.

MNEMOSYNE DE SERGIPE (Sergipe) — E' curioso! De quando em quando, as leitoras de "Saibam todos" se recordam de assediar-me de inquéritos, de investigações, de perguntas, no sentido de colherem uma opinião, um juizo, uma palavra minha, sobre o amor. Mas, depois disso, nem ellas ficam acreditando mais, nem menos, que elle exista, que se possa amar, ou não se ame...

Sim. Porque quando a gente ama, faz como aquelle pescador de Oscar Wilde...

Todos os dias o homem do mar, saía na sua embarcação para o alto oceano. Passava o dia todo, no seu insano labor, entre as vagas fragorosas e o céo azul.

De regresso, encontrava na praia a gente simples da sua aldeia, que o vinha crivar de perguntas. Elle affirmava sempre que tinha visto sereias lindas e conversava com ellas. E todas aquellas almas se deliciavam com as fantasias do velho pescador.

E' claro que elle nada via. A não ser os peixes que apanhava na sua rêde prodiga e amiga.

Uma tarde, porém ao retornar a terra, choveram as mesmas perguntas:

— Então, tio John, que nos conta hoje?

E outro, não menos curioso:

— Viu as sereias de sempre? Falou com ellas?

O pescador, porém, não sorriu. Baixou a cabeça rude e desatou a chorar.

E' que, naquelle dia, elle tinha visto, de facto, uma sereia.

E' assim quando se ama. Fala-se no amor, com indifferença ou por *blague*, quando na realidade não se gosta de alguem. No dia porém em que o coração é assaltado pelo deus travesso e mau, não ha vóz que se levante para lhe pronunciar o nome, e muito menos para procurar definil-o.

Em todo caso, aqui vae a sua carta:

"Yves. Você sabe que sou sua admiradora? Não? Pois sou.

Gosto muito de ler esta revista e o que mais aprecio é "Faianças" e "Saibam todos"...

Sei que você não gosta de elogios, no entanto, permitta que o diga.. admiro o espirito fino, a ironia pitoresca das suas respostas. Falando em "respostas" lembrei-me de fazer uma "pergunta":

Diga-me Yves, foi com sinceridade que você escreveu estas palavras:

"Mesmo assim, é bom não esquecer que o amor vence todas as muralhas difficeis. O amor é forte como a morte, disse Salomão".

E' mesmo assim, Yves?

Não creio!...

*Mnemosyne de Sergipe*"

Não crê que o amor vença muralhas difficeis? Naturalmente é porque v. ex. não conhece senão amores côxos, claudicantes, pernêtas, aleijados, em summa, incapazes de saltar uma janella.

BERTO DE CAMPOS (Bahia) — Caro confrade. Perdôe-me não lhe escrever directamente. São tantos os meus affazeres... E, por maior que seja o meu desejo em lhe enviar uma palavra gentil, não tenho tempo para fazel-o.

Aqui estão a 2ª edição do seu bello poema *Rosa Morena* e a primeira de *Palavras em surdina*.

Com relação ao primeiro, o caro collega já conhece de sobra o meu juizo. E' um livro lindo, que impregna a nossa alma de uma doçura triste e suave. *Palavras em surdina* é, ainda o poema de um verdadeiro poeta, que escuta a vóz do proprio coração, para depois cantar o que sente. Cantar? Não é bem cantar. E' contar. Porque os versos de *Palavras em surdina* são feitos para as *causeries aimables*, ao canto de um salão, onde ha um divan, uma creatura bonita e amada e um *abat-jour* para deitar uma penumbra violeta — ou côr de rosa? — sobre as silhuetas que se abraçam e se beijam. Sim, por que sendo de amor, falando das almas que se querem, que soffrem e sonham, os seus poemas acordam desejos frementes de paixão, velhos sonhos que se apagaram nas nevoas longinquas das horas passadas, em tropel, ou como sombras de sêda, — simples fantasmas fugitivos — sensibilizando as almas singelas com a sua musica florida — como dizia Camille Mauclair...

Parabens, poeta.

Mande-me uma photographia sua, e eu darei uma nota sobre o seu livro. Mande *Palavras em surdina* para o secretario. De abraços no Francisco de Mattos e no Amado Coutinho. Sim?

J. MIRANDA (Capital) — O sr. me dirige uma carta com um azedume, ou antes, um tom de aggressividade que, afinal, não tem explicação.

Creio que nada fiz ao sr. para lhe merecer essa antipathia gra-

(Continúa na pagina seguinte)

tinta. Não o conheço. Nunca ouvi falar em J. Miranda (a não ser a firma do meu padeiro). De modo que o sr. não tem motivos para me atacar, como o fez.

Ou é que lhe metti alguns versos na cesta?

Infelizmente, a sua missiva é vasada numa linguagem desabrida. Isso impede que a publique na integra — como seria do meu dever e desejo.

Della, darei no entanto, os trechos mais passaveis, resumido, em expressões decentes, o que não puder publicar textualmente.

Diz o sr. que o meu confrade Stenio de Sá, de Pernambuco, parece estar despeitado com o Dr. Oscar Brandão, que realisou, aqui, ultimamente, uma conferencia sobre "Pernambuco intellectual", e não lhe citou o nome. "Mas de outro modo — escreve o sr. — é igrejinha de elogios mutuos pois Stenio esqueceu, entre outros, José de Sá, jornalista de valor, João Barretto de Menezes (de quem, não ha muito, *Fon-Fon* publicou retrato e biographia), Manoel Caetano — o principe dos jornalistas recifenses e que fez bella trindade com Balthazar Pereira e Gonçalves Maia, Carlos Lyra Filho, que embora aposentado, é jornalista de pulso, João Vasconcellos, um bello ensaista, Annibal Fernandes, Humberto Carneiro, Gilberto Freyre, Mario Melo, muito combatido, mas de apreciaveis qualidades e outros e outros.

No entanto seu Stenio cita uma porção de nullidades *futuristas* que envergonham nossas letras. E' verdade que cita alguns bons, mas em minoria. Esqueceu tambem: Luiz Cedro, Barreto Campêlo, Ozorio Borba, Edwiges Sá Pereira, Austro Costa, e outros que, de longe não me recordo agora.

Pedir rectificação é inutil pois V. S. é infallivel! Mas não se fie em certos informantes.

Sem mais um leitor assiduo, — *J. Miranda.*"

Rio, 20-IX-931.

Agora falo eu, para defender o sr. Stenio de Sá. Não conheço esse escriptor, como não conheço o sr. Não conheço, senão de nome, os que cita na sua missiva.

Cumpro, porém, um dever de honestidade literaria, declarando que a carta do sr. Stenio data de dezembro de 1930. Precede, portanto, de varios mezes a conferencia do dr. Oscar Brandão. Mais ainda. Toda vez que elle escreve a esta secção é para falar

## S A I B A M

nos intellectuaes pernambucanos, exaltando-os, defendendo-os, revelando-os, e não raro, cita os nomes de muitos que o sr. relembra com justiça.

Pelo que me toca, devo accentuar que conheço, — de nome apenas — muitos desses nossos conterraneos, a quem admiro e acato com a maior sympathia. E toda vez que sou procurado, na redacção, por este ou aquelle, não me furto a lhes render as homenagens a que fazem jús.

Isso não impede que eu, como agora se prova, — tenha inimigos surdos, de cujas mesquinharias procuro collocar-me á distancia, com superioridade e altivez.

Commentando a sua rectificação e fazendo esses commentarios, não faço senão dar uma prova cabal de lisura.

MISS ATLANTICO (Capital) — E' verdade o que me diz? Pois olhe, eu lhe faço a mesma affirmativa. De resto, v. ex. me tem offerecido tantas e tão delicadas lembranças? Recorda-se do copo azul? Coitadinho! Quebrou-se...

Até me lembra a canção infantil:

*O copo que tu me déste*
*era vidro, e se quebrou...*

Do amor, nada posso dizer. Mas posso assegurar que sempre me inspirou a maior sympathia.

Creio que consegui quebrar o seu anonymato. Será aquella garota parecida com Clara Bow?

Vamos! Um detalhe ao menos, senhorita!

MARCIUS (S. Paulo) — Oh, illustre collega. Collega, em letras, bem entendido. Pois não tenho o prazer de possuir um diploma de medico.

Volta o sr. depois de tres ou quatro annos. Como tudo mudou hein? Naquelle tempo.... Ah, caro doutor, recorda-se da dama dos "olhos côr de bronze?" Soube que ella morreu. Mas si não morreu, de facto, — physicamente, — morreu... morreu de qualquer modo... Percebe? Uma creatura que se encontrou na vida, e depois desappareceu como um perfume que foge, de um vidro destampado, é uma creatura que morre, para todos os effeitos. Todos os effeitos? Não digo bem. Morre talento. Mas é pouco efficiente para o caso em apreço. Bonito e logico seria v. ex. dirigir ao tal rapazelho, de fumaças e pruridos literarios, cópia da missiva que me envia.

# T O D O S . . .

Para a imaginação, perturbada pelos entrechoques da vida quotidiana... Mas bem póde estar rediviva...

Emfim...

A sua collaboração fica á espera de um logar de mais destaque.

FRANCISCO J. DE CARVALHO (S. Paulo) — O endereço dos immortaes a quem se refere é — "Academia de Letras — Avenida das Nações — Rio". Basta isso. O de Mendes Fradique (Dr. Madeira de Freitas) é — Rua Republica do Perú, 22 — 2º andar.

Uff! E' muito prosaica a sua consulta, illustre Francisco José... Tão prosaica, tão vulgar, que, nella, o sr. me chama "seu" Yves"...

Para que esse "seu"? Acaso, ao me pedir um favor, foi o melhor tratamento que achou? Por que não diz — "Yves, *tout court*?

Até parece que eu é que sou o "seu" Francisco José...

ALMA (?) — Ao passar os olhos pela sua carta de hoje, tive a decepcionadora impressão de que v. ex. lê pela cartilha de S. Thomaz — o homem que préga e ensina o que não faz...

O equilibrio do seu sepirito, (isso lhe quero fazer a justiça que merece) a clareza das suas idéas, a intelligencia e discernimento com que encara os problemas do amor, me fizeram sentir, através o seu pseudonymo, — essa coisa vaga e intangivel — uma personalidade brilhante, forte, vivida, dotada de larga capacidade de acção.

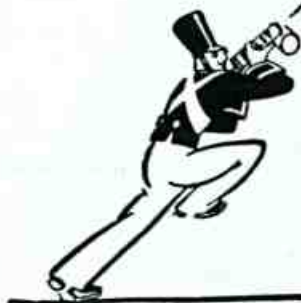
Agora, porém, v. ex. me decepciona, amargamente. Lembra-me um esgrimista valente — mas capaz de só empunhar florêtes de papelão.

V. ex. fala em "amores renovados" em "seus sentimentos pela vida" — mas, escondida, e bem escondida, por traz do seu incognito.

Espera que o cerebro, o espirito, a alma, o coração, (tudo somado, dá um homem, creio eu) espera que tudo isso vá ao encontro da sua illustre pessôa... Isto é, ao encontro de uma... *Alma*.

Em que mundo? No "outro"?

Não me parece que as almas, que esperam um "cerebro, um espirito e um coração", andem vagando além por "este valle de lagrimas"... Quando as almas são muito pobres de espirito — de accordo com o *Sermão da montanha* — vão para o reino da gloria... A sua, porém, como é uma *Alma* intelligente, deve estar vagando nos espaços, como a senhora mãe de S. Pedro e os anjos...

ISA DE HUGOMAR (S. Paulo) — Sim. Será attendida.

YVES

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

*Todo e qualquer correspondencia destinada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.*

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 3-10-931

Data da consulta ..........

Nome do consulente ..........

..............................

# A CARTEIRA

CELESTINO TRIPORT, joven empregado em uma quitanda da rua Faubourg-Montmatre, havia sahido para effectuar uma diligencia por conta de seu patrão, quando, ao passar pelo Boulevard des Italiens, tropeçou com um objecto bastante volumoso, e o apanhou. Era uma carteira.

Abriu-a e viu que havia dentro dois bilhetes de mil francos e tres de cem francos. Quando regressou, mostrou a seu patrão o que havia encontrado.

—Muito bem, rapaz — disse este. — Agora, é preciso indagar onde móra o dono da carteira. Póde ser que o endereço esteja dentro.

E, revistando a carteira, encontrou um cartão com os seguintes dizeres:

WILLIAM BENGTON
*Engenheiro americano.*
*Grand-Hôtel*

—Vaes levar tudo isto ao Grand-Hôtel, Celestino. Perguntarás pelo senhor Bengton e lhe devolverás o que lhe pertence...

—Perfeitamente, patrão.

E o joven empregado partiu immediatamente.

—Que honesto e bom rapaz! — pensou o patrão.

Celestino voltou ao cabo de uma hora.

—Ja fiz o que o senhor mandou, e o senhor Bengton me felicitou e me deu cem francos.

—Isto te prova, menino — disse-lhe o patrão, com ar sentencioso — que a probidade é sempre recompensada e que o homem honesto é estimado por toda a gente honesta.

—Certamente, senhor — approvou Celestino.

Mas, no dia seguinte, não appareceu na casa onde trabalhava. O dono do estabelecimento, surprehendido perguntava a si proprio si o rapaz não teria ficado com os bilhetes de banco.

No segundo dia, tambem Celestino não appareceu, e o bom homem, desconfiado cada vez mais delle, resolveu ir ao Grand-Hôtel afim de falar com o senhor William Bengton.

Este se apressou a recebêl-o.

O patrão de Celestino entregou-lhe seu cartão, adornado com assadores e gallinhas. Um commerciante hábil deve aproveitar toda bôa occasião de tornar conhecido seu negocio. Não é verdade?...

—Não preciso de nenhum quitandeiro — disse o engenheiro.

—Isso será para outra vez... — contestou o commerciante, sorrindo amavelmente. — Agora não se trata de offerecer-lhes meus serviços. O senhor perdeu, ha tres dias, sua carteira?

—Com effeito. Foi o senhor quem a encontrou?

—Não, senhor. Foi um de meus empregados, e eu vinha perguntar-lhe si elle lha devolveu.

—Ninguem veiu procurar-me — disse William.

—Eu já o suspeitava! Desde esse dia não ap-

pareceu mais. Corramos a sua casa.

Apressou-se William a acompanhar o amavel commerciante, que se dirigiu para a rua Trois-Bornes, onde residia Celestino com sua mãe.

O empregado perturbou-se ao ver seu patrão.

— Aqui está o senhor Bengton, que vem reclamar sua carteira. Que fizeste della, tratante?

— Perdôe-me, patrão. Não a tenho mais. Entreguei-a a minha mãe, para que a devolvesse a seu dono.

— E' verdade isso?

— Oh! Sim, patrão.

— E a carteira, ao menos, está intacta?

— Só tirei della oitenta francos para comprar um relogio para minha noiva. Devo casar-me depois de completar o serviço militar.

— Já tirou oitenta francos? — perguntou William, inquieto.

— Apenas, senhor. Minha mãe lhe devolverá o resto. Mas, como trabalha no mercado, ella só volta á noite...

— Esperal-a-emos — disse o quitandeiro.

Afinal, chegou a mãe.

— Vêm buscar a carteira, senhores? — perguntou ella. — Quanto sinto! Não a tenho mais. Não tinha tempo de leval-a, e então, a dei a meu irmão, que é sapateiro remendão e mora na rua Amandiers.

— Mas ao menos, não tirou nada da carteira?

— Oh! Sim, senhor. Mas pouca coisa: cento e noventa francos para pagar meu aluguel... Perdôe, senhor. Eu devia dois trimestres ao proprietario e ando muito sem dinheiro.

— Não percamos tempo — disse o dono da quitanda. — Voemos para a rua Amandiers!

— Contanto que o irmão não tenha tambem tirado algum dinheiro da carteira! — pensou o americano, seguindo o commerciante.

Tomaram um carro para chegar mais depressa á casa do remendão, que se mostrou muito surpreso ao saber do que se tratava.

— Que falta de sorte! Chegaram muito tarde.

# De Eugene Fourrier

Não tenho mais a carteira: dei-a a meu cunhado.

— Intacta? — perguntou o patrão de Celestino.

— Não, senhor — respondeu o outro, perturbado. — Eu e minha mulher estavamos sem roupa, e, não sabendo si se poderia encontrar o senhor... tomei emprestado trezentos francos.

Bengton fez uma careta.

Retiraram-se, depois de tomar nota do endereço do cunhado, que era estucador e morava na avenida de Orléans. Como já era tarde, deixaram para ir no dia seguinte.

Quando, na manhã seguinte, chegaram á casa do estucador, o encontraram sentado junto a uma mesa copiosamente servida e em companhia de alegres amigos.

— Receio muito que seja com meu dinheiro que estão se banqueteando — suspirou o americano.

— Que desejam? — perguntou, amolado, o

(Conclue na pag. seguinte)

# A CARTEIRA (conclusão)

estucador, porque o incommodavam.

Bengton fez-lhe saber o motivo de sua visita, o que empallideceu o homem.

— De maneira que vêm buscar a carteira? — balbuciou. — Não está mais em meu poder. Dei-a a meu primo, para que a levasse a seu proprietario.

— Mas, naturalmente, depois de ter tirado um punhado de bilhetes, não?...

— Devo confessar ao senhor que guardei uma pequena somma.

— Quanto restava ainda na carteira? — perguntou o engenheiro.

— Mil e trezentos francos.

— Apenas mil e trezentos francos! Si isto continúa assim...

O primo era um relojoeiro da rua Demourz. O americano e o quitandeiro o encontraram fiscalizando uns operarios que estavam pintando a fachada de seu estabelecimento.

Quando o relojoeiro soube do que se tratava, ficou envergonhado.

— Senhor — disse — eu não esperava que reclamasse tão depressa sua carteira, e, como minha casa estava precisando de uma pintura, tirei setecentos francos...

— Setecentos francos!

— O senhor me desculpará, mas o estabelecimento estava tão sujo!

— Ao menos me devolva o resto.

— O resto eu depositei em casa de meu sobrinho.

— Isto é demais! — gritou o commerciante.

— Elle mora em Lavallois, onde acaba de abrir uma casa de bebidas — explicou o relojoeiro.

— Com meu dinheiro, sem duvida? — exclamou o dono da carteira.

— Vamos a Levallois — ajuntou o quitandeiro.

Encontraram o sobrinho installado atraz de um balcão vistoso e offerecendo aos presentes perfumadas amostras de licores.

— Devolva-me minha carteira — disse o americano, dando-se a conhecer.

— Vou já devolver-lhe, senhor. Está em meu escriptorio. O senhor me desculpará. Havia muito tempo eu queria me estabelecer, e, como não tinha capital, me servi de seu dinheiro. Mas sou um homem honrado: restam dez francos, que lhe vou devolver.

— Não vale a pena.

— Permitta-me, então, offerecer-lhe um copo de bebida. Sou eu quem convida hoje. Que deseja tomar?

— A porta — disse o americano.

E retirou-se dignamente, acompanhado do dono da quitanda...

NA AFRICA — Que calor insuportavel!
— Queres que te conte uma historia que te faça gelar o sangue nas veias?

# AS TRES IRMÃS DE YORK (Lenda ingleza)

HA muito tempo, viviam em York cinco irmãs muito formosas. Sua casa estava situada no meio de um delicioso vergel, onde cantavam, incessantemente, os passaros.

As cinco irmãs viviam para cantar e recrear-se nas coisas mais bellas do mundo. Sentadas no musgo do jardim, costumavam bordar, todas juntas, um trabalho que sua mãe lhes deixára, ao morrer, dizendo-lhes que o continuassem em seus momentos de ocio, e que, si alguma vez as tentações lhes entrassem no coração, um simples olhar áquelle trabalho bastaria para preserval-as de todo mal.

Um dia, chegou um peregrino.

— Parece que estaes muito alegres — disse elle, ás irmãs.

— E quem ha de estar triste vendo tão bellos o céo, a terra e o sol? — respondeu Alice, a mais moça e a mais alegre das irmãs.

O peregrino falou, então, gravemente:

— Sempre desperdiçando horas preciosas, sempre perdendo o tempo em coisas inuteis. Horas virão em que, ao pôr o olhar nesse trabalho que bordaes, se abrirão em vosso coração profundas feridas.

E partiu. Passou o tempo, e as irmãs continuavam rindo em seu jardim. A's vezes, se ouvia o ruido de uma armadura, e os raios da lua illuminavam um casal que percorria os caminhos.

Mas, com os annos, voltou o peregrino, e encontrou o jardim deserto.

Alice a mais moça das irmãs, havia morrido.

— Abandonae vosso trabalho — disse o peregrino ás quatro irmãs — e dedicae vossa vida a coisas mais nobres.

Então, as irmãs encarregaram a um artista que fizesse com os motivos de seu trabalho uns vitraes, que foram collocados no tumulo de Alice. E, diariamente, as quatro irmãs iam visitar o tumulo da morta.

Annos depois, só tres iam ao cemiterio. Depois duas e, finalmente, uma.

Hoje, as cinco irmãs dormem, no mesmo tumulo, o seu somno eterno, e o sol, através dos vitraes, projecta sobre a lousa que cobre seus corpos os desenhos do trabalho que não foi terminado.

O espirito de alegria mantém-se, assim, na terra, apesar da morte e apesar do pessimismo.

— Sabes o que quer dizer "vice versa".

— Sei. Por exemplo: quando acordo com os pés no travesseiro...

# Aristocratas

PELA sua pureza, pelo seu prestigio, pela sua excellencia no mundo da therapeutica a

## CAFIASPIRINA

impoz-se á sympathia e ao respeito do publico. Remedio para todas as classes elle é, entretanto, o remedio aristocrata que não se confunde com imitações e succedaneos. Recommenda-o a "Cruz Bayer"; consagra-o a sua provada efficiencia na cura de todas as dôres e a virtude caracteristica de ser de todo inoffensivo.

Por isso é universalmente proclamada

**o remedio de confiança**

●

Exija-se a emballagem original: tubos de 20 comprimidos, enveloppes de 2 e discos de um comprimido.

●

NUMERO 40

FON-FON

ANNO XXV

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 3 de Outubro de 1931

# DA TIMIDEZ DAS MULHERES...

QUE penso da timidez das mulheres?...

Ah! prefiro não pensar, minha galante amiga.

Mulheres timidas!

Pois sim...

Neste instante, acabo de lêr umas paginas deliciosas do querido Afranio Peixoto, e dellas tirei algumas conclusões que se ajustam como luvas para o nosso caso.

*Xuleika* ou o *premio da virtude*, é uma historia começada no Cairo, e cujo epilogo encontramos no 236, segundo andar do Winter Palace, em Thebas.

Justamente a prova provada da timidez de uma mulher...

Escreve Afranio que ha em Nova-York, na intersecção de Broadway com a Quinta Avenida, um edificio triangular, o *Iron Flat Building*, — o "ferro de engomar", em cuja esquina um vento constante suspende as roupas das mulheres; e como suspende tambem a poeira do chão, ella vem ter aos olhos dos homens.

Um distico, já popular, commenta jocosamente: "O Diabo é máu, levanta as saias das mulheres; mas Deus é bom, lança pó nos olhos dos homens."

Achou o illustre escriptor bahiano que no Cairo tambem era assim. De tão fracas, as mulheres estariam cahindo a toda a hora, si os homens não fossem tão vaidosos, e o tentassem, a qualquer hora.

A moral é salva, tantissimas vezes, porque, tendo dado o Diabo a fraqueza a um sexo, Deus, ao envés, deu a vaidade ao outro. Nunca se saberá, bastantemente, como, por isso, não ousam. Si ousassem... que calamidade para a moral!

Eu sei...

Observações para uso externo, o que de maneira alguma impediram a timidez ou a fragilidade de um sexo vencer a vaidade do outro.

Sabe você, por acaso, minha amiga qual o ponto do Rio onde mais venta? Não observou ainda?

E' alli, na esquina do Palace Hotel, em direcção ao Castello.

Constantes rajadas sopram, indiscrétas, levantando tambem as roupas das mulheres. Porém, como a cidade é limpa, bem tratada, não ha poeira para tapar os olhos dos homens.

Por isso, talvez, não houve necessidade de se collocar, no sitio, o tal distico de Nova-York...

Na parede da esquina do Palace, apenas encontramos uns annuncios suggestivos, umas figuras reclames de certo theatro que, ameaçado de morrer de *urucubaca*, explora o genero amoral, na expectativa de arranjar publico para as despezas dos impostos, ao menos.

Então, como ha vento e não existe poeira, que acontece?

Coisa simples: o Diabo actúa no animo dos dois sexos. Apanhando as saias, a mulher sorri, emquanto o homem, de olhos bem arregalados, commenta a *bondade* do Diabo...

A timidez não se manifesta em qualquer dos lados.

Subsiste sómente o atrevimento dos sexos, e quando a gente procura pela Moral, ella se ausentou, corada de vergonha...

Ahi está o que penso da timidez das mulheres: corre parelhas com a dos homens.

Pelo menos no Rio.

Tropical.

Será mesmo assim?!

E'...

Essa historia de Zuleika foi inventada apenas para jogar poeira nos olhos da humanidade.

Vamos contrariar Afranio.

A vaidade das mulheres, a timidez dos homens...

Parece que tambem estava certo.

Fosse eu vaidoso e você timida, que aconteceria?

Nada...

Eu timido e você vaidosa, que resultaria?

Ainda nada.

Porém, como somos ambos atrevidos, que póde succeder?

Tudo...

Então, estamos de accôrdo.

O amor não é uma surpreza para ninguem, no seculo que vivemos.

Não precisamos correr atraz delle, para alcançal-o.

Quando abrimos os olhos para a Vida, verificamos que o Diabo collocou Cupido na palma das nossas mãos.

Resta-nos o dever de festejál-o, nada mais.

E' o que fazem os homens, as mulheres, sem timidez nem vaidade...

MARIO POPPE

# GARÔA.

FIM de inverno. Dona Geada, lá em cima, salpica sobre a terra os ultimos pingos de crystal dos seus cabellos nevados e pensa na partida... As suas malas e as do seu companheiro, D. Inverno, já estão promptas para a longa viagem que vão encetar.

E' uma bagagem interessante. Um grande balão, tufado de vento, que, sirenando, irá annunciar por ahi a fóra a passagem do casal todo branquinho e todo tremulo...

Uma arca cheia de travesseiros brancos, um pouco encardidos pelas constantes travessias sobre o mar...

Uma outra arca cheia de pequeninas pontas de crystal, que representam o brinquedo predilecto desse velho peregrino, cujo halito gelado cresta os brotos das roseiras e que, num abraço violento, despe as arvores e estraçalha os ninhos que as frondes protegiam.

Tambem faz parte da bagagem um grande sacco, que parece muito pesado e contém apenas o nada, o vazio tedioso dos dias opacos e das tardes côr de cinza...

Uma grande caixa de ebano que encerra um livro; um livro negro que traz em cada pagina uma tragedia, em cada folha uma historia de desengano e amargura. O grande livro plebeu, cadastro das ruas, a cada instante sacudidas pelo bafo cyclonico das paixões humanas, sempre as mesmas, através dos seculos, desafiando o progresso e a civilização e todas leis de Deus e dos homens...

O balão já está içado para o seu grande vôo; as arcas estão fechadas. Mas, nos bolsos do seu casacão de pelles, o nosso hospede de barbas brancas leva um punhado daquellas pontinhas de crystal para brincar ainda um pouco de velho garoto.

E por causa desse brinquedo, a terra ainda se encolhe toda, num arrepio longo, que faz tremer até o espelho translucido dos lagos silenciosos...

Ligeiras, quasi escondidas nas suas pelliças, as silhuetas fim de estação caminham no passeio fronteiro.

E no painel cinzento da tarde ha como que um reflexo de vida e de côr...

Ellas passam. Vão levar ao Triangulo um pouco do seu perfume e da sua graça.

Vão ver nas vitrines das grandes casas os vestidos claros, as capellines de palha e outras suaves embaixatrizes da primavera que não tarda...

E vão ver "Marrocos" e vão ver "Inspiração", de um antiquado e delicioso sentimentalismo.

E os pequenos marquis e os vêosinhos quasi imperceptiveis e a pintura mais ou menos artificial, tudo vem do passado, de uma éra de romantismo e sentimento.

Vem do sentimentalismo e do romance, tão ridicularizados por ellas, as modernas inspiradoras do velho romance, sempre novo, que toda gente lê, que muita gente escreve e ninguem comprehende, porque sentir não é comprehender...

Silhuetas fim de estação, meninas moças, mulheres, seja qual fôr o seu credo, a sua posição social, o seu nivel de cultura, ellas todas vão ver as ultimas creações da moda. E vão sorver, por alguns minutos, o mel embriagador do galanteio, mudo ou indiscreto, conforme o gráo de educação, dos que as esperam, nas esquinas e nas praças, nessa hora de chá e de elegancia...

E vão em busca de um minuto de emoção que ha sempre no olhar de um homem, para illuminar ou destruir um pequenino e tolo coração de mulher.

Depois, quando as cinzas da tarde se esboroam no tição apagado, que vem descendo lá de cima, e a féerie das luzes muda lentamente o scenario da cidade, ellas voltam, ainda mais apressadas e mais escondidas nas suas fourrures, como figurinhas importadas de Paris ou Nova-York, para inspirar admiração e acceitar a aleivosia e a maledicencia dos que não sabem apenas admirar...

Fim de inverno, por que não serias tambem o fim da maldade, o fim do preconceito que tolda a alegria e augmenta esse ar triste que tem a cidade dos arranha-céos?...

COLOMBINA.

# DUVIDA

— Você está triste?

— Estou.

— Por que?

— Ha motivos...

— Serei indiscreto em insistir...

Sylvio Carlos atalhou:

— Já sei... Quer que lhe conte tudo... Não é?

Renato Freire disse:

— Tudo? Não entendo...

— Sim... O meu caso... Isto é, o meu rompimento com Heloysa...

Renato deixou de olhar as mulheres que passavam. O bar se esvasiava áquella hora da noite. Olhou o relogio: sete horas. Ainda tinha tempo para ouvir a historia sentimental do seu velho amigo de infancia.

Falou, interessado:

— Rompeste com Heloysa?

— Era inevitavel...

— Com certeza, houve uma razão ponderosa... — insinuou Renato, bebendo o seu *drink*.

Sylvio engoliu o Cingano que dançava no copo de crystal, deante dos seus olhos. Depois de uma pausa, suspirou:

— Houve uma razão poderosa: a duvida!

O outro se alarmou.

— Heloysa não era sincera, Sylvio?

— Não sei. Talvez fosse sincera. Talvez fosse insincera. O que matou o nosso affecto foi justamente essa duvida terrivel.

E ajuntou em seguida um pequeno silencio:

— Digo duvida terrivel porque, no começo, ella era realmente sincera. Duvidei sempre de suas palavras, baseado nesse principio de psychologia feminina, que adoptei para meu uso: "A mulher, podendo dizer uma verdade facil, prefere dizer, antes, dez mentiras difficeis..." Duvidava... Um dia ella passou a mentir com revoltante desfaçatez. Comprehendi a minha injustiça. Pedi-lhe perdão, e conceitei-a a ser, como dantes, leal e verdadeira...

— E ella?

— E' ahi que começa a minha duvida... A's vezes, ella me falava com doçura, com serenidade, como a medir as palavras; outras, falava exaltada, como si me quizesse convencer com a sua exaltação. Quando seria verdadeira? No primeiro caso ou no segundo? Pensava, reflectia longamente. E, de subito, lá me martellava a cabeça o velho conceito adoptado por mim: "A mulher, podendo dizer uma verdade facil..."

Renato interrompeu:

— E as suas manifestações affectivas? E os seus olhos? E os seus beijos? E as suas penas, as sua dôres, as suas saudades? Nada disso era bastante para dissipar a tua duvida?

— Meu caro, a duvida, em amor, lembra a mancha de oleo sobre o marmore: alastra-se, amplia-se...

Renato concluiu:

— Entretanto, é bom não esquecer estas palavras sabias de Schuré: "L'homme ne voit la verité face à face que deux fois: dans l'amour et dans la mort"...

ÍVKS

(Photo De los Rios)

A senhorita Noemia Brasil não é apenas uma linda e graciosa figurinha da alta sociedade cearense. E', tambem, um bello e fino espirito de mulher, intelligente e culta.

O illustre provinciano foi apresentado á interessante viuvinha, e ficou tonto.

Abysmou-se em scismares, concluindo que seria coisa facil prendêl-a nos braços, para a satisfação de umas tantas fantasias. Traçou o plano e deu começo á execução do mesmo.

Foi a uma casa de flôres, adquiriu um lindo apanhado de rosas, encaminhando o mimo á residencia da viuvinha.

Ella recebeu as rosas, adivinhou a procedencia, mas não agradeceu, porque a offerta era anonyma; não fôra acompanhada siquer de um simples cartão de visita.

Ao dia seguinte nova surpreza, pelo mensageiro: uma caixa de bombons finissimos.

Ella, que é louca por *bombons*, devorou-os, e não agradeceu tambem.

Depois, recebeu uma collecção de livros, as ultimas novidades do mercado parisiense.

Amante da bôa leitura, matou o tedio dos dias chuvosos de setembro, percorrendo enlevada as paginas das brochuras francezas.

E mais flôres, e mais bombons, diariamente, foram ter á residencia da creatura de grandes olhos negros.

Finalmente, quando o provinciano imaginou que a viuvinha estava com a bocca doce e a alma inebriada pelo perfume das flôres, animou-se, procurando visitar a deidade, para colher os frutos...

Ella o recebeu com fidalguia, mas, no decorrer da palestra, não alludiu nem de leve ás flôres, aos bombons, aos livros.

Elle tonteou com a reserva da viuvinha e quiz bancar o marido...

— Tinha sabido de coisas! — balbuciou medroso — De umas coisas...

Ella, firme, fingiu não comprehendêl-o, passando a outro assumpto.

Por fim, elle não resistiu e indagou si havia recebido pelo mensageiro...

— Ah! sim, que amabilidade, como era gentil! Mas, nunca havia imaginado ter partido delle... Francamente, não podia ter adivinhado, pois nem siquer um cartão de visita acompanhára a offerta...

— Então?!

— Muito obrigada.

— Só isto?!...

— Ah!... As flôres murcharam, morreram... Os bombons desappareceram... Mas, os livros posso devolvêl-os, meu caro senhor...

E, concluindo a phrase, levantou-se, num gesto rapido, para apanhar os volumes.

Elle comprehendeu que havia perdido a partida.

Livido, ganhou a porta da rua, fugindo desesperado...

O THEATRO BRASILEIRO

Procopio Ferreira, o grande e querido artista brasileiro que é o empresário de si mesmo, e a quem o theatro nacional tanto deve de dedicação e de estimulo, vae deixar-nos por algum tempo, tendo já seguido para S. Paulo nos primeiros dias da semana, depois de uma despedida memorável da platéa carioca — o seu publico de todas as noites, no Trianon. Procopio realizou a sua festa artística na terça-feira ultima, 29 de setembro, e conseguiu, mais uma vez, interpretando «Mercadet», de Balzac, empolgar os seus admiradores que encheram as duas sessões do theatro da Avenida. Logo no dia seguinte, partiu para a capital paulista, ali estreando no theatro Apollo, na noite de 1.º do corrente, alcançando, como sempre acontece, novo e brilhante êxito. A peça com que Procopio ali se apresentou foi «O Bôbo do Rei», um dos maiores successos da sua temporada nesta capital. Deixando S. Paulo, onde representará durante alguns mezes, o illustre artista e sua companhia, da qual fazem parte vários elementos de incontestável valor, seguirão para o extremo sul, devendo em março de 1932 estrear em Porto Alegre, que já tem applaudido e consagrado com enthusiasmo o creador de tantos typos notáveis da nossa scena theatral. Procopio Ferreira leva para essa sua excursão aos Estados meridionaes o melhor repertorio que já representou até hoje, com peças nacionaes e estrangeiras de grandes méritos.

A galante professora está visivelmente impressionada com a buzina de certo automovel.

Quando o vehiculo passa pelas immediações da residencia da professora, o *chauffeur* amador, systematicamente, faz fonfonar a buzina.

Ella, quando ouve o ruido, abre a janella do lado, debruçando-se no parapeito, até o automovel sumir na esquina proxima. Coincidencia, certamente...

Sim, legitima coincidencia, que se tem registrado ás vezes em horas avançadas da noite, quando o bairro dorme das fadigas do trabalho diario e os gatos vagabundos montam guarda trepados em velhos muros...

O mundo está cheio de coincidencias, por vezes até perigosas...

Não vá o papá accordar com o som da buzina, o ruido de janellas que se abrem, e depois...

Dizem que o *chauffeur* amador é casado, e a galante professora não ignora esta circumstancia...

A alta sociedade carioca — o nosso «grand-monde» — deu ao baile de anniversario do Automovel Club do Brasil, que se realizou sabbado ultimo, a nota rutilante de uma distincção fidalga. Os salões do palacio da rua do Passeio encheram-se de silhuetas imponentes, de espaduas nuas, de casacas impeccaveis... E, dentro desse tumulto de elegancia, deslumbrando os olhos do homem moderno, a linha antiga dos vestidos rastejantes... Alegria e luxo. Vaidade e esplendor. O sorriso da gente feliz... A directoria do Automovel Club, leaderada pelos drs. Carlos Guinle e Nelson Pinto, soube organizar uma festa que assignalou um dos grandes successos mundanos da temporada.

### FILIGRANAS

Da varanda do trem os meus olhos cansados batem a paizagem monotona. Uma planicie sem fim balizada de casas de cupim. O horizonte fechado por uma cortina azul de serras. Ao longe, uma torre de igreja espreitando por traz dum arvoredo...

Numa curva, rapidamente, entrevejo uma choupana encravada entre rugas do terreno. Do meio dum serrotezinho brota um fio de agua. E' um monjolo secular recebe-o na sua colher oscillante de madeira rija.

Sorrio, pensando na pagina soberba que sobre esse engenho colonial escreveu Alberto Rangel e no lindo e magnifico poema em prosa que lhe fez Edvard Carmillo.

## AS ARVORES

NÃO sei porque sempre me commovo intensamente no dia em que se celebra a festa da arvore.

Ainda hoje assim aconteceu. No Horto Florestal, entre hymnos festivos, a Arvore amiga e bôa foi, mais uma vez, glorificada. E glorificar a arvore é glorificar a propria Natureza. Porque a arvore é uma exaltação verde da Natureza, a elevar continuamente para o céo azul e infinito a prece mesma da Vida mysteriosa e profunda que ella carreia das entranhas fecundas da terra, através da humildade das raizes, para a festa vegetal da sua copa verdejante, cheia de flores, e de fructos, e de ninhos, a espalhar sobre os homens a paz bemfazeja e feliz da sua sombra agazalhadora...

A festa da Arvore é, assim, a festa mesma da Vida profunda, contente de si, cantando, nos caules, em rythmos largos de seiva creadora, a propria alegria de viver.

Ao descer, hoje, de Santa Thereza, senti que, mais do que nos outros dias, as arvores enchiam tambem de festa a minha retina commovida ante a exaltação verde da sua humilde grandeza.

E meus olhos deslumbrados distendiam sobre ellas, enternecidamente, a caricia illuminada do "bom dia" amoroso e amigo com que sempre as saúdo.

Porque saudar uma arvore é elevar uma prece para o Creador, para o bom Deus que tanto nol-as prodigalizou.

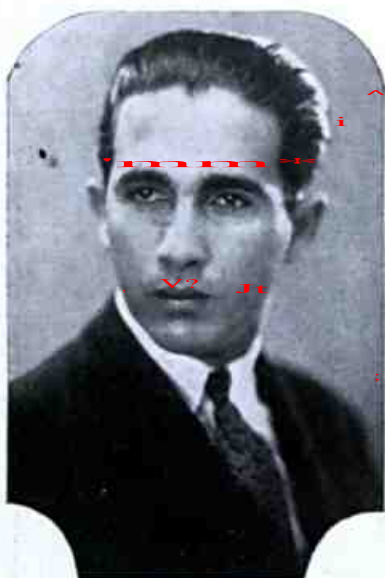
E ha um sorriso, em que palpita alguma cousa de divino, de inhumano, nos olhos com que passo em revista, hoje, as arvores do meu bairro, como a dizer a cada uma que vou encontrando:

— Meu amorsinho de arvore o bom Deus encheu, hoje, de divindade e deslumbramento os meus olhos de homem-criança para que melhor eu sentisse e comprehendesse a tua humilde grandeza! Bom dia!

E o meu "bom dia" tinha algo do commovido carinho de uma benção...

MAX LIXNER

---

### OS NOSSOS ESCRIPTORES

Othon Costa, ensaista que se distingue, pela cultura e a segurança do seu espirito critico, acaba de lançar á publicidade uma «plaquette» onde enfeixou dois bellos estudos sobre Castro Alves e José de Alencar, subordinados ao titulo «Dois Genios Brasileiros». Nesse trabalho, Othon Costa patenteia largos conhecimentos da nossa literatura e excellentes qualidades literarias, as quaes, por si sós, lhe grangeiam um logar de relevo nas letras e sobretudo na Academia Carioca de Letras, de que é um dos membros illustres.

Hildebrando de Lima chegou ao Rio de Janeiro em 1928, trazendo publicado um livro de contos: «O Macaco Electrico», onde os seus meritos litterarios já repontavam nitidos e fortes, com a marca luminosa do norte. Então, elle era, apenas, um escriptor de Alagôas, porque vinha do pequeno Estado, que produziu grandes nomes da nossa literatura: Goulart de Andrade, Povina Cavalcanti, Jorge de Lima, para citarmos somente tres dos mais conhecidos na metropole. Publicando, agora, «Marés de Amor», novo livro de contos — contos regionaes das praias nordestinas — Hildebrando de Lima deixa de ser um escriptor alagoano, para se tornar, com justos titulos, um escriptor brasileiro. Porque a sua nova obra vem integral-o, definitivamente, entre os nossos legitimos valores literarios — esses que têm talento e têm nome para poder vencer a velha e triste indifferença nacional e conseguem, por isso mesmo, ser lidos e admirados em todos os pontos do paiz. «Marés de Amor» apparece numa linda edição da «Civilização Brasileira Editora» e com uma suggestiva capa desenhada por esse fidalgo artista que é Paulo Werneck.

O commandante e officialidade do cruzador inglez «Dauntless», que ha dias se acha ancorado em nosso porto, foram, sexta-feira penultima, homenageados pela Marinha de Guerra brasileira, cujo chefe, o almirante Protogenes Guimarães, offereceu uma excursão e almoço nas Paineiras aos nossos illustres hospedes. Os officiaes britannicos visitaram, tambem, o Alto da Bôa Vista, e outros pontos pittorescos da cidade, cujas bellezas naturaes apreciaram antes de subir para o Corcovado. Esta pagina focaliza dois aspectos colhidos nas Paineiras, durante esse alegre passeio em homenagem ao commandante e officialidade do «Dauntless».

## FILIGRANAS

Aquella mulher magra e esqualida adeantou para mim a mão ossuda e pronunciou o meu nome:

— Dr. Cláudio, dê-me alguma coisa?

Condoeu-me o seu aspecto de miséria. Dei-lhe uma nota de cinco mil réis. E fiquei a pensar nos seus olhos escuros e febris:

— De onde ella me conhece? De onde a conheço eu?

Por mais que verrumasse a memoria, não encontrei a ficha daquella reminiscencia. E fui meditando pela rua cheia de barulho e de sol:

— Quantas vezes não damos esmola a desgraçados que sabem muito bem quem nós somos e que nem suspeitamos quem sejam, a desgraçados a quem o passado nos tenha ligado algum dia!...

* * *

Referindo-se ás dançarinas gaditanas, cujos tremores sensuaes accendiam o ardor amoroso dos romanos, Marcial exclamou: "Vibrabunt sine fine prurientes lascivos do cili tremore lumbos."

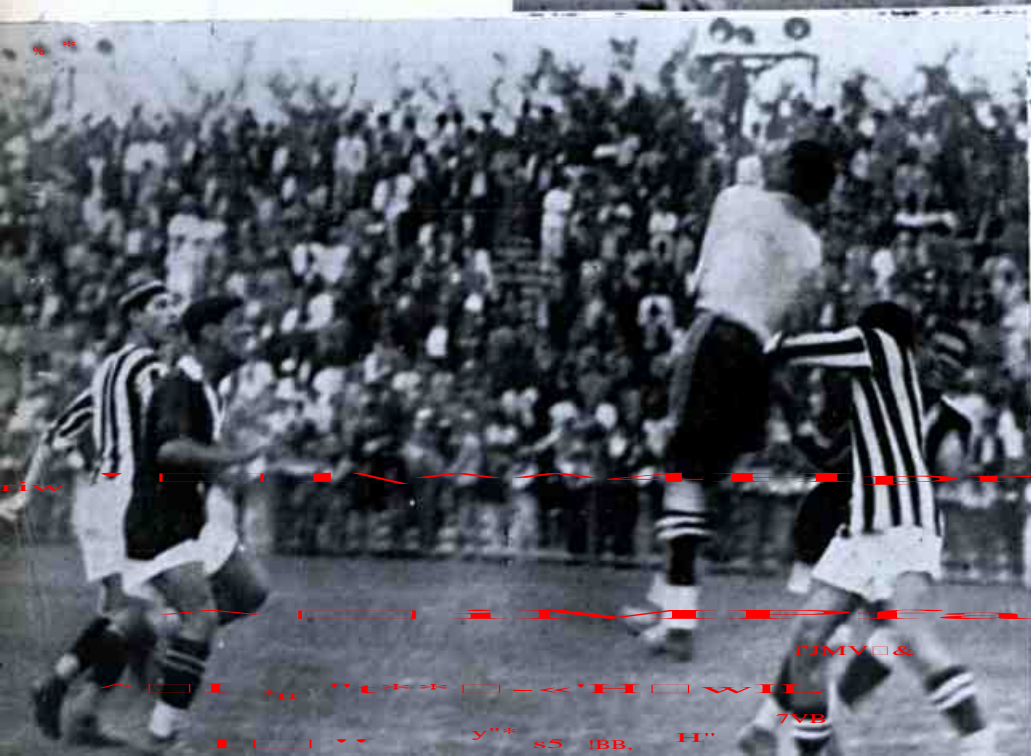
Eu queria que o poeta freqüentasse hoje em dia as nossas praias e as nossas salas de dança. Não lhe faltaria a inspiração de lumbos trêmulos e lascivos. Não lhe faltaria o espectaculo dessas vibrações da carne sine fine... E a sua lyra poderia cantar os encantos de nossas banhistas e dançarinas com mais fogo do que o das antigas gaditanas. Eu aposto que Marcial não sahiria mais do Rio de Janeiro, sobretudo do meu delicioso bairro de Copacabana...

COCAINA

Ha creaturas que só comprehendem a vida quando mordem os fructos.

* * *

Para ter a certeza de que a felicidade existe, basta apenas não pensar nella...

MARJON

O Botafogo e o Vasco jogaram domingo, no campo da rua General Severiano, a partida mais importante do dia, que concentrou por isso mesmo as melhores attenções dos «torcedores» cariocas, interessados na grande pugna. Os dois velhos clubs cariocas disputaram com enthusiasmo o titulo de campeão de «Outono» da cidade, que ainda não se sabe a quem caberá este anno, embora o Vasco seja o «leader» da tabella. Foi empolgante o encontro dos dois fortes adversarios, dando uma idea do mesmo os flagrantes desta pagina.

O anniversario do Praia Club foi, este anno, brilhantemente festejado, realizando-se, por esse motivo, sabbado ultimo, um sumptuoso baile nos salões do palacete da Avenida Atlantica. Uma festa que decorreu cheia de esplendor mundano, e prestigiada pelo sorriso e pela elegancia das mais lindas silhuetas femininas.

Nos salões do Botafogo F. C. realizou-se, quinta-feira penultima, a festa annual dos academicos, que se revestiu de grande brilho mundano. Após as solemnidades de sempre, tiveram inicio as danças, que se prolongaram pela noite toda, ao som de duas orchestras e grandemente animadas.

# Balcão Florido

## A TERRA... DA CÔR DO CÉO...

A terra... azul, a terra da côr do céo, tal qual como deverão ser as terras que o coração deseja, de que falava Thomas Hardy...

E' o que acabam de revelar ao mundo os expedicionarios da aventura polar realizada, ainda ha pouco, a bordo do "Nautilus" — o submarino do commando do explorador Wilkins.

Das geleiras immensas da Groenlandia — a terra verde — elles attingiram a terra da côr do céo, a Chanaan sempre sonhada da paz, da quietude, da felicidade.

Porque, a ansiedade do espirito e do coração do homem sempre ha de trazêl-o preso ao ambiente verde da esperança que o anima e arrasta para o infinito das immensas distancias, para a linha indecisa e vaga dos horizontes sem fim, onde l'oiseau bleu do seu sonho de amor e de felicidade canta a canção de silencio da sua paz interior...

Esfumada ao longe, entre as montanhas de gelo e a quietude dos desertos que fazem a sua "alma", e dão colorido ao seu *facies* geographico, a terra azul, a terra da côr do céo, lá está á espera dos corações que viviam do esforço interior de vislumbrál-a ao menos, do só anseio de desejál-a, já que ella lhes parecia inattingivel...

Mas, será essa terra côr do céo, perdida ha millenios na immensidade de fria da região polar, onde os gritos e os clamores do Desejo sequer não encontram éco, — a terra mesma que o coração deseja?

Tão fria, tão rudemente fria que é a terra azul agora focalizada pela visualidade humana que antes, apenas a adivinhava através da quente, ardorosa e incontida ansiedade do proprio coração...

Terra azul... Estranha, mysteriosa e fascinadora terra da côr do céo, perdida na solidão e na quietude da tua paz, nunca perturbada e marcada pelas pégadas profanas com que o homem vem realizando a obra do seu proprio desencantamento deante da vida. Que elle não te attinja nunca, na sua tala iconoclasta de tudo que ainda é motivo de sonho e força de illusão no scenario maravilhoso do mundo!

Não descerres nunca antes os olhos deslumbrados do homem o velario azul do mysterio que guardas, para que elle sempre possa desejar-te, nem jamais attingir-te, oh doce e suave terra da côr do céo — Chanaan da paz e da quietude que desce sobre o coração quando elle se enche de desconhecido e de infinito...

E tu és bem a terra que o meu coração deseja...

HELIANTHO.

A dra. Nair Eugenia Lobo acaba de receber o premio «D. Antonia Berchon des Essarts», que a congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro concede ao alumno que mais se distingue durante o curso medico, conquistando o maior numero de distincções. Esse premio, que é o equivalente ao de viagem á Europa, ainda não concedido por falta de verba, pela primeira vez coube a uma cerhorita. A dra. Nair Lobo, que, além de diplomada pela Escola Normal, fez, com brilhantismo, o curso de medicina veterinaria, laureada, agora, vê coroada a sua dedicação ao estudo, tendo sido convidada, pela sua competencia, para o cargo de medica residente da Maternidade das Laranjeiras.

Inaugurou-se, quinta-feira penultima, a séde central do «Bazar da Primavera», que funcciona no «stand» offerecido pelo Moinho da Luz á commissão promotora da «Quinzena da Casa do Estudante». Alli no bairro Serrador, onde se ergue o «stand», senhoritas e rapazes da nossa sociedade vendem livros, cigarros, flores e outros objectos em beneficio da futura instituição dos universitarios. Ahi está um grupo tomado por occasião da solennidade inaugural do «stand».

## O "CHÁ DAS CÔRES"

Uma festa original, organizada por um grupo de damas da nossa alta sociedade, vae realizar-se logo mais, no salão do Beira-Mar Casino. E' o "chá das côres", que consiste num chá, servido em mesas de côres differentes, e durante o qual será executado um programma de arte dirigido pela senhorita Córa Bocayuva, figurinha de grande destaque em nossos circulos artisticos e mundanos.

O producto do "chá das côres" reverterá em beneficio da Obra Dominicana no Brasil, e esse facto, alliado ao prestigio das organizadoras da festa, garantirá, sem duvida, o exito de tão humanitaria reunião.

A «Festa dos Balões», que fez parte do programma da «Quinzena da Casa do Estudante», teve logar sexta-feira penultima, no «Salão do Estudante», no Lyceu de Artes e Officios, e decorreu brilhante e encantadora.

Em geral, adormecida sob a quietude mansa e bucólica das suas horas tranquillas, a Quinta da Bôa Vista agitou-se e brilhou, domingo ultimo, com a Festa da Primavera, que alli se realizou, ao ar livre, em beneficio das caixas escolares e clinicas e da Casa do Professor. No programma desse festival figuraram cerca de mil números, comprehendendo bailados, canções regionaes, gymnasticas desempenhadas por artistas de mérito e cinco mil alumnos das nossas escolas primarias. O ambiente, como era de esperar, muito concorreu para o esplendor e o encanto de que se revestiu a linda festa sportiva e artística. São os principaes flagrantes dessa tarde festival, de primavera, que a nossa pagina focaliza.

MURILLO Lavrador, nosso confrade de imprensa e nome bastante estimado nos circulos intellectuaes desta capital, vae publicar, dentro em breve, uma novella de costumes cariocas, intitulada *A filha de Don Juan*, e já tem no prélo *Teia de Ouro*, obra theatral de subtil observação da nossa vida e dos nossos hábitos, e que será o livro de estréa desse fino psychologo.

Pertence a *Teia de Ouro* o trecho que publicamos nesta pagina, por uma gentileza de Murillo Lavrador, e que dá bem a medida do talento de seu autor.

# Teia de Ouro

## Por Murillo Lavrador

*Tarde cinzenta e fria. Crepusculo. «Elle», inquieto, fuma sem sentir e sem ver a fumaça azul que sobe em espiral até o tecto, vagarosamente. Dum canto, um quebra-luz magestoso espalha uma luz mortiça e languida em toda a sala. Sobre a estante uma estatueta de mulher núa, retorcendo-se, com as mãos escondendo os seios; ao lado, uma outra de satyro com um sorriso nos lábios grossos, e nos olhos o Desejo. Sala contigua tapada por pesado reposteiro de velludo verde.*

ELLA — Foi um pouco difficil, mas prometti...
ELLE — Sente-se aqui.

*Silencio amoroso. «Elle» olha-a com ternura, emquanto «Ella» sorri levemente.*

ELLA — Isso aqui é um encanto.
ELLE — E' o meu templo...
ELLA — Que lindo busto de mulher!
ELLE — Foi a mulher que mais amou...
ELLA — Quem é? Cleopatra?
ELLE — Não; Maria de Magda, a alnante de Judas e do Propheta...
ELLA — Ah! Magdalena...
ELLE — Por que não tira o chapôo?
ELLA — Não pretendo me demorar.
ELLE — Mais uma razão para tiral-o.
ELLA — Por que?
ELLE — Sabe que acho lindos seus cabellos.
ELLA — E' bastante gentil; agora talvez não os ache.
ELLE — ?...
ELLA — Cortei-os.
ELLE — Deve ficar mais linda assim.
ELLA — E então?
ELLE — Magnifico! Tire as luvas também.
ELLA — Você é terrivel, e muito teimoso.
ELLE — Estou com uma curiosidade infinita em ver a minha querida amiga com as mesmas maneiras e attitudes daquella época... Ademais, ha tanto tempo que não a vejo...
ELLA — Quatro annos...
ELLE — Meu desejo seria estar sempre ao seu lado, mas fui obrigado a regressar. Não imagina a saudade que senti...
ELLA — Você sempre a mesma criança...
ELLE — O homem, quando ama, é sempre criança.

*«Ella» se ergue para evitar um gesto apaixonado e vae até a porta da sala contigua.*

ELLE — Não entre ahi.
ELLA — Seja amavel; mostre-me a sua casa.
ELLE — Ahi não se entra por simples curiosidade.
ELLA — Mysterio?
ELLE — Esta porta só se transpõe de kimono...
ELLA — Por que?
ELLE — Para sonhar...
ELLA — Aqui também se pode sonhar; esta sala é um encanto.
ELLE — Lá se sonha com o Amor, aqui com a Vida...
ELLA — Estou curiosa; quero sonhar...
ELLE — Sente-se aqui, que o sonho vem. O passado feliz, quando resurge, tem a fascinação do sonho.
ELLA — Um poeta disse que o passado é um segundo coração que pulsa em nós...
ELLE — Fechemos os olhos e volvamos as almas para o passado.

*«Silencio evocador». Mãos unidas.*

ELLE — Um pequeno esforço... Num momento percorremos uma vida vivida em muitos annos...
ELLA — Era uma vez...
ELLE — Em Roma...
ELLA — ... um palacio em festa; o luar prateava a grama de um immenso jardim deserto; num recanto, sentado num banco de mármore, estava um homem bello e triste, tão triste e tão só...
ELLE — ... ouvindo o murmurio da quéda dagua da fonte...
ELLA — ... que uma mulher teve pena delle e veiu buscal-o para dançar...
ELLE — O homem estava pensando numa mulher.
ELLA — Qual?
ELLE — Na que veiu por detrás do banco e pousou levemente a mão no seu hombro.
ELLA — A mulher sentou-se ao lado do homem e procurou su'alma nos olhos delle.
ELLE — Ella já tinha perdido a alma?
ELLA — Ainda não tinha de todo, mas sentia que lhe fugia... Abandonava-a ao momento...
ELLE — Depois... a noite, que era linda, o luar que abençoava, o jardim deserto, silencio que convidava a um grande impulso, uma maravilha — esplendor humano — a suave viração cheia de volúpia, um perfume feminino a roçar como um carinho de mãos occultas, muito de leve, o rosto do homem... mãos inquietas e tremulas de emoção...
ELLA — Cumplicidade da fonte...
ELLE — ... que gemia... que sussurrava... que cantava uma canção moura... Depois... lábios que se buscam...
ELLA — ... incendio nos corações...
ELLE — Esplendido... longo... violento...
ELLA — E a mulher ficou triste, pensando na mentira daquelle beijo... A' entrada do palacio, estava um homem a quem a mulher sorriu e passou...
ELLE — Tem marido.
ELLA — O homem do jardim disse coisas lindas, madrigaes...
ELLE — Elle amava e ella não comprehendia.
ELLA — Ella sabia e soffria...
ELLE — Depois dessa noite, o homem perdeu a mulher de vista...
ELLA — A mulher tinha medo e partiu com o homem a quem ella sorriu...
ELLE — Depois de muito tempo, o homem do jardim a viu passar rapida num auto, numa tarde cheia de luz.
ELLA — A mulher meneou a cabeça com alegria, disfarçando...
ELLE — Dahi nunca mais a viu...
ELLA — Ella pensava nelle...

*Silencio longo. «Elle» descerra as palpebras e beija longamente, com muita ternura, a palma rosea da mão d'«Ella». Rápido «frisson» interrompido por aspiração falha. Levantam-se. «Ella» anda pela sala.*

ELLA — Quero ver aquella sala; pode-se entrar?
ELLE — Não.
ELLA — Isso não é gentil.
ELLE — Ahi só se entra de kimono...

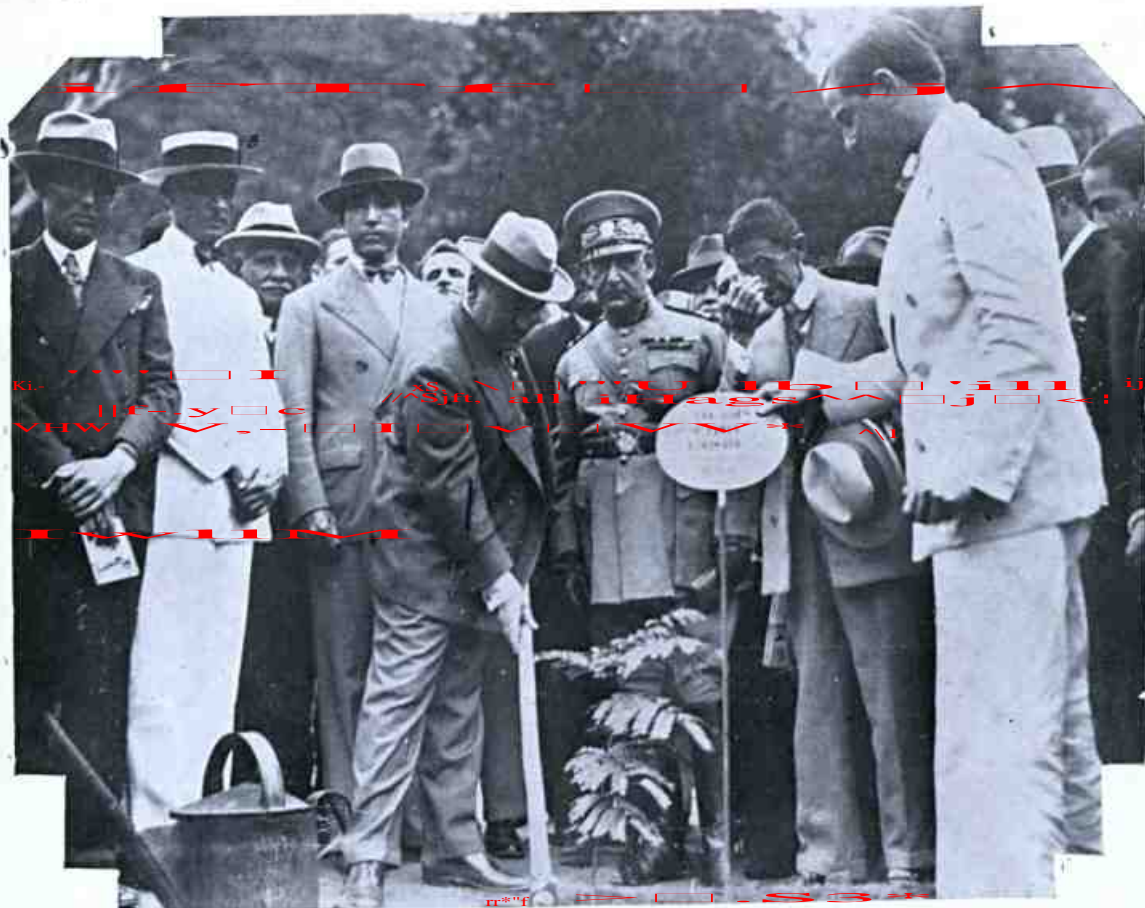
*«Ella», profundamente curiosa, entreabre o reposteiro que tapa a entrada.*

ELLA — Oh!
ELLE — Não passe.
ELLA — Uma aranha preta, enorme!

*Ao fundo da sala, debuxada na parede toda branca, este desenho: uma enorme teia de fios de ouro que na penumbra se torna luminosa; através a trama enrodilhada destaca-se um enorme vulto negro, com dois olhos luminosos, de vidro engastado: uma aranha immensa cujas antenas abarcam toda a teia. O aspecto da aranha é de ataque e de triumpho. Tem a presa segura: dependurada á teia uma silhueta de mulher com a cabeça pendida sobre o hombro, exhausta de esforços.*

ELLA — Engraçado... Quero ver...

*«Ella» tenta avançar. «Elle» beija-lhe a nuca, a garganta, a bocca; cerra-a contra o peito. O ambiente da sala é de profundo requinte. «Ella», com voz sumida:*

ELLA — O kimono... dá-me... o kimono...

Adiada duas vezes, por motivo do máo tempo, realizou-se, afinal, domingo passado, a festa commemorativa do Dia da Arvore, que o Serviço Florestal do Brasil todos os annos leva a effeito na data da entrada da primavera. Este anno, a tradicional solennidade teve realce especial, porque, além de outras altas autoridades, compareceram á mesma, pessoalmente, o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, e os ministros da Viação e da Guerra, dr. Assis Brasil e general Leite de Castro. O nosso cliché focaliza um flagrante da Festa da Arvore, na occasião em que o dr. Getulio Vargas iniciava a plantação de uma das arvores symbolicas, no Horto Florestal da Gavea.

## MIGALHAS

O homem andrajoso, sentado a uma soleira, estendia a mão á caridade publica. Nella depuz um nickel. O amigo que me acompanhára falou:

— E's mettido a leituras orientaes e fazes destas?

— Por que?

— Então, não sabes que o *Kitabé-Akdes*, o livro sagrado dos Babidas turcos, diz no versículo 72: "Os mais detestados por Deus são os que, sentados, mendigam. Trabalhae, pois, continuamente."

— No caso, repliquei-lhe, prefiro obedecer ao preceito christão: faze o bem e não olhes a quem.

O meu amigo sorriu e accendeu um charuto.

Os amigos e admiradores do dr. José Mendes de Oliveira Castro offereceram, no ultimo sabbado, a esse novo director do Banco do Brasil, um almoço em regosijo pela sua nomeação para aquelle alto cargo.

Abrimos um intervallo na alegria permanente de FON-FON, para, com profundo pesar, registar o passamento do nosso antigo collaborador e amigo dr. João Coelho Gomes Ribeiro, bibliothecario aposentado do Ministerio do Exterior e pae do illustre pintor Manoel Constantino, nosso distincto companheiro. Escriptor brilhante e erudito, jurista de renome, o extincto deixou uma grande bagagem de obras de valor, destacando-se a que trata da historia da Constituição, sem falar em varias outras de estudos contemporaneos. O dr. João Coelho Gomes Ribeiro era um cavalheiro captivante, fino, motivo por que desfructava, em nossas altas espheras sociaes, de solidas e preciosas amizades e nellas sobresahiu como figura de representação e relevo.

Dr. João Coelho Gomes Ribeiro.

*FILIGRANAS*

Ha no quarto dum filho meu, formado numa prateleira, um exercito em miniatura. Abrem a marcha os mamelucos imperiaes. Seguem-se-lhes Napoleão e seu emplumado estado-maior de reis e de marechaes, escoltados pelos caçadores da guarda. Após, vêm os lanceiros e cavallos ligeiros polacos, os dragões e os couraceiros, os carabineiros e os granadeiros a cavallo, os caçadores e os artilheiros, os granadeiros da guarda e a infantaria de linha, os volteadores, os flanqueadores, os atiradores e os legionarios. E, ao vêl-os, recordo os versos de Guilherme de Almeida, no Canto dos brinquedos:

Soldadinhos de chumbo fundidos
na caldeira de Pedro Botelho,
esmaltados de azul e vermelho,
alamares, dragonas, esporas...
de bigodes nankin retorcidos,

O famoso tenor americano Georges Thill, que a nossa capital teve a honra de hospedar durante alguns dias, por occasião de sua visita ao estabelecimento Byington & Co., distribuidores dos discos Columbia. Esta photographia foi tirada á luz da nova lampada Westinghouse Photo-flash, que pela primeira vez se applica no Brasil.

*FILIGRANAS*

A poesia popular — disse Heine — é um thesouro de sciencia, de religião, de theogonia, de tradição e de historia. Ella exprime o seu sentimento, condensa as suas alegrias e as suas tristezas, retrata a sua alma.

Para Mornier, a poesia popular é uma origem que se queixa de amor ou suspira de saudades, uma sibylla com seu ramo de ouro na mão, a magica senhora das lendas, dos mythos, das crenças e das fantasias, em cujo espelho se reflectem os acontecimentos, o espirito do tempo e a imagem do proprio povo.

Ambas as opiniões pelo seu valor servem para nos mostrar que não é sem profundas razões que os tradicionalistas acham tantos encantos no folk-lore.

O illustre pintor Levino Fanzeres, que a photographia nos mostra em seu «atelier», onde o foi surprehender a arte photographica de F. Esberard, vae realizar este mez, no salão do Movimento Artistico Brasileiro, uma exposição dos seus ultimos trabalhos, que alli serão devidamente apreciados pelos admiradores do artista de tantas victorias. Esse acontecimento ha de interessar, sem duvida, o nosso mundo artistico e social, onde Levino Fanzeres goza de merecido prestigio.

O anniversario natalicio de sua magestade o rei da Dinamarca foi commemorado pela sociedade dinamarqueza-irlandeza desta capital, que se reuniu, sabbado ultimo, na séde da legação daquelle paiz, em Copacabana, para tomar parte na recepção ali realizada por esse motivo.

## FILIGRANAS

Conta-se que Fulum o Turcomano, califa do Egypto, ao sentir-se morrer, ordenára aos rabinos judeus, aos padres christãos e aos imans arabes que lhe trouxessem os seus livros: o Pentateuco, o Evangelho e o Koran.

Depois, mandou-os subir ao cume dum monte e que lá todos, com os seus livros sagrados, rezassem por elle.

Esse tyranno era um espertalhão politico de primeira ordem e applicou os seus processos de astucia na hora da morte com a idéa de enganar o Deus Verdadeiro, que elle não sabia bem qual era e a quem não se engana.

Quantos Tuluns de fancaria não conhecemos nós, cuja esperteza de raposa faz pensar que estão para com Deus nas mesmas condições do usurpador turcomano? São aquelles de quem se diz que accendem uma vela a Deus e outra ao diabo...

# DENTRO DA ARTE BRASILEIRA

## ESCULPTORES

ENTRE as artes plasticas está a esculptura resurgindo no Brasil com a pujança dos commettimentos novos.

Não só elementos nacionaes como Cozzo, Correia Lima, Mazzucchelli, Antonio Mattos, Brecheret, Celso Antonio, Francisco de Andrade, Zacco Paraná e outros trabalham com vigor e enthusiasmo, embellezando os logradouros publicos e as collecções particulares.

O elemento estrangeiro traz elementos de grande destaque á esculptura. Assim, vemos os nomes de Lotte Benter, Bogdano H., Herta Dierkman, Reiner e Heitor Usai destacarem-se na phalange dos artistas filhos doutros paizes, que empregam a sua actividade no Brasil.

Heitor Usai, de quem damos nesta pagina a reproducção de um bello trabalho em baixo relevo, é italiano, e especializou-se em esculpturas funerarias.

O «Trespasse da alma», baixo relevo de Heitor Usai para um mausoléo.

Intitula-se a composição allegorica: "O trespasse da alma" e é destinada ao mausoléo da familia Lamberti.

De uma bella e agradavel linha de composição, o baixo-relevo occupa uma placa de 2,m0 x 1,m80, ora excellentemente fundida em bronze pela firma Roberto Bertini, especialista nesse genero difficil de arte.

O anjo da morte apagou na terra o labaro ardente da vida que se extinguiu, e convida a alma liberta a seguir a sua rota apontada pelo Destino.

A alma recem-chegada ao mundo extra-terreno olha-o indecisa e como que afflicta pela dôr de quem a chora, talvez uma filha ou a sua propria mãe.

E entre a fatalidade das leis inappellaveis e os sentimentos que não se podem refrear ella hesita, lutando intimamente entre os dois deveres: a Evolução e o Amor.

H. de I.

Enlace da senhorita Lais Bastos Cavalcanti com o sr. George Mahfuz, realizado nesta capital. O acto religioso foi celebrado na matriz de São Francisco Xavier.

## APPARIÇÃO DIVINA

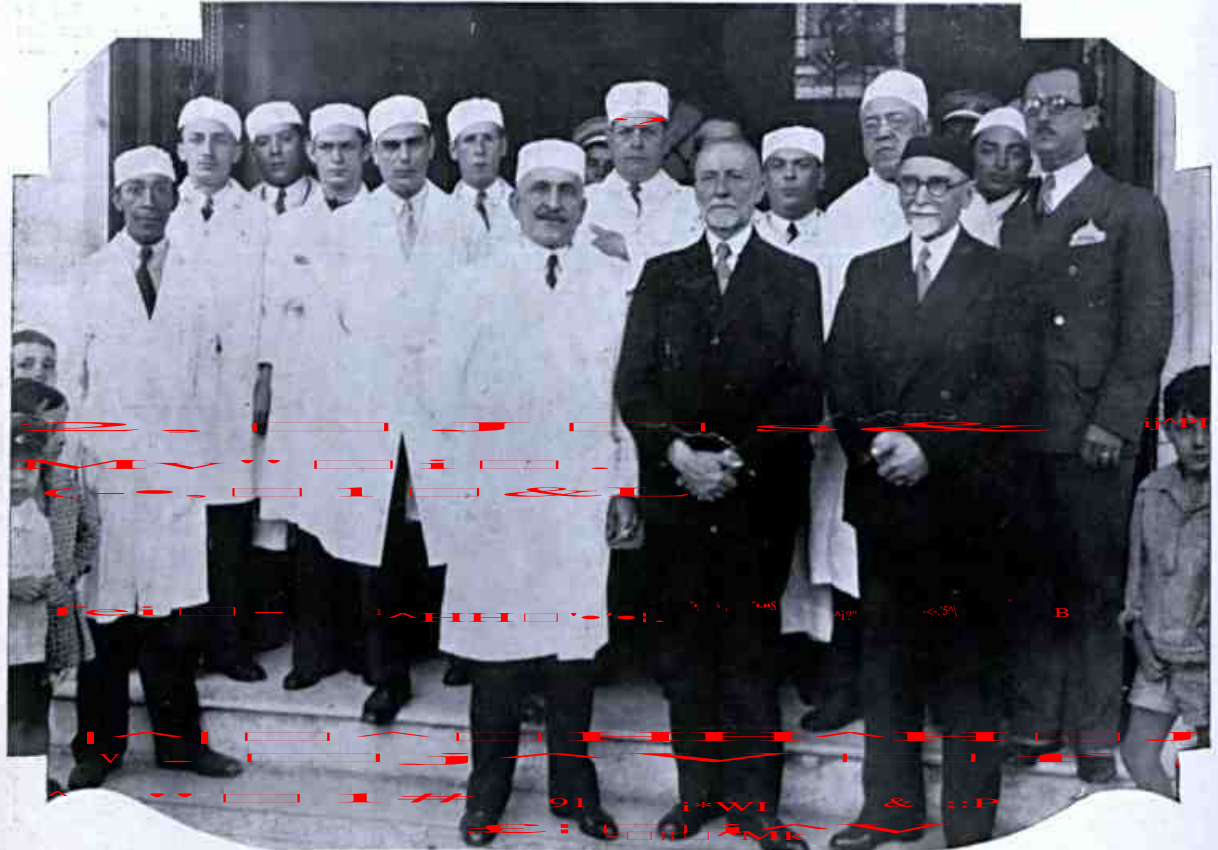
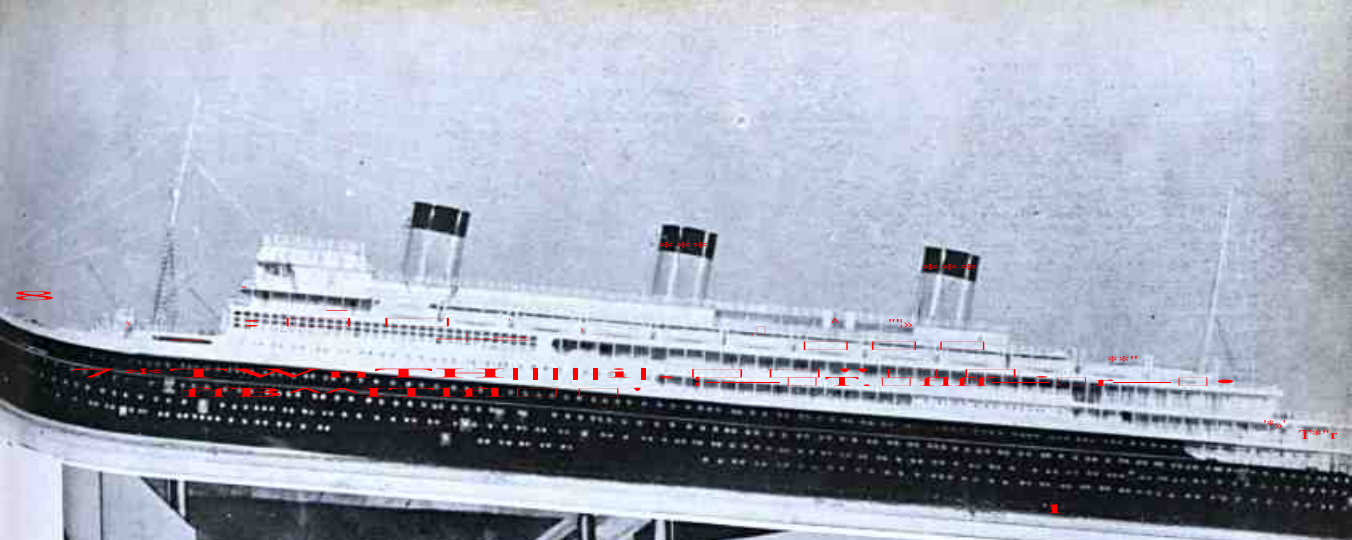
Tenho presentes, sempre, á memória
Os lances todos da bella historia,
Que um dia a lenda vae recontar,
Da Santa em fuga do seu altar.

Bem me recordo daquelle dia:
A igreja em festa... Muita alegria...
Moças que vêm... Moças que vão...
(Foi numa tarde de procissão...)

Um alvoroço, que ha de repente,
Quebra o silencio daquella gente.
E' o povo todo que grita agora:
— Lá vae fugindo Nossa Senhora!

Lúcia passava, linda, garbosa,
Com um regio manto da côr de rosa...

Castro Nascimento

Enlace da senhorita Maria do Rosario Azevedo com o sr. Manoel Vieira da Cunha, celebrado recentemente em Cambuquira, de cuja sociedade são os noivos figuras de relevo.

O professor Nobercourt, illustre scientista francez que se acha nesta capital, visitando a Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro, a modelar instituição do dr. Moncorvo Filho.

"L'ATLANTIQUE"

*o navio maravilhoso, que desafia os seus congeneres em luxo, conforto e beleza.*

Os gestos de benemerencia não devem ficar na sombra do anonymato. O publico precisa conhecel-os, para que se faça, no futuro, a devida justiça aos seus autores, concedendo-se-lhes pelo menos o premio da gratidão. A Associação de Damas Protectoras da Infancia, que acaba de ser fundada nesta capital, e o Centro de Saúde de Jacarépaguá receberam do casal Pedro de Carvalho-d. Constança de Carvalho a doação de um grande terreno á rua Circular, em D. Clara, para nelle ser construida a séde das duas instituições de tanta utilidade para a população local. Não satisfeito com esse acto de philanthropia, o benemerito casal ainda fez a cessão, por dois annos, do predio numero 15 da rua Dr. Passos, cuja photographia estampamos acima, e onde serão installadas provisoriamente, a secção de hygiene da criança do Centro de Saúde e a Associação das Damas Protectoras da Infancia.

Um aspecto do desembarque dos srs. J. P. Youtz e Luiz L. Lacombe, respectivamente, vice-presidente-gerente e director do Departamento de Publicidade das Lojas General Electric S. A., que acabam de regressar dos Estados Unidos.

Inaugurou-se sabbado ultimo, nos altos do novo edificio da rua Conde de Bomfim, 340 (praça Saenz Peña), um elegante e moderno salão de bilhares, que o industrial sr. Olindino Guimarães alli installou com todos os requisitos das melhores casas desse genero. A mocidade do bairro da Tijuca tem, assim, agora, um magnifico ponto de reunião, onde poderá divertir-se commodamente nas noites cariocas.

# OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

## "O Filho Prodigo"

(The Prodigal)

Producção da Metro

Com:

Lawrence Tibbett
Esther Ralston
Roland Young
Cliff Edwards

Beijo fraterno.

ERAM tres judeus errantes: Jeffry, Snipe e o "doutor". Andavam sem destino certo. Jeffry sahira de sua casa, alguns mezes antes, para fugir ás consequencias de um acto irreflectido, que elle queria esquecer, custasse o que custasse. Spine talvez não tivesse nada a esquecer, mas a verdade é que elle era tão vagabundo... Quanto os companheiros, e o "doutor", cujo verdadeiro nome ninguem conhecia, pertencera, em tempos, ao corpo medico do exercito britannico. A vida, porém, tem suas coisas, suas desillusões e, por isso, elle, um verdadeiro sabio, tambem alli estava, naquella vida errante, vida de vagabundagem, cheia de pittoresco, mas tambem de incertezas... Um dia, Jeffry decide voltar a rever sua velha mãe, e, por isso, elle e os companheiros se dirigem para o Sul, tomando, de "carona", um trem que passava na occasião. No dia seguinte, a medo, aproximou-se da casa onde passara a meninice e a adolescencia, e logo a primeira figura que elle vê é a sympathica mãezinha, que, na cozinha, procurava doces para o netinho... Não se contendo, trae a sua presença e a velhota quasi desfallece ao rever o filho adorado, aquelle filho que todos diziam um doido, um ente desprezivel, mas que ella amava sobre todas as coisas... Assim, com um carinho muito do coração materno, leva-o para um dos aposentos da casa, faz com que elle se banhe, dá-lhe roupas limpas... Não tarda, porém, que os netinhos da sra. Farraday descubram a presença daquelle "moço sympathico" que elles nunca haviam visto e façam um barulho doido pela casa... O resultado é que a sra. Farraday vê, aborrecida, que seus outros filhos, Christine, a mãe dos pirralhos, e Rodman, o esposo de Antonia, saibam da presença do filho prodigo, de volta á casa. Dá-se uma scena de profundo aborrecimento para todos, porque Rodman estimaria jamais tornar a ver o irmão, e Christine, por seu lado,

Adorava as crianças.

tambem não esconde o seu aborrecimento. A sra. Farraday, entretanto, insiste que quer ter o seu filho por mais alguns dias em sua casa. E Jeffry fica. Fica e, na mesma noite, tem conhecimento de um "caso" que se desenrolava na casa de sua familia: Tony, a esposa de Rodman, não era fiel ao marido. E não o era, porque se via maltratada por elle, e seu unico consolo era ouvir os madrigaes que lhe dirigia o insinuante Carter Jerome. Ao conhecer Jeffry, Tony sente uma enorme sympathia pelo rapaz e comprehende o seu caso, o que a torna, ainda, mais bonita para o filho prodigo. Tony comprehende que, se Jeffry fôra obrigado a abandonar a sua casa, era devido ás intrigas proprias do caracter de Rodman, seu marido. Tony tem um plano: fugir em companhia de Carter Jerome, e ella está a ponto de levar isso a cabo, quando surge, no trem em que elles fugiriam, Jeffry. Elle a leva á força. Ella procura reagir, mas sente que, se aquelle homem a protege, é porque terá razão para isso. Deixa-se levar, enternecida, sentindo que encontrara uma

Olhares traiçoeiros.

alma irmã. Com o correr dos dias, duas coisas preoccupam Jeffry: Tony, para quem elle se mostrava cada vez mais gentil, e o par de amigos, seus companheiros de vida errante: Snipe e o "doutor", que invadem a vivenda dos Farraday e não se fartam de comer e beber, para desespero dos irmãos de Jeffry. Os idyllios de Jeffry e Tony, entretanto, são cada vez mais expressivos e não tarda que todos os da casa o percebam. A sra. Farraday, entretanto, observa com os olhos da razão e, vendo que, de facto, Rodman, com o seu genio intratavel, jamais poderia ser o marido de Tony, ao mesmo tempo vê que a unica creatura capaz de, fazendo a sua propria felicidade, tornar feliz o seu filho Jeffry, é Tony. Quando Jeffry, um dia, falou em voltar á vida antiga, ella reuniu os filhos e expoz o seu ponto de vista, pedindo a Rodman que deixasse Tony livre... Por isso, quando, nesse mesmo dia, Jeffry, junto aos companheiros, deixou o lar dos Farraday, todos tinham a certeza de que ella não tardaria a voltar, para fazer tres creaturas felizes: a mamãe Farraday, Tony e... elle proprio.

A bondade da mamãe!

• • • Um joven escriptor que recentemente visitou Hollywood, affirmou haver conseguido tudo o que elle queria na Cinelandia (inclusive a perda de muito dinheiro no hippodromo de Tia Joanna), menos uma entrevista com Greta Garbo.

Quando elle visitou os estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer, em Culver City, a grande estrella sueca estava trabalhando na versão allemã de «Anna Christie». Entre outras coisas, o joven queria ouvir com os seus proprios ouvidos como falava Greta o allemão, pois, nos proprios studios lhe haviam dito que ella falava allemão como uma genuina allemã. Elle, entretanto, não conseguiu ouvil-a, nem vêl-a, nem sequer entrar no scenario, durante a producção do film. Ninguem é permittido entrar no scenario de Greta Garbo quando ella está trabalhando, e talvez que nem mesmo a perspicacia de um habil detective poderia fazel-o chegar ás escondidas, até esse impenetravel scenario.

As concorrentes... ao principado.

# "O Principe dos Dollares"

## Um film da UNITED ARTISTS — com

**Douglas Fairbanks**
**Bebe Daniels**
Edward Everett Horton
Jack Mulhall

LARRY Day, apesar de sua pouca idade, é considerado nas rodas da Bolsa de Nova York, o homem de maior faro para negocios. Sua actividade e audacia não conhecem limites. Diariamente, no curto espaço de minutos, transacções formidaveis são encaminhadas através o seu escriptorio de corretagem. Num elegantissimo gabinete, sentado a uma mesa ampla, onde se alinham telephones ás duzias, Larry Day, imperturbavel, dirige o movimento de seus prepostos, nas bolsas das maiores cidades do mundo, comprando e vendendo, ganhando

O principe era um «boxeur» de primeira.

O principe contrariado...

e perdendo aos milhões. Ao entardecer, passa no club, descansa o espirito e retempera-se para as batalhas do dia seguinte, com uma hora puxada de gymnastica e massagens. Apesar do apuro com que se veste, jamais se déra a conquistas amorosas. Seu coração permanecera, mesmo, até então, inviolavel a Cupido.

Mas, o menino da setta dourada é traiçoeiro, e ninguem, emquanto viver, poderá julgar-se isento do seu feitiço. Assim foi que, uma tarde, quando maior ia a azafama nos escriptorios do corretor Larry, appareceu lá uma linda rapariga. Que se dizia sua conterranea, e que lhe queria falar por um minuto, apenas. Na verdade, tratava-se de Vivian Benton, uma pequena cheia de encantos, typo perfeito da garota seculo XX, familiarizada com todos os sports, até mesmo aviadora, tendo um papá millionario e babão para satisfazer-lhe aos caprichos.

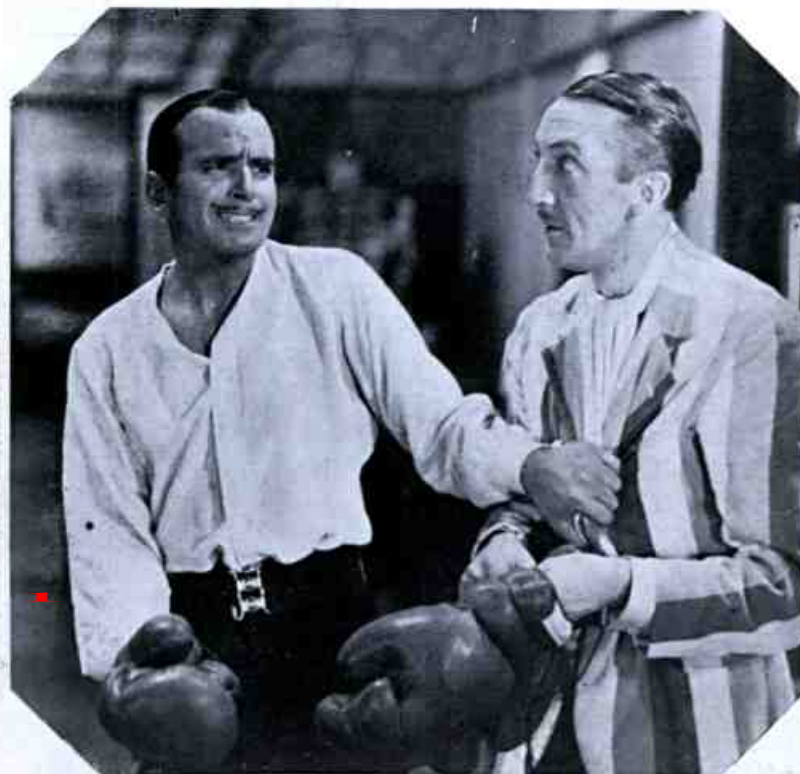
Vivian apostara, numa reunião de amigas, que em menos de uma semana poria o gelido Larry perdidamente apaixonado.

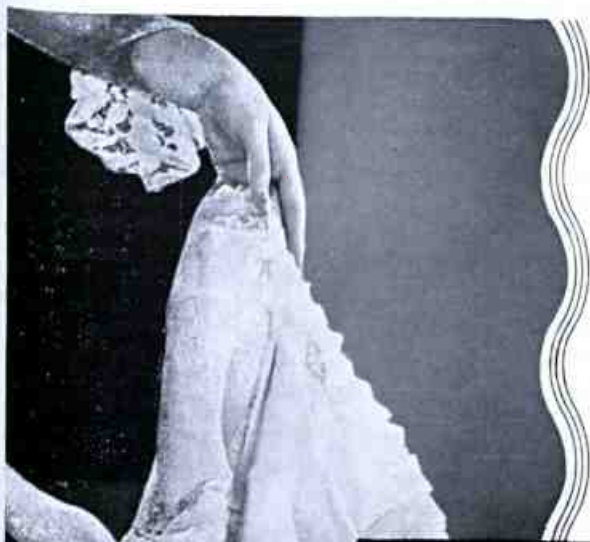
A ante-camara de Larry Day é intransponivel. Miss Helen, a secretária, com grandes oculos e maneiras de suffragista, constitue um verdadeiro cerebre inaccessivel a todos os rogos. Vivian não se intimida ante a negativa energica que se lhe oppõe. — "Mas diga ao sr. Day que não tomarei mais do que um minuto de sua preciosa attenção", replica a joven, com delicada firmeza. A secretária começa a dar mostras de impaciência, quando o corretor assoma bruscamente á porta. Vivian não deixa passar a opportunidade. Resolutamente dirige-lhe a palavra. — "Podia dar-me um minuto de sua attenção?" Day não responde, lendo attentamente um despacho que a secretária lhe estendera. Nova pergunta de Vivian, desta vez dita tão perto, que o harmonioso busto da rapariga quasi lhe toca as mãos immoveis. Subitamente, o corretor levanta os olhos, e, fixando-os em Vivian, numa expressão de espanto, convida-a a entrar, desfazendo-se em risonhas mesuras e gaguejo de desculpa.

O colloquio occupou a preciosa attenção de Day, por muito mais de um minuto. Quando Vivian sahiu, já o coração gelido de Larry ardia mais do que qualquer fornalha.

No dia seguinte, caixa de flores, convite para jantar, etc. Mas Vivian á hora combinada não appareceu, e quando Larry, todo nervoso, se exasperava com a demora, recebe um ironico aviso de que Vivian estava embarcando para a Europa.

O navio já estava quasi a largar, quando sobe, precipitado, arquejante, o corretor. O que se passou durante a viagem, não vem ao caso. Foram coisas tão extraordinarias que, relatadas, tirariam o sabor da sua originalidade.

Larry Day, louco de amor, faz as mais sensacionaes maluquices para conquistar o coração rebelde de Vivian, o que só conseguiu depois das mais sensacionaes aventuras, no ambiente de luxo estonteante daquelle modernissimo transatlantico.

O principe estava irritado.

# "Tão delicadas como antes de serem usadas ...... *e esta é a quinta vez que são lavadas*"

Os diamantes brancos e refulgentes que vêm no pacóte de Lux são muitissimo mais puros do que os sabões communs. A sua espuma rica lava as mais delicadas fazendas sem o menor risco de damno.

Lux penetra no tecido e expurga facilmente todas as impurezas, sem que, para isso, seja necessario esfregar.

Note como Lux torna setinosa a pelle de suas mãos!

No Lux não se contem substancia alguma capaz de, embora muito remotamente, atacar ou fazer encolher o mais delicado panno.

Adquira hoje um pacote de Lux.

*Esta espuma purificante conserva as suas roupas como novas e na sua primitiva frescura*

LUX

Para lavar sedas, lãs e todas as roupas finas

S. A. IRMÃOS LEVER
SÃO PAULO — BRASIL

Lx. 16 — 01326 Bi.

# O SORRISO — De Hervé de Pesloüan

ELLA sorria sempre. Este sorriso era uma coisa maravilhosa na oval muito pura do seu rosto, que elle o mesmo illuminava. Entre os labios rubros, ella deixava ver uma fileira de dentes finos, agudos, luminosos como perolas.

Ella sorria. Certamente que era elegante, espiritual, bonita, bôa, sempre prompta a prestar serviço, contente com tudo, dançando admiravelmente, preparando cocktails, organizando jogos de sociedade. Mas, sobretudo, ella sorria.

Suas camaradas chamavam-na "O passaro azul". As amigas tratavam-na de "feiticeira". Os apaixonados eram prodigos em nomes ternos: "Fada-Covinha, Rirette".

Ella ria de tudo. Por nada. Pelo prazer de soltar um arpejo de notas claras. Pela alegria de mostrar os olhos verdes que riam, tambem, apesar de profundos.

Ella ria desde o despertar, quando raiava o dia, quando o fogo crepitava na lareira, quando o ar perfumado a envolvia toda. Dir-se-ia que o amor se afivelasse ao seu rosto, num dia de embarque para Cythère.

Ella sorria á noite, ao adormecer, num gesto de preguiça, o corpo fatigado, os olhos piscando de somno. E quando a noite quente a envolvia no manto sombrio, Morpheu tornava-se mais leve, mais carinhoso, para embalal-a. A vida era-lhe uma perpetua felicidade, parecia. E o homem que ella amava deveria ser bem feliz. Nunca, desde os primeiros dias de seus amores, elle se lembrara de haver visto a companheira empanar com um franzir de sobr'olhos a paz e a calma de sua intimidade.

Uma noite, no emtanto, elle entrou mais tarde que de costume, irritado, amolado, violento, raivoso. Depois poz-se a folhear um livrinho e a escrever cifras.

— Que tens?, perguntou ella.

Elle sacudiu a cabeça, sem interromper-se.

— Não te aborreças! Não poderias comprehender! Negocios ... difficeis e máus...

Ella riu naturalmente.

— Eh! não "ligas" mais, meu querido. Tudo "cansa"...

Elle deu de hombros e arremessou o livro ao chão, cheio de cólera.

— E' a fallencia! Oh! não rias, peço-te! E' tragico! Dez annos de esforços perdidos!

Deu alguns passos de um lado para outro e aproximou-se della, com a voz mudada.

— Peço-te perdão, querida! Não te interessa, siquer! Outro...

— Outro?...

Elle fez um gesto vago e olhou-a bem de frente, para ver si ella comprehendia. De repente, ella soluçou.

— Choras? Rirette, meu amor, choras? Por minha causa?

Duas grossas lagrimas rolaram pelas faces empoadas, emquanto a jovem creatura abanava a cabeça.

— Sim. Não. Não sei! Mas és o primeiro, comprehende bem, o primeiro que me pedes para não rir!

Um breve soluço sacudiu-a. Desesperada, balbuciou:

— Mas, meu querido, eu tambem fui infeliz! Eu, tambem, ha dias, em que não me rio. Somente... somente para te agradar... para te agradar, nunca ousei dizel-o...

Deixou-se cahir sobre o divan, abatida de desgosto. O homem estava ajoelhado perto della, acariciando-lhe os bellos cabellos negros annelados.

— Rirette, minha amiga, meu amor!

Ella ergueu então o rosto doloroso e, agarrando o homem pelas espaduas, gritou quasi:

— Amo-te. Entendes, amo-te! Tu, que consentiste... tu, que me pediste quasi para chorar...

# NOTAS DE ARTE — De Oscar d'Alva

LILY PONS — Depois de triumphar na *Lucia de Lammermoor* e no *Rigoletto*, quiz a sra. Lily Pons despedir-se do publico do Rio com um sarão especial em que só ella figurasse como a unica heroina. Assim, tivemos o prazer de ouvil-a em a noite de 22 de setembro, no concerto que realizou no T. M. com o concurso do pianista Mario de Azevedo e do flautista cujo nome o programma não menciona, os quaes fizeram os acompanhamentos. Compunha-se o variado programma de — I) Caccini — *Amarilli*; Pergoleso — *Se tu m'ami*; H. R. Bishop — *Lo! Here the gentle Lark*; Verdi — *Caro nome*, da op. *Rigoletto*; — II) Saint-Saens — *Théme varié* e *Le rossignol*; Délibes — *Les filles de Cadix* e *Air des Clochettes*, da op. *Lakmé*; — III) Rimsky-Korsakoff — *La fiancée du Tzar*; Rachmaninoff — *Ma belle enfant ne chante pas*; Bellini — *Ah! non credea mirarti*, da op. *Sonnambula*; Donizetti — *Aria da Loucura*, da op. *Lucia de Lammermoor*. Ouviram-se ainda como extra: *Pastorelle*, de Schubert, e *Boite á musique* e *Tarantola*, cuja autoria não nos occorre.

Para nós foi esse concerto a estréa de Lily Pons. Nunca a ouvimos antes, a não ser através dos discos da "Victor".

Justificou a bella audição toda a fama de que goza a notavel soprano ligeiro. A sua voz é de excepcional limpidez; não se lhe nota a mais leve nasalação; os sons fluem avelludados do mais delicado pianissimo ao forte mais intenso; diz e emitte com invejavel perfeição. Sente-se que a artista aprimorou a voz por intensa cultura; dahi os bellos effeitos, os effeitos emocionaes que o seu canto obtem sobre o auditorio commovido e empolgado. Moça, muito moça ainda, é natural que, com o tempo se aprimorem ainda mais os primorosos dotes da artista, tornando-a mais admiravel e mais admirada do que já é agora.

Dos numeros exhibidos, que todos revelaram as qualidades invulgares da cantora, sobresahiram, pelo poder emotivo — *Lo! Here the gentle Lark* e a *Aria da Loucura* — nas quaes a voz, dialogando com a flauta, adquiriu bellezas sem par; o auditorio, enthusiasmado, brindou a artista com uma estrepitosa e quasi interminavel salva de palmas. O *Caro nome* foi outro numero excepcional; os vocalises e os sons *filés* foram além de toda perfeição; e a nota final super-aguda, de irradiante belleza. Não menos notaveis, embora do mesmo effeito theatral, mostraram-se as irreprehensiveis interpretações de *Les filles de Cadix*, *Air des Clochettes* e *La fiancée du Tzar*.

Uma impressão final: interprete da scena lyrica, Lily Pons quiz mostrar, no seu concerto, que se adaptava perfeitamente á musica de camera; e tão bem realizou o proposito, que nos pareceu exceder-lhe os limites, cantando certos numeros sem imprimir-lhes toda a expressão dramatica que elles comportavam...

Sem contar com o concerto de Tito Schipa, que inaugurou a temporada e de que nada dissemos, porque não o ouvimos, o concerto de Lily Pons foi uma das mais bellas noites de arte que nos proporcionou o maestro-empresario Sylvio Piergili e seus esforçados collaboradores. Terminou brilhantemente o que brilhantemente havia começado: a temporada lyrica do theatro Municipal em 1931.

— Em que estás pensando, filhinho?
— Que deve ser muito delicioso ter-se um apetite como eu, e um estomago como o do senhor.

# Escriptores e Livros

**Paulo Gustavo — POR AMOR AO MEU AMOR — Editores: Borsoi & C. Rio — 1931**

PAULO Gustavo, com a publicação do seu segundo livro de versos, realizou o doce milagre de apparecer novamente ao publico, conservando intacta a feição romantica do poeta da *Divina amargura*.

A sua alma lyrica, dolorosamente triste, expande-se em vôos de inspiração facil, cantando o amor, impregnando a nossa alma de uma doçura sem par, o que nos permitte percorrer o livro da primeira á ultima pagina, com um sorriso bom á flôr dos labios.

A sua sensibilidade é communicativa, avassaladora.

Em *Mysterio de um olhar*, Paulo Gustavo recorda:

*Olhos limpidos, bons, de luz tão mansa,*
*Irradiando promessas e ternura,*
*Olhos lindos que sois a só esperança*
*A indicar-me o caminho da ventura...*

*Olhos claros, gentis, de luz tão pura*
*Como os olhos sem nevoas de uma criança...*
*Essa calma, que, triste, em vós perdura,*
*E' a que paira no mar quando ha bonança*

*Mas não sei que mysterio é que se esconde,*
*Que tristeza sem par, que mágoa vejo*
*Nadando nesse olhar que me seduz.*

*Que me importa, porém? Leve por onde*
*Me levar esse olhar, o que desejo*
*E' ter sempre por guia a sua luz!*

Adeante, é o dialogo *Fidelidade* que nos detem:

*— Que irás fazer, agora, abandonado,*
*Daquella a quem amaste assim distante?*

*— Recordar! Reviver todo o passado,*
*Tão feliz para mim, tão captivante!*

*— Mas, lembrar é um prazer que nos tortura!*
*Que irás fazer para alcançar o olvido?*
*— Chorar, para esquecer toda a amargura*
*Que senti nesse amor inesquecido.*

*— E depois de chorar e o coração*
*Sentires reviver, em novo alento?*
*— Amar? Querel-a ainda, mesmo em vão,*
*Como, outrora, lhe disse em juramento!*

*Por amor ao meu amor*, como vêem, é um lindo poema de ternura.

As illustrações de Paulo Werneck emprestam maior encanto ao volume.

**Acacio França — VICENTE LICINIO CARDOSO — Pap. Americana — Rio — 1931**

VICENTE Licinio Cardoso não deixou apenas livros e idéas na sua curta passagem pela vida. Deixou tambem amigos! Acacio França, que é uma intelligencia de escól, teve a fortuna da intimidade de Vicente.

Ligou-os o mesmo traço de bondade.

Partindo Vicente para nunca mais voltar, Acacio França, com palavras repassadas de emoção, conta-nos a historia dessa amizade e de tal modo, que põe em cheque o celebre conceito de Plauto: *Homo hominis lupus.*

Sentido e merecido preito de saudade.

**Gondin da Fonseca — POEMAS DA ANGUSTIA ALHEIA — Liv. Quaresma — Rio — 1931 5$**

OSCAR Wilde já póde ser lido na lingua portugueza. Encontrou, afinal, um traductor elegante, que soube comprehender a belleza dos seus versos maravilhosos. O sr. Gondin da Fonseca fez da *Ballada do cárcere de Reading*, motivo de um trabalho de raro sabor literario.

Querendo evidenciar haver tambem penetrado o segredo da alma de Edgar Poe, traduziu *O corvo*, afastando-se, entretanto, completamente, da traducção, de ha muito existente, de Machado de Assis.

A fidelidade da traducção póde ser aferida confrontando-a com o original inglez, que consta do livro.

Juntando um terceiro trabalho, *Confissão*, de Paul Claudel, formou o sr. Gondin da Fonseca o volume a que deu o nome de *Poemas da angustia alheia*, attestado da magnifica cultura do seu autor.

**Alexandre Dias — TORTURADOS — Pap. Velho Rio — 1931**

ESCREVE o autor na primeira pagina: "Deste livro, tirou-se uma edição de trezentos exemplares. E' a quantidade que deve bastar para produzir o allivio

de um congestionamento mental, como bastaria a extracção de trezentas grammas de sangue num caso de apoplexia commum". Interessante...

Tocou-me, por má sorte, ler um dos trezentos exemplares, e aqui estou arrazado dos nervos.

Até na concepção do desenho da capa do livro foi infeliz o autor.

O sr. Alexandre Dias deve desistir da mania de escrever, mesmo para os trezentos de Gedeão...

Ha muita gente que não tem o habito de comprar livros, como não compra coisa alguma, e toma-os de emprestimo aos amigos.

Assim, trezentos exemplares, multiplicados por trezentas mãos, deixam de ser uma expressão desprezivel...

Nós já vivemos sufficientemente torturados.

**Hildebrando de Lima — MARÉS DE AMOR — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1931**

A evocação do littoral do Norte com seus typos de pescadores e tradições, os grandes dramas de amor vividos com heroismo e sentimento, eis, em synthese, o bello livro de Hildebrando de Lima.

O apparecimento deste interessante talento, com o livro de contos Ontem... electrico, em 1928, foi um acontecimento auspicioso para as nossas letras.

Agora, com o recente volume, Hildebrando de Lima toma assento destacado entre os melhores escriptores do Norte.

Os seus contos, fortes, palpitantes, obedecem a uma technica perfeita, rigorosa, propria dos grandes mestres.

Um livro admiravel, digno de ser lido por quantos amam as bellas letras.

**Mario de Lima Barbosa — LAMARTINE SECRÉTAIRE D'AMBASSADE — Liv. Blanchard — Paris — 1931 — 6 fr.**

LAMARTINE não foi apenas um grande poeta: foi alguma coisa mais... Apertado pela dura necessidade de viver, atropelou amigos e amigos, na conquista de um posto diplomatico.

Quando já andava desilludido das promessas, chegou, afinal, a sua vez...

Lamartine, entretanto, não se adaptou ao ambiente diplomatico, de intrigas torpes, e evadiu-se.

Esse episodio da vida do grande romantico é que o sr. Mario de Lima Barbosa, tambem diplomata, nos dá a conhecer, num folheto de 58 paginas.

Mario Ney

# SEARA ALHEIA

**Vento de estio** O vento, amplo e ligeiro, carreando perfumes, espalha-os no grande deserto das noites de estio.

As selvas e os lagos parece que são arrastados pelo ar e dir-se-ia que o céo e os astros embalsamavam o ambiente.

E, dentro desta noite, em que nada é sombrio ou amargo, sob esta abobada estrellada que sonha serenamente, tenho assim como um ingenuo e doce presentimento da felicidade sem amor. — CONDESSA DE NOAILLES.

**O philosopho** O philosopho é um desencantado superior. Está tão alto, tão longe de tudo que soffre, deseja, ama e chora, que não nos vê, sensivel somente, que é, ás correntes de infinito que passam, em todos os sentidos, ao redor de seu ser, como ondas de verdade.

No emtanto, não vive nas alturas; está entre nós outros. Infantil e pretencioso não se cerca senão de idéas, que faz desfilar no tribunal do seu juizo comminatorio.

A sciencia, que discute, absolve ou condemna, conforme os casos, não se preoccupa com as suas sentenças. Deixa-o dizer o que bem entenda, sabendo-o inoffensivo.

Durante muito tempo falou e escreveu em latim e vestiu-se de preto, arranjando um aspecto entre medico e astrólogo.

Conseguiu fazer-se admirar pelos homens, assustando-os com a serenidade de sua physionomia e o mysterio incomprehensivel da sua linguagem. Impoz-lhes deuses e designou-lhes martyres. Indicou-lhes systemas e, havendo-os disciplinados com a Logica, divertiu-os com a Moral. Depois, ensinou-lhes a Metaphysica e acabou, assim, pondo-os loucos.

E' um effeito e não uma causa. E' um parasita da sciencia. Sempre viveu della, mas a tem seguido dando-se ares de havel-a precedido. Até hoje o philosopho só tem servido para excitar a necessidade da discussão e a mania da controversia. — HENRI DE LA TOMBELLE.

**Instincto** O nosso ser moral, como o physico, tem tambem seu instincto de conservação, com os mesmos impulsos de inconsciencia com que se manifesta este ultimo.

A ansiedade com que o homem que se afoga aperta o braço do nadador que vae salvál-o — esse gesto em que se concentra a energia toda de uma vida não é nem mais violento nem mais impulsivo que o proprio impulso do coração a nos arrastar, em alguns segundos, para certa pessôa de cuja presença necessitamos como necessita de um sustentaculo, de um auxilio, o desgraçado que se encontra no fundo de um abysmo. — PAULO BOURGET.

# ASPIRAÇÕES

Somos amigas. Seguimos aproximadamente identicos caminhos na vida; as creaturas que ambas personificamos ao atravessar-mos as praças publicas, os salões, ao vivermos o rythmo mundano das sociedades, são innocentes dissimulações a que o meio obriga. Ao nosso "Ego" que importa a mesquinhez dessas almas que a soberbia céga, que o materialismo embrutece, ou ainda a fragilidade da moral que por ahi apregoam! Entretanto, que differença entre os nossos sonhos!

Tu, em troca ao borborinho do mundo, almejas a paz, a monotonia do claustro; em logar dos "chiffon's" e dos "crepes" que a elegancia exige, desejas a simplicidade do manto que as servas do Senhor arrastam pelas lages dos pateos monasticos; aos sussurros sociaes, saturados de hypocrisia e malicia, preferes a singeleza das preces encerradas nos mysterios dos livros sagrados.

És simples. Eu sou muitas vezes um pouco estranha.

Ao meu espirito avido de liberdade e belezas jamais poderia antepôr a austeridade de uma vida de monja. Attrahem-me a aventura, o desconhecido, a potencia divina estigmatizada em cada vibração da Natureza; debruço-me sobre os mysterios para penetral-os; seduz-me a fantasia de ser uma Walkyria em vertiginosas cavalgadas pela solidão das impenetraveis selvas; de ser uma Amphitrite sulcando os mares inexcrutaveis, incitando o furor das aguas ou regendo a inexprimivel melodia das vagas. Extasia-me o fragor da catarata que em contorsões de espuma enche o ar de cantos energicos, vibrantes, como dominam-me as canções suaves da fonte que desliza sobre os tapetes de musgos... Admiro o vento que, uivando, investe pelos recantos, sacode a floresta, subleva a poeira, como enleva-me a quietude dos campos, o flaflar das selvas, a reverencia graciosa das espigas douradas á aragem cariciosa... Maravilha-me a brutalidade das nuvens que retratando corceis mythologicos vão reforçar a tempestade imminente, como arrebata-me a delicadeza de um painel crepuscular esboçado no firmamento opalino.

.. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. ..

Somos amigas. Entretanto, que differença entre as nossas aspirações!

Emquanto tua piedosa alma, murmurando as divinas préces, procura a paz, a solidão de um templo, o meu sêr, pantheista, amante da liberdade, só deseja, como paz, a da propria Natureza immensa e prodigiosa, essa paz que sussurra elegias encerrando a attracção indefinivel da incognoscivel Força que conduz nossas vidas.

ISA DE HUGOMAR

# RABO DE SAIA

CANTAVA a cotovia. O sol espanejava a natureza com seus longos fios de oiro. O vento baloiçava docemente as flores e os fructos. Cacarejavam gallinhas no terreiro. Os suinos mastigavam, com grande voracidade, pedaços de mandioca. Os vaqueiros amojavam as rêzes e premiam as têtas que se penduravam nos uberes cheios. Os cavallos relinchavam e pascentavam tufos de capim macio. Rio abaixo e acima, gansos elevavam-se na majestade gracil do seu pescoço flexuoso. Nas lagôas mariscavam patos bravos e marrecas de olhos vermelhos. Piavam gaviões no espaço. As mattas exhalavam o aroma agreste das plantas salutares. Ria-se Deus através da luz e a natureza o saudava pela bocca das coisas.

* * *

Chega o patrão. Forte e alegre. Quasi jovial. Consulta um grande relogio de algibeira, olha o céo e volta o olhar em tôrno. Os trabalhadores, depois de corresponder á saudação, aguardam as ordens deste. E elle vae determinando: uns para o cannavial, outros para o roçado e ainda muitos para curar o gado, enxertar laranjeiras e foicear formigas.

Quando a ultima determinação fôra feita, o patrão, lembrando-se de alguem que faltara á "chamada", gritou para um caboclo que se distanciava com a foice ao hombro:

— Oh Chico!

— Prompto, inhor'sim.

— Que é feito de Nicolau? Hoje não appareceu! Elle, que nunca falta ao serviço!

— Vaincê não sabe? Pois o cabra essa noite andou na bebedêra e o risurtado foi máo. Brigou com o Zé Macaco e arecebeu uma catucada de lambedêra no hombro esquerdo, qui quasi levou a breca!

— Hom'essa! E o Zé nada soffreu?...

— Argúma coisa. Quando a faca lhe varou a carne e a sanguêra comoçou a lamiar o chão, quasi sem sentido, elle puchou da garrucha e chumbeou o capêta mêmo incheio, na cara. Poucos minutos depois elle dava o ispríto ao diabo. Nisso vinha chegando o ispetor do quarterão, qui quiz levar Nicolau preso. Entonce eu e Venanço passêmo uma paulada no cujo e troxêmo o home pra casa. Ainda fumos perseguidos, mas, quando intrêmos na cancella, o povaréo largou nós de mão. E eu ainda uvi um delles dizê: "Deus nos livre de invadi a fazenda do Majó".

— Está bem. Pode ir.

* * *

Nicolau morava na divisa da fazenda. Era um dos poucos que merecia inteira confiança do patrão. Sabia, entretanto, corresponder com absoluta lealdade á confiança nelle depositada. Era bom trabalhador, honesto, robusto e valente. Seu unico defeito era o amor immenso dedicado á "pinga". Como todo caboclo digno desse nome bronzeado, venerava a "minduba" e desadorava o jôgo e as mulheres.

Cahia a tarde quando o major, cavalgando uma bonita bêsta "pello-de-rato", gritou á porta de Nicolau:

— Ou de casa!

Uma vóz rouca respondeu, dos fundos:

— Ou de fóra! Póde entrá!

O patrão apeiou-se e, empurrando umas taboas em fôrma de porta, penetrou na cabana tôsca.

Nicolau, estirado numa cama de varas, num cubiculo humido, sem janellas, estava em completa escuridão. Reconhecendo o major, ergueu-se a meio e monologou:

— Vaincê se assente. Ahi p'ro lado existe um banquinho. Tambem ha uma candeia...

O patrão tossiu. Puxou o tamborete para junto do enfermo, accendeu a lamparina de azeite de mamona e, pegando-lhe o pulso, sondando a temperatura:

— Como diabo foi você arranjar barulho mais uma vez?! Si eu soubesse que, não cultivando a maldita canna, vocês perdiam o vicio do alcool, esta lavoura não crescia nas minhas terras.

O doente sorriu. Apertou um pouco os olhos meudos como remem-

rando alguma coisa bôa, e retrucou:

— Não diga simiante horrô, patrão. Nem curpe a pobrezinha da pinga. Si a cachaça desapparecesse desse mundo de meu Deus, não havera de ficá nem um cabôco vivo pra semente. Apois a bichinha é a maió alegria da gente! — Vamos, como foi isso?!

— Eu conto pra vaincê: "Nós acabêmo de roçá aquelle eito qui vaincê mandou pra prantá mio, á boquinha da noite. Nem carculá se póde o horrô de unha-de-gato, calumby e tiririca qui tinha naquelle capão de terra! Eu tava com o corpo todo ranhado e o suó qui corria quêmava mêmo qui o isprito nas guéla da gente pula premêra vêz. Entonce arrebanhei; Venanço e Chico e fumos bebê uma talagada pra cortá o má. A cachacinha tava fria qui inté dava gosto saboreá. E quanto mais a gente bebia, mais vontade tinha de bebê. Nós tinha pouco dinhêro, mas seu Herculano dixe qui vendia fiado. E nós entrêmo um pouquinho demais na bebedêra. Vira, mexe, e o tempo foi passando...

"Tava as coisa nesse pé, quando veio vindo Zé Macaco com uma muié qui eu nunca vi nesse mundo. Bunitinha cuma uma zabelê qui tá aninhando. Vaincê bem sabe qui não vou muito com rabo de saia. Mas, porem, patrão aquella era da gente se virá de dentro pra fóra, cum perdão de vaincê. Era da artura, (comparando má) do fio de vaincê, seu Maninho. Tinha uns óio, tal e quá uma nambú. O corpo carnudinho cumo uma [illegible] e na cara uns cabellos fininho e briante cumo uma boneca de mio verde. A safadinha óiou pra mim e riu de preposo pra gente vê uma porção de dentinhos branco cumo os dente da sereia qui vaincê contou.

"Eu levava o copo á bocca pela... (a vez já não me alembra) quando ella veio chegando pra mim, pisando no chão cumo duas azas de brabuleta, e pegando no copinho qui eu tinha na mão, virou de um trago.

"Zé Macaco, qui tava cunversando com o vendêro, viu toda facerice da caboquinha dengosa. Eu de pru mim, só sentia o cheiro da muié me quemando o juizo, cumo o furtum do melado quente matando as môscas qui vôa pru riba do taxo. O cabra, entonce, vendo o pouco caso da capetinha, veio se mettendo entre mim e ella e ligero como uma cobra no rodia qui morde trez vez um cavallo na carrêra, ante mêmo qui eu podesse evitá, deu uma bufetada tão forte na muiésinha de Deus Nos'Senhor, qui ella foi pará do lado de fóra, (cum perdão da palavra) cum a saia na cabeça toda descomposta.

"O qui eu havera de fazê? Cruzá os braço?! Inhôr não! Tudo foi pru minha causa. Verdade qui eu não tive a curpa da muié gostá de mim, — e sorriu envaidecido, — mas já qui assim foi paciença.

"Peguei o cujo pula golla do palitó e lhe dei um sócco damnado pru baixo do quêxo. Elle rodou cumo um boi sangrado, quasi cahiu, mas, se aprumando, veio feito pra riba de mim, cum uma pernambucana briando na luz do gaz. Eu tava sem faca e pru isso fui obrigado a enfrentá o cabra cum as mão vazia. A unica arma qui eu levava era a minha fié garrucha, essa mêma qui tá ahi imriba. Mas cumo eu podia me valê della se o home tava armado de faca? Era disliá.

"Cumo eu ia dizendo, elle caminhava pra riba de mim feroz cumo um boi zebú pra riba dum cachorro. Briguemo um bão pedaço. Eu me livrava da faca aos pulo, cumo um gato se livra do bote da cobra. Fiz uma capoêra. Mas o espaço era pequeno e quando ia derribar o bicho cum a cabeça, senti uma aguiada no hombro. Era a faca do sujeito qui me varava o braço de lado a lado. Ainda assim suportei argum tempo, inté qui o sangue derramado cumeçou a me enfraquecê as perna e

# De Gilberto Veiga

meu corpo tremia mêmo qui sambambaia no ôio do oitizêro. Cahi. Elle veio cumo um cão daninado, — e cuspiu meudinho sobre o peito, — acabá de me matá no chão. Ahi é qui eu retribui a disliardade. Elle não me podia offendê dispois de eu havê cahido. E sacando da garrucha bem carregada de chumbo grosso, disparei nas fussas do covarde qui veio cahi quasi imriba de mim.

"Meus companhêro fôro correctos. Não se mettero na briga. Só fizero me carregá pra casa e só me dêxaro dispois de me havê curado cum banha virgem de porco e leite de pinhão brabo."

E, suspirando, terminou:

— Ah meu patrão, logo qui eu fique bão, hei de topá aquella muiésinha pachola e, entonce, digo pra vancê, quebro a jura qui fiz de morrê sortêro!

# FAISCAS ELECTRICAS

HA quem confunda educação com illustração: a primeira o individuo traz do lar e a segunda elle adquire na vida pratica.

Ha mulheres que preferem enganar aos namorados para ser fieis aos maridos, como tambem existem as que trahem aos maridos para ser fieis aos namorados.



O vazio é o logar mais cheio da memoria — tem tudo o que falta onde nada ha.

* * *

Entre uma mulher leviana, delicada, e uma honesta, grosseira, prefiro a leviana...

* * *

Ter muitos livros não significa cultura: lêl-os e comprehendel-os é que é.

* * *

E' preferivel uma mulher castamente absoluta dentro da relatividade mentirosa, do que as falsas dentro da verdade relativa do que são...

* * *

Quem procura humilhar a outrem ensaia dois criminosos: o humilhador e o humilhado.

* * *

Ha mulheres que têm esta philosophia: "Para grande amôr ao marido a mulher necessita enganál-o".

* * *

Havendo occasião de provocar um escandalo por motivo futil, eu a aproveito: é um dos meios de fazer nome...

* * *

Uma mulher que fala mal de outra nada mais faz do que contar os proprios defeitos...

* * *

Gosto do odio pela sinceridade das suas explosões — ha muito fingimento no amôr...

* * *

Creio mais no que dizem os inconscientes que na affirmativa dos tidos como lucidos. Os primeiros desconhecem os artificios da mentira, emquanto os ultimos podem vestir a philaucia com os paramentos da verdade...

* * *

Entre as virtudes que o homem deve procurar na mulher é a da que não alardeia possuil-as.

Certas mulheres de saias curtas são como os estirões em dias de cerração...

* * *

Ha quem tenha amizade ao gato em detrimento da do cão, como tambem ha quem cultive o crime em prejuizo da virtude.

* * *

O beijo é um alimento para a alma servida pelos labios do amante.

* * *

Certos labios encarminados são como as rodas dos "taxis" pintadas de branco...

* * *

As noites de lua são como as palavras de amôr dos enamorados: illuminam a alma.

* * *

Ha quem ame nos namorados os artistas em evidencia na scena... principalmente as mulheres.

* * *

Assim como o homem ri, os palhaços gargalham, a mulher chora...

* * *

A Saudade não é uma recordação que delicia, mas é a aprehensão de um futuro triste, lembrando-nos um passado mais triste...

* * *

O amôr é um perfume estranho que nos asphixia ao aspirarmos e, no emtanto, ansiamos tanto...

* * *

E' do ritão: "Quem ama tem ciume". Não só os enamorados o sentem — o odio tambem cria o ciume de um maior odio...

* * *

A musica é a voz dos seraphins irradiada pelos instrumentos.

* * *

Quando muito temos que fazer é que nada produzimos e quanto mais trabalhamos nada parecemos ter feito.

Um dia calmo nos irrita e um dia afadigado nos consola.

* * *

Gosto da mulher que me antipathiza. Questão de falta de convivencia...

A dança é para o corpo o que o narcotico é para o espirito: insensibilizando o espirito para as coisas que nos aborrecem, embota-o para tudo.

Aponal de Medeiros

# A SERENATA DO ALEM

AINDA hoje, tremem-me as mãos, um calafrio percorre-me todinho, turva-se meu raciocinio ao rabiscar a scena indescriptivel, que se desenrolou numa noite jamais por mim esquecida, no sombrio e grande casarão da fazenda "São Fernando", da qual, para meu maior tormento, fui o unico espectador.

Ao ler sua descripção, muitos me julgarão algum demente, que, em um momento de allucinação, vê e ouve seres e vozes, que, na realidade, só existem na sua imaginação doentia e exaltada. Todavia, tal não se dá. Xão sou louco. E' verdade achar-me dentro destas grades, uniformizado de branco, ao lado deste odioso cafageste, de musculos de aço, que não me abandona um momento siquer. Mas, não sou louco, é preciso que se saiba. Acho-me preso por uma injustiça. Pois meus parentes não acreditaram em minhas palavras verdadeiras, tão somente por maldade, afim de me fazerem infeliz. Vou relatar os antecedentes da scena acima referida; todo aquelle que tiver o espirito lucido, uma intuição exacta das coisas e factos e não possuir o coração corrompido pelos virus da maldade (o que lhe impediria de dar credito ás minhas palavras) poderá ver quão grande é o tormento por que passo ha mezes consecutivos trancado neste cubiculo, devido a uma quadrilha de homens máos ter posto em duvida a perfeição completa das minhas faculdades mentaes. E' verdade, comtudo, ter desde minha juventude o systema nervoso excitadissimo e momentos de largas abstracções, em que, dando azas ao meu pensamento, nirvanizado, deixava o meu "eu" espiritual perder-se, embrumar-se, no mundo do infinitamente incomprehensivel. Mas, nem por isso, deixa de ser verdadeiro o que lhes vou contar, transido de emoção e com os musculos enregelados e contrahidos.

* * *

Tinha vinte annos, quando, exhibindo-se no palco de um dos theatros do Rio uma celebre cantora paraguaya, alta, esbelta, morena, collo marmoreo, cabellos negros de azeviche, divididos em dois bandós, que lhe beijavam as faces avelludadas e roseas, olhos negros, grandes, despertou em meu ser um sentimento para mim até então desconhecido. Dahi uma força hypnotica que, escravizando-me, fez com que eu não mais pudesse fugir a essa fascinação.

Dias consecutivos fui ao theatro para ter o prazer de vêl-a e ouvil-a, juntando os meus applausos ao ramalhete de palmas que diariamente lhe era offerecido pelos seus innumeros admiradores.

Xão foi preciso muito tempo para meus paes e amigos tomarem conhecimento daquelle sentimento, que brotára, como um jorro dagua, em minh'alma, afogando-a, inundando-a completamente.

Tudo fizeram para livrar-me de attracção exercida pelo olhar fascinador daquella artista, em meu pobre ser excitavel. Entretanto, como o passaro, hypnotizado pelos olhos da serpente, caminha para ella, mesmo sabendo ir ao encontro da morte, eu procurava, ia em direcção daquelles olhos lindos, que me attrahiam, dominando minha vontade já enfraquecida. Assim me arrastava ao seu encontro, embora soubesse estar caminhando para o meu proprio infortunio. Meus amigos, numa ultima tentativa, num ultimo grande esforço, quizeram impedir-me de seguir a trilha que me traçára o Destino. Fugi para bem longe desses meus affectos sinceros, deixando-me guiar exclusivamente pelo Amor, força irresistivel, dominadora de todos os seres humanos.

# Por Fernão de Itararé

Pesquizas inuteis, indagações sem resultado, fizeram com que perdessem a esperança de encontrar-me; dessa maneira, no coração de meus caros paes, o filho querido, num esquife de lagrimas e recordações, fôra sepultado para sempre.

Oh! como fui tambem infeliz por aquelles tempos!

Passados apenas alguns mezes depois que Mara (este era o seu nome) e eu haviamos fugido, começamos a percorrer o nosso Calvario. Pois, uma tosse continua e impertinente, seguida de febre quotidiana, vieram atormentar a minha pobre companheira, esmaecendo a sua mocidade e belleza, na sua alvorada de amor. Seguiram-se dias de dôr e de tormento.

Uma quinzena fôra bastante para eu mesmo, o coração partido, o cerebro em vira-voltas, as idéas sem connexão, os sentidos externos adormecidos, ter de cruzar-lhe para a Eternidade, as mãos delicadas, as lilaes, como duas pombas nevadas, diariamente, esvoaçavam sobre as cordas da lyra, acompanhando a voz branca e melodiosa de Mara, a interpretar com sentimento, o coração nos labios, suaves melodias da bella Veneza.

Desesperado, allucinado, voltei novamente para junto dos meus, a procurar o balsamo milagroso que pudesse sanar a chaga sangrenta, brotada em meu coração. Commigo trouxe o allivio, a satisfação, a alegria, a meus paes, para quem sempre fui o ultimo raio de Ventura, na tarde da Vida.

Mas, voltei peor do que partira.

Vinha desilludido, desencantado. Tudo quanto anteriormente amava, agora não mais conseguia despertar em mim uma gotta de satisfação, uma gamma de alegria, nem mesmo o chilrear do meu canario belga, outrora, um dos meus encantos.

Estava na vida como o guerreiro que o Fado fizera sobrar no campo de batalha: triste e só! Acabado o fragor dos combates, companheiros mortos, varados á bala, varridos á metralha, furados á bayoneta, cobertos de sangue e lama, apodrecendo, servindo de pasto aos carnivoros, — elle, o sobrevivente a essa hecatombe, só vê, olhando em todas as direcções, o espectro da Morte, da Miseria, do Silencio, quebrado, de quando em quando, pelo farfalhar compassado das azas dos abutres, a voejarem ao seu redor. Morte! Miseria! Silencio! Voracidade! Nada mais.

Esse era o meu estado.

Impossivel achar sensações de prazer da cidade. Sentia-me infinitamente desgraçado, quando via ao lado um amigo, um parente, uma mulher. Passava pelos bosques e logares ermos, buscando o esquecimento do mundo das realidades, as quaes me aterrorizavam. Apromptei minhas malas e parti para a fazenda de meu pae; preferia sozinho procurar consolo, esquecer o mundo e chorar meus tormentos. Lá existia um velho casarão ha muito abandonado. Antigo solar da familia de minha mãe. Foi grande o espanto do zelador com essa minha resolução, e em vão tentou elle me dissuadir do meu proposito.

— Onde já se viu — dizia o bom homem — habitar-se numa casa conservada apenas como reliquia do passado?

Não acceitei os seus conselhos. Queria; era o bastante.

Assim, me installei naquella velha residencia do tempo do Imperio. Sua architectura era antiga: paredes altas e largas, portas pesadas, tendo ainda, como fechaduras, grandes ferrolhos. O assoalho estava todo

(Conclue na pagina seguinte)

# A SERENATA DO ALEM

(Conclusão)

esburacado. O vento, como um menino travesso, brincando de pega-pega, corria assobiando por entre as ripas carcomidas do tecto. O mobiliario era antigo, grande, pesado e austero. Eu passava, porém, a maior parte do meu tempo na bibliotheca, situada á direita da porta que ligava por um corredor a sala de jantar á varanda. Esta tinha como moveis uma mesa grande, uma espreguiçadeira, algumas poltronas de velludo descorado e estantes, sobre as quaes descansavam castiçaes de prata, trabalhados com esmero e arte.

Nesse ambiente entreguei-me, então, á vida mais extravagante que se possa imaginar. Duas unicas cousas me rodeavam agora, continuamente: o silencio religioso do passado e o alcool, lenitivo de meus pesares e berço onde embalava minhas saudades. E, nesse scenario sombrio e brumoso, passou-se a scena cuja narrativa, agora, lhes vou fazer, e que me conquistou os fóros de louco, perante os mãos.

* * *

Por uma noite chuvosa, na bibliotheca illuminada apenas por um antigo candelabro de prata, eu estava ha varias horas, sentado numa cadeira de braços, em frente a uma escrivaninha, com os olhos immoveis, despreoccupado a contemplar um magnifico retrato de mulher, pintado a oleo, emmoldurado com madeira





# VOCAÇÃO

No grande salão côr de rosa, Maria-Rosa sorria.

— V. não nos quererá fazer crer que se fabrica assim, uma obra-prima, numa penada, diziam-lhe.

— Affirmo-lhes, protestava ella, que não venho sendo torturada desde a infancia por isso que vocês chamam "minha vocação". Foi meramente por acaso que escrevi este "Romance de minha vida". Vou contar-lhes tambem, disse ella, uma historia: ha dez annos que se passou. Eu era uma provinciana timida que nunca havia deixado a pequenina villa onde moravamos, meus paes e eu, senão para ir á nossa propriedade de Combes, a alguns kilometros. Meu mundo era restricto e meus sonhos tinham azas curtas. Não pensava absolutamente em fazer romances, apenas em casar-me. Minha mãe, que escolhia meus vestidos e meus chapéos, escolheria tambem meu marido. E foi, aliás, o que ella fez. Aos dezoito annos eu casava-me com o nosso secretario, de prefeitura — que Deus o tenha em paz! Era um senhor barrigudo e grisalho, muito bem educado. Era filho da terra. Não fizemos viagem de nupcias e installei-me em casa delle, em companhia de sua mãe. Encontrei ahi a mesma vida que havia deixado.

Isso durou tres annos. Não tinha filhos e estava desolada. Meu marido rejeitou toda melhoria para não deixar a villa, meus paes apoiaram-no, e eu começava a aborrecer-me. Estava admirada: "Porque, pensava eu, quando solteira, não me entediava, e por que — si nada ou quasi nada havia mudado — por que agora este tedio me acabrunha e me domina?"

Acabei por me acreditar doente. Meu marido propoz consultar o velho doutor Rouchaud. Mas este, entrevado de rheumatismo, não sahia mais do quarto e havia passado a clientela ao sobrinho José, um bello joven sahido de fresco da Faculdade. Este prescreveu-me amavelmente, remedios energicos e muito calmantes.

No dia immediato, fiquei admirada de não mais sentir aquelle estranho abatimento que me tirava completamente a alegria. E a idéa de um passeio assaltou-me de repente, eu, que até nauseas tinha daquelles passeios, daquellas casas, daquella gente, sempre, sempre, eternamente a mesma! Pela tarde, meu proprio marido notou minha bôa physionomia:

— Com doentes imaginarios como tu, disse-me elle, basta ver o medico para curar-se.

Esta phrase perturbou-me de modo estranho, como si encerrasse mysteriosa verdade. E naturalmente, voltei ao medico. Sem saber a que attribuir tão prompta e maravilhosa transformação, sentia-me literalmente reviver. Estava alegre, gazava o céo azul, o sol, os longos passeios nos bosques de Combes em pi... Uma sombra — que tinha um pequenino bigode curto e que se chamava "João" — caminhava sempre ao pé de mim... Eu falava com ella, vivia com ella...

Um dia que as sylindras molhadas cheiravam muito forte

doirada e preso á parede verde escuro, que me era deanteira, por um cordel de igual côr.

Fóra, o vento corria velozmente com suas botas de "sete leguas", por entre folhas e ramagens, como si fôra o sacypererê.

A chuva, enraivecida, não cessava de chicotear as vidraças e as paredes externas da casa.

De espaço a espaço, fachos de fogo, em vão, tentavam incendiar a abobada negra do céo.

Do lado de dentro, imperturbavelmente, rythmicamente, automaticamente, o ponteiro do velho relogio, situado no angulo direito da sala, caminhava sempre no seu invariavel tic-tac, tic-tac.

Absorto em minha mystica contemplação, não possuia a minima noção do tempo que fugia. Eis que, de repente, uma lufada de vento, escancarando a porta, invade a sala, apagando a luz do candelabro.

Ao silencio uniu-se a escuridão.

Na vidraça de uma das janellas começou a esboçar-se uma figura humana. Aterrorizado, escondido por detraz da minha escrivaninha, vi, então, pouco a pouco, desenhar-se nitidamente o vulto de uma linda mulher, toda vestida de branco, esbelta, morena, collo marmoreo, cabellos negros de azeviche separados em dois bandós, que iam repousar em suas faces rosadas. Duas mãositas, pequeninos dedos ageis a dançar sobre as cordas de uma lyra dourada. Emocionado, o sangue gelado nas veias, o coração a bater pausadamente quasi a parar, pude reconhecer o perfil de Mara, meu unico encanto, meu unico e verdadeiro amor, minha vida, minha illusão, cantando, com sua voz maviosa e meiga, a minha melodia predilecta.

Era a serenata do além...

# (Claude Laverrière)

das minhas janellas, escrevi-lhe, áquella sombra. Eu tratava-a intimamente por tu, com doçura, eu dizia-lhe o logar que ella occupava na minha vida — depois, á medida que eu escrevia, eu me animava a contar nossas entrevistas, acolá, nos bosques de Combes, nossos beijos sob os carvalhos...

E todas as minhas emoções eu lançava nessas linhas que cantavam o nosso amor feliz — ai de mim! Mais imaginario ainda que o meu mal!

Essa carta ficou sobre a mesa do meu quarto — verdadeiro quarto de moça, azul e branco. Uma caixa de papel de cartas serviu-lhe de precario abrigo. Mas ninguem se interessava pelos meus segredos. Estava tranquilla.

Certo dia, quiz o acaso que meu marido precisasse dum enveloppe. Elle achou a tal carta: "Que é isso?", disse-me elle, em tom secco.

Um frio suor inundou-me. Timida, menti. Menti de prompto, sem procurar, sem saber o que dizia.

— E' o ultimo capitulo do meu romance, confessei, corando. Não queria mostrar-te antes de estar acabado...

— Mas esses detalhes? Os bosques de Combes? Esses beijos? Não é inventado isso.

— Para dar impressão de realidade a uma historia tão falsa, affirmei, escolhi um quadro real. E' minha heroina que escreve a seu noivo. Sim... E' uma joven solteira...

— Já escreveste tudo isso?

— Sim...

— Pois bem! Ouve-me, Maria-Rosa, tu m'o darás a ler amanhã de manhã, sim? Desejo lei-o ás nove horas. A menos que não m'o queiras mostrar agora?

Elle falava lentamente, sem me deixar com os olhos e seu olhar era tão frio que me gelava.

— Não, não, amanhã, balbuciei, abaixando a cabeça.

E eis como, numa noite, nasceu esse famoso "Romance de minha vida", que vocês não conheceram.

Eu escrevi-o como uma allucinada, sem parar, sem repousar, com a pressa torturada de um animal atrelado. Conservo disso, uma impressão de pesadello...

De manhã, depois de deixal-o na sala de jantar, perto da chicara de chocolate de meu marido, fui deitar-me, esfalfada. Por muito tempo, não pude levantar-me. O doutor — que tinha um pequeno bigode curto — foi chamado e, a pedido meu, prescreveu-me o Sul. De lá eu soube que meu marido havia enviado o meu manuscripto a Paris. Foi um successo. Meu marido obrigara-me a escrever o meu primeiro livro; o contracto com o editor obrigou-me a escrever um segundo, depois um terceiro. Quanto á minha vocação, vocês vêem...

E... o doutor?, interrogou alguem. Nunca soube nada disso, disse Maria-Rosa, com sombra de melancolia. Talvez mesmo nunca houvesse lido meus livros. Mas eu devo-lhe a mais maravilhosa cura que, sem duvida, elle já obteve, acrescentou ella.

Um sorriso alegre passou-lhe pelos labios. E ella levantou-se para nos servir o chá.

# O RITUAL DOS MUSGRAVES

Uma anomalia que muitas vezes me impressionava no caracter do meu amigo Sherlock Holmes era o vêr que embora nos seus processos de raciocinio elle fosse a mais methodica das creaturas, e cuidasse sempre com esmero no seu modo de vestir, nem por isso deixava de ser tão desarranjado que por vezes fazia o desespero dos seus companheiros de casa.

Não é que eu, de modo algum, seja nesse ponto um modelo; porque a vida desordenada a que me obrigaram os meus trabalhos no Afhanistan, juntamente com a minha disposição bohemia, tornaram-me mais descuidado do que convem talvez a um medico.

Mas em mim isto tem limites, e chego mesmo a considerar-me perfeito quando me comparo com um homem que põe a caixa dos charutos no cesto do carvão, guarda os cigarros dentro de uma chinella persa e dispõe as cartas a que tem de responder espetadas na ponta de uma faca, em cima da pedra do fogão.

E ainda isto não é nada!

Nos seus dias de bom humor Sherlock Holmes grava na parede a tiros de revólver um patriotico V. R. (1) emancipando-se assim da idéa geralmente admittida de que o tiro ao alvo é um sport ao ar livre, com o que nada ganhava nem a apparencia, nem a atmosphera da nossa casa.

Além disso, a sala estava sempre cheia de productos chimicos e dos mais differentes objectos, reliquias de antigos crimes, que nos appareciam nos sitios mais extraordinarios: por exemplo, numa manteigueira.

Mas o meu maior supplicio era sobretudo a accumulação da papelada. Sherlock Holmes tinha horror a destruir quaesquer documentos que dissessem respeito a casos já passados. Uma vez por anno fazia o esforço inaudito de classificar os seus papeis e dar-lhes alguma ordem.

Como já tive occasião de dizer nestas mal alinhavadas memorias, á energia e extraordinaria actividade que elle despendia e que lhe asseguravam o exito nas causas mais arduas, seguiam-se logo periodos de lethargia; languidamente estendido num divan, entretinha-se a ler ou a tocar violino, e parecia que mal tinha energia para se arrastar até á mesa de trabalho.

(1) Victoria Regina.

Assim os papeis accumulavam-se cada vez mais e obstruiam o quarto; já não se viam senão pilhas de manuscriptos, que era prohibido queimar, e em que só o meu camarada tinha o direito de mexer.

Uma noite de inverno estavamos sentados ao fogão; Sherlock Holmes acabava de collar no seu caderninho trechos sobre varios assumptos; aventurei-me a suggerir-lhe a idéa de empregar duas horas que tinha ainda disponiveis em dar á sala um aspecto mais confortavel.

Holmes comprehendeu que lhe era impossivel deixar de reconhecer a justiça do meu pedido; por isso, com um ar envergonhado e aborrecido, encaminhou-se para o quarto de dormir e logo voltou com um grande cofre de metal branco. Collocou-o no meio do quarto, e abriu-o, sentando-se, ou antes, deixando-se cahir sobre um banquinho. Vi que a caixa estava cheia até o meio de pacotes e de papeis atados com fitas vermelhas.

— Tenho aqui uma bôa collecção de historias, disse-me elle, olhando-me significativamente. Estou convencido de que, se você soubesse tudo o que esta caixa contem, me pedia logo para lhe mostrar estes papeis em logar de fazer arrumações.

— São documentos referentes aos primeiros casos de que se occupou? Sempre desejei immenso conhecel-os.

— Sim, meu amigo, tudo isto data duma época muito remota. Não o tinha nesse tempo como meu historiador para me tornar celebre!

Emquanto falava ia tirando os maços da caixa, um a um, olhando-os com ar enternecido.

— Nem tudo aqui são exitos, Watson. Mas ha alguns problemas bem interessantes. Aqui tem as notas sobre os assassinatos de Tarleton e sobre o caso de Vamberry — sabe? — o commerciante de vinhos. Nesta caixa está tambem a aventura da russa velha e o curioso caso da muleta de aluminio, como tambem os detalhes mais minuciosos sobre Ricoletti, o homem do pé torto, e sobre a sua horrivel mulher. E isto?... Ah! é um caso verdadeiramente original.

Mergulhou o braço até ao fundo da caixa e tirou della uma caixinha de pau com tampa corrediça como as que têm as creanças para guardar brinquedos. Tirou de dentro della um boccado de papel amarrotado, uma chave de cobre de systema antigo, um pedaço de cabide de pau, do qual pendia um novello de cordel, e tres velhos discos de metal enferrujado.

# (Sherlock Holmes) - Por Conan Doyle

— Então, meu caro? Que pensas destes objectos? perguntou-me servindo, ao vêr a minha cara de espanto.

— E' uma collecção curiosa!

— Muito curiosa; e ainda o é mais a historia que com ella se relaciona.

— Então estas reliquias têem uma historia especial?

— Tão especial que por si só representam uma pagina de historia.

— Que quer dizer com isso?

Sherlock Holmes pegou-lhes, uma por uma, e collocou-as em cima da mesa. Depois tornou a sentar-se e contemplou-as com um ar de completa satisfação.

— E' tudo o que me resta, disse elle, do episodio do Ritual dos Musgraves.

Mais de uma vez eu o tinha ouvido alludir a este caso, mas não lhe conhecia os pormenores.

— Estou morto por saber essa historia.

— E quer que deixe tudo isto em desordem? exclamou elle maliciosamente.

— Sim. Depois...

— Confesse que pouco é preciso para o fazer esquecer da sua mania de arrumação. Vamos, de bôa vontade consinto em que junte esta historia ás suas Memórias, porque, em virtude de certas particularidades, ella é realmente um caso unico entre as causas crimes do nosso paiz. Tem um typo bem á parte! A narração dos meus modestos exitos ficaria, a meu vêr, incompleta se não abrangesse este caso singular. Lembra-se de que a historia do "Gloria Scott" e a minha conversa com o pobre homem, cuja morte lhe contei, foram o ponto de partida da carreira a que me consagrei. Agora o meu nome já adquiriu uma certa celebridade, e sou considerado pelo publico como uma especie de tribunal de ultima instancia para os casos desesperados. Na época em que me viu pela primeira vez, quando se deu o caso que historiou com o titulo de *Alliança de casamento*, já eu tinha uma clientela consideravel, ainda que pouco lucrativa. Não póde calcular como foram penosos os meus principios, e quanto tempo me foi necessario para me tornar conhecido e crear reputação. Quando me vim installar em Londres, aluguei uma casa na rua Montagne, ao pé do British Museum, e empreguei os meus ocios estudando todos os ramos de sciencia que me podiam vir a ser uteis. De tempos a tempos algum camarada, lembrando-se de mim e da minha aptidão incipiente, confiava-me uma causa para estudar. O terceiro caso de que fui encarregado foi o "Ritual dos Musgraves". O primeiro passo na escala que me havia de conduzir ao auge da fama foi devido ao interesse que o publico ligou a este extraordinario conjunto de circumstancias e tambem, devo dizel-o, ao feliz resultado das minhas investigações.

Reginald Musgrave tinha sido meu companheiro de collegio e eu mantivera algumas relações com elle. Não era em geral querido dos estudantes menos adeantados. Attribuiam-lhe um orgulho que, na minha opinião, era apenas a mascara da timidez. Exteriormente tinha um typo muito aristocratico: franzino, nariz aquilino, olhos muito grandes. As suas maneiras, apezar de perfeitamente correctas, indicavam indolencia. Era de facto descendente de umas das familias mais antigas do reino, embora pertencente ao ramo segundo, separados dos Musgraves do norte, no seculo XVI e estabelecidos na parte oeste do Sussex, no senhorio de Hurlstone, talvez o mais antigo solar do condado. Este rapaz parecia ter conservado a marca do logar onde havia nascido, e nunca pude olhar para o seu rosto pallido e magro, nem observar o porte da sua cabeça, sem immediatamente me virem á idéa ogivas enverdecidas pelo musgo, janellas gradeadas, numa palavra, todas as veneraveis ruinas de uma velha habitação feudal. Tinha tido algumas vezes occasião de falar com elle, e lembra-me que os meus processos de observação e de deducção pareciam interessal-o vivamente.

Havia já quatro annos que nos não viamos, quando uma bella manhã appareceu em minha casa na rua Montagne. Pouco tinha mudado. Vinha elegantemente vestido como sempre eu o vira, e conservava os mesmos modos pausados e suaves que outr'ora o caracterizavam.

— Então que é feito de ti, Musgrave? pergunteí-lhe depois de nos termos cordealmente apertado as mãos.

— Provavelmente ouviste falar da morte de meu pobre pae, respondeu elle. Falleceu ha dois annos pouco mais ou menos. Herdei a terra de Hurlstone, e as funcções de deputado do meu districto impuzeram-me naturalmente uma vida activa. Mas sei, meu caro Holmes, que te decidiste a tirar partido, sob o ponto de vista pratico, dessas maravilhosas qualidades que outr'ora causavam a nossa admiração.

(Continúa na pagina seguinte)

"— E' verdade, respondi. Resolvi-me a viver das minhas habilidades.

"— Estimo isso immenso, porque o teu auxilio, neste momento, ser-me-á precioso. Passaram-se em Hurlstone acontecimentos estranhos que a policia nunca poude esclarecer. E' realmente o caso mais extraordinario e inexplicavel que tenho visto."

— Póde você bem calcular, Watson, o interesse com que o ouvia; depois de alguns mezes de inacção, o meu amigo proporcionava-me precisamente aquillo que eu aspirava. Um presentimento me dizia que, apesar da difficuldade que apresentava a resolução do caso, eu me havia de sahir bem, e confiava em que tinha, emfim, chegado o momento de dar uma prova decisiva dos meus meritos.

— Venham os pormenores, exclamei.

Reginald Musgrave sentou-se deante de mim e accendeu o cigarro que eu lhe offerecera:

"— Sabes, disse-me elle, que apesar de ser solteiro, tenho um viver de bastante luxo em Hurlstone, porque habito uma destas incommodas casas antigas que custam muito a manter.

"Como ha muita caça nas minhas propriedades, costumo ter muitos convidados na época dos faisões, e por isso necessito de uma casa regularmente arranjada.

"Ao todo tenho ao meu serviço oito creadas, um cozinheiro e um mordomo, dois lacaios e um "groom".

"Além disso a horta e a cavallariça precisam, é claro, de um pessoal proprio. O mais antigo de todos estes creados, o mordomo Burton, era, quando meu pae o admittiu ao serviço um joven preceptor desempregado. As suas qualidades excepcionaes e o seu caracter energico tornaram-no em breve indispensavel em nossa casa. Era um bello homem, bem apessoado, de resto intelligente. Não deve ter hoje mais de quarenta annos, e já ha vinte que está ao nosso serviço. Além do seu bom aspecto physico, tem excepcionaes qualidades de intelligencia. Fala muitas linguas e toca quasi todos os instrumentos de musica.

"Por todas estas razões sempre me espantou que se sujeitasse á sua posição em nossa casa, mas attribuo isso, a que tendo elle ali tudo o que necessitava, lhe faltasse energia para tentar mudança.

"O caso é que o mordomo de Hurlstone gozava da consideração de todos os nossos hospedes. Mas este modelo tem um senão, que é o de ser um tanto d. Juan.

"Deves calcular que a um homem como elle não é difficil desempenhar este papel em um restricto meio rural.

"Emquanto esteve casado tudo correu bem, mas depois de enviuvar creou-nos mil difficuldades.

"Ha alguns mezes esperamos que assentaria de novo o juizo, porque ajustou casamento com uma das creadas de quarto, Rachel Howells; mas rompeu com ella, deitando então as suas vistas para Janette Tregelis, filha do couteiro. Rachel é uma bôa rapariga, natural do paiz de Galles; e, como tem um temperamento impressionavel, este desgosto causou-lhe um accesso de febre cerebral. Ainda hontem andava como louca, percorrendo as casas, e já não é a sombra do que foi. Foi este o primeiro acto do drama de Hurlstone; o segundo é ainda mais espantoso que o primeiro e teve por prologo a despedida do mordomo.

"Mas vamos aos factos:

"Disse-te que o homem era intelligente. Foi a intelligencia que o prejudicou, desenvolvendo-lhe em excesso uma necessidade insaciavel de descobrir coisas com que nada tinha.

"Só comprehendi bem as proporções que este defeito tinha attingido, no dia em que um acontecimento de pouca importancia me veiu abrir os olhos. Já te disse que a casa era grande e mal dividida.

"Uma noite da semana passada, na terça-feira, não consegui adormecer por ter, contra o meu costume, tomado ao jantar uma chicara de café muito forte.

"A's duas horas da manhã, vendo que era impossivel conciliar o somno, desisti de dormir, e levantei-me para continuar a ler um romance. Lembrei-me então de que o volume tinha ficado na sala de bilhar, e vesti um roupão para ir buscal-o. Para chegar ao bilhar tinha que descer a escada e atravessar um corredor que ia ter á bibliotheca e ao quarto onde se guardam as espingardas. Podes calcular a minha surpreza ao vêr que havia luz na bibliotheca. Eu mesmo a tinha apagado, e fechára a porta antes de me deitar; cheguei a convencer-me de que fossem ladrões.

"As paredes dos corredores de Hurlstone estão cobertas de antigos tropheus de armas. Lancei mão, ao acaso, de um machado e, pousando a vela, dirigi-me, pé ante pé, para a porta entreaberta, e espreitei. No auge da surpreza vi Burton assentado numa poltrona, tendo sobre os joelhos uma folha de papel que me pareceu ser um mappa.

"Parecia estudar numa grande concentração, com a cabeça inclinada, e indicando com o dedo um determinado ponto. Mudo de espanto, deixei-me ficar e, graças á escuridão que me envolvia, pude observar tudo á minha vontade.

"O castiçal que elle tinha posto sobre a borda da mesa allumiava sufficientemente a sala, e vi por isso que estava vestido como de costume. A certa altura levantou-se, e indo direito á secretária que ficava a um canto, abriu-a e metteu a mão numa gaveta. Tirou de dentro um papel e, sentando-se de novo, pôz-se a examinal-o minuciosamente á luz da

vela. Foi tal a minha indignação ao vêr que aquelle intruso se atrevia a mexer nos meus papeis de familia que, arriscando-me a trahir a minha presença, avancei direito a elle. Burton levantou a cabeça, reconheceu-me e fez-se livido: depois levantando-se, escondeu o mappa entre o collete e a camisa.

— "E' assim, disse-lhe eu, que corresponde á confiança que, em si depositei? Deixará o meu serviço amanhã.

"Tinha collocado o castiçal sobre a mesa, e pude ver, com o maior espanto, que o que elle fôra buscar não tinha importancia alguma. Era a copia das perguntas e respostas dum velho e singular rito chamado o "Ritual dos Musgraves".

E' uma especie de ceremonial peculiar á nossa familia que, desde seculos, tem sido observado por cada Musgrave, quando chega á maioridade. E' uma cousa que só para nós tem interesse, e talvez tambem para os archeologos, como as nossas armas e brazões; mas que não tem nenhuma utilidade pratica.

— "Voltaremos a falar mais tarde desse documento, disse eu.

— "Se entenderes que isso é realmente necessario, respondeu-me o meu amigo com alguma hesitação. Mas deixa-me acabar de contar-te: — Tornei a fechar a secretária servindo-me para isso da chave que Burton tinha deixado, e preparava-me para me retirar quando, espantadissimo, vi de novo na minha frente Burton, que tinha voltado atraz sem eu dar por isso.

— "Senhor Musgrave, exclamou com voz tremula: não posso supportar um desgosto tão grande! Sempre fui orgulhoso, mais do que é natural na minha situação; e este vexame matar-me-ia. O meu sangue recahirá sobre a sua cabeça se persistir em levar-me ao desespero! Se não póde conservar-me em sua casa, depois do que se passou, deixe, por amor de Deus, que eu fique ainda um mez, e sahirei então como se fosse por minha vontade. Isso ainda eu posso supportar, mas não o ser posto fóra deante de toda esta gente.

— "Não merece contemplações, Burton, respondi-lhe. O seu procedimento foi indigno. Em todo o caso, como já está muitos annos em minha casa, não quero que seja publicamente exautorado. Um mez é demais, mas concedo-lhe oito dias para deixar Hurlstone. Invente um motivo qualquer para se ir embora.

— "Só uma semana, senhor?! exclamou elle no auge do desespero. Conceda-me ao menos quinze dias!

— "Só uma semana, repito, e ainda assim póde gabar-se de ter sido tratado com mais consideração do que merece.

"Sahiu lentamente, com a cabeça pendida para o peito, como que vencido. Apaguei a vela e fui me deitar. Nos dois dias que se seguiram a este incidente, Burton foi o mais assiduo possivel e muito cuidadoso no seu serviço. Não fiz allusão alguma ao que se tinha passado, e perguntava a mim mesmo com curiosidade como justificaria elle a sua partida. Ao terceiro dia notei com espanto que não veiu de manhã, depois do almoço, como era seu costume, receber as minhas ordens para o dia. Ao sahir da sala de jantar, encontrei a criada Rachel. Como te disse ella acabava de se restabelecer duma doença. Achei-a tão pallida e tão abatida que a reprehendi por ter voltado a trabalhar.

— "Devia estar na cama, disse-lhe. Só deve voltar ao serviço quando estiver melhor.

"Olhou para mim com uma expressão tão singular, que comecei a suspeitar que não estava em seu juizo.

— "Sinto-me forte, sr. Musgrave, disse-me ella.

— "Veremos o que dirá o medico, retorqui-lhe. Por agora far-me-á o favor de não trabalhar e, quando fôr lá abaixo diga ao Burton que desejo vel-o.

— "O mordomo foi-se embora, respondeu ella.

— "Como assim?!...

— "Foi-se embora. Ninguém mais o viu. Não está no quarto. E' verdade. Foi-se embora. Oh! se foi!

"Encostou-se á parede num riso convulsivo; e eu, afflicto com este subito ataque de nervos, corri á campainha para chamar por auxilio.

"Levaram a rapariga que gritava e chorava, e eu fui saber o que fôra feito de Burton.

"Tinha realmente desapparecido.

"A cama delle estava ainda feita, e depois que na vespera se recolhera ao quarto, ninguém mais o tinha visto. E no emtanto era difficil saber como deixára a casa, não tendo sido aberta nenhuma porta ou janella. No quarto encontrou-se a sua roupa completa, o dinheiro, o relogio, emfim, tudo o que lhe pertencia.

Só faltava o fato que trazia usualmente. As botas estavam no logar do costume. Onde podia pois ter ido Burton, e que lhe teria acontecido?

"Como era natural, procurámol-o por toda a parte, mas nem vestigios se encontraram da sua passagem. Como te disse já, a casa é um verdadeiro labyrintho, sobretudo a parte mais antiga que agora está deshabitada. Por mais que explorassemos os cantos e recantos dos subterraneos, não encontramos o mais leve vestigio do fugitivo.

"Parecia-me inverosimil que elle se tivesse ido embora deixando tudo o que possuia, mas onde estava então? Mandei vir a policia da localidade sem nenhum resultado. Tinha chovido na noite anterior. Percorremos os terrenos e os caminhos em volta da casa; mas em vão! Estavam as cousas neste pon-

(Conclue na pagina seguinte)

to, quando um novo incidente nos fez momentaneamente esquecer a desapparição do mordomo.

"Durante dois dias a Rachel tinha estado tão gravemente atacada de delirio e crises de nervos que foi preciso mandar para o pé della uma enfermeira.

"No terceiro dia depois da fuga de Burton, esta, vendo que a doente tinha adormecido, adormeceu tambem na sua cadeira; quando abriu os olhos pela madrugada achou a cama vasia e a janella aberta.

A doente tinha desapparecido. Foram-me acordar; acompanhado pelos dois lacaios, fui logo ver se achava a rapariga. Não nos foi difficil descobrir a direcção que ella tinha tomado, porque debaixo da janella encontramos pegadas que iam até á borda do lago; ahi as pegadas perdiam-se na rua de cascalho que vae ter ao fim do parque.

"Naquelle sitio o lago tem oito pés de profundidade e podes bem calcular o nossos terror ao ver que a pista da pobre doidinha cessava mesmo á beira dagua.

"Immediatamente nos servimos da draga para ver se achavamos o corpo. Tempo perdido. Não encontramos nem vestigio delle. Mas o curioso é que achámos um objecto absolutamente inesperado. Era um sacco de lona, contendo uma porção de bocadinhos de metal sujos e embaciados e muitos bocados de pedra ou vidro de côr escura.

"Este achado singular foi tudo o que tiramos do tanque; nada tinhamos adeantado com a busca. Nunca mais ouvimos falar nem de Rachel Howells nem de Richard Burton. A policia local fez já tudo quanto podia. Lembrei-me então de te vir consultar como ultimo recurso."

— Póde bem calcular, Watson, o meu interesse por esta narrativa extraordinaria. Procurei sobretudo coordenar os acontecimentos de maneira a tirar delles qualquer conclusão.

O mordomo tinha desapparecido; Rachel tambem. Naturalmente o affecto que a rapariga dedicava a Burton, tinha-se transformado em aversão. Ella era uma creatura violenta e apaixonada, tinha manifestado uma estranha agitação depois da fuga do mordomo; deitára ao lago um sacco contendo objectos mysteriosos. Todos estes factos deviam ser tomados em consideração, e, apesar disso, nenhum delles conduzia propriamente ao fundo da questão.

Qual era o ponto de partida desta série de acontecimentos? Eis o que era preciso descobrir.

— Musgrave, disse eu, preciso vêr esse papel que o mordomo consultava de noite, ás escondidas, com risco de ser despedido.

— Esse nosso ritual, respondeu elle, é um documento um tanto absurdo, cuja unica desculpa é ser de uma época antiga. Tenho aqui uma copia de perguntas e respostas; queres vêr?

Deu-me este mesmo papel que está vendo, Watson, e é este o estranho cathecismo a que deve submetter-se todo o Musgrave apenas attinja á maioridade. Vou ler-lhe textualmente as perguntas e respostas.

"Pergunta. A quem pertence isto?
Resposta. Ao que partiu.
P. E a quem virá a pertencer?
R. Ao que ha de vir.
P. Em que mez foi?
R. No sexto depois do primeiro.
P. Onde estava o sol?
R. Sobre o carvalho.
P. Onde estava a sombra?
R. Sob o olmeiro.
P. Como a mediu?
R. Dez e dez para o norte, cinco e cinco para leste, dois e dois para o sul, um e um para oeste e para baixo.
P. Que daremos nós por isso?
R. Tudo o que nos pertence.
P. E por que?
R. Porque nos foi confiado."

"— O original não tem data, mas a orthographia é do meiado do seculo XVII, notou Musgrave. Receio bem que isto pouco te ajude a decifrar o enigma.

" — Em todo o caso, disse eu, revela-nos um outro mysterio ainda mais interessante que o primeiro. Póde muito bem ser que a solução de um nos traga a do outro. Não me has de levar a mal que te diga, Musgrave, que o teu mordomo me parece ter mostrado mais perspicacia do que dez gerações dos seus amos.

"— Não te comprehendo, disse Musgrave. Parece-me que este papel não póde ter utilidade alguma.

" — A mim parece-me, pelo contrario, ter importancia capital, e creio que Burton era da mesma opinião. Decerto elle já tinha tido nas mãos esse papel muito antes da noite em que tu o surprehendeste.

" — E' muito possivel. De mais a mais nunca procuramos esconder esse documento.

"— Supponho que Burton nessa noite queria apenas refrescar a memoria. Creio que me disseste que elle tinha deante de si uma especie de mappa que comparava com o manuscripto e que metteu na algibeira mal tu chegaste?

"— Assim é. Mas que queria elle fazer com esta velha lenga-lenga de familia?

" — Creio que não será muito difficil descobrir isso, respondi lhe. Se m'o permittes, tomaremos o primeiro trem e iremos a Hurlstone para examinar de perto as cousas, no logar onde se passaram.

Nessa mesma tarde, chegamos a Hurlstone. Deve ter visto, Watson, gravuras e lido descripções desta celebre e antiga habitação. Limitar-me-ei, por isso, a dizer-lhe que é construida em fórma de L.

(Continua no proximo numero)

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .......... 48$000
Semestre ....... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez
Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON - FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barrozo
Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2 - 0377 — Administração: 2 - 4136 — Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

EMPRESA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em S. Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431
Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

# ACIDO URICO

## Causa Rheumatismo, Lumbago, Dores nas Cadeiras

Se V.S. é victima do rheumatismo chronico, dores nas cadeiras, se está abatido, sem disposição para o trabalho ou para suas distracções, se dorme mal, é muito provavel que as desordens dos rins sejam a causa de seus males. Os rins sãos trabalham como filtros e purificadores de cada gotta de sangue que percorre o corpo. Devem expulsar do organismo todo o excesso de acido urico e outros venenos. Quando falham em suas funcções, sobrevem as dores e padecimentos.

### OS MEDICOS APPROVAM ESTE REMEDIO

O seu medico dará a V.S. a sua sincera opinião sobre o valor das Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Outros doentes que já soffreram tanto como V.S. obtiveram alivio graças a este tratamento.

### E V.S. UMA VICTIMA DESTES MALES?

É necessario estimular os rins para que elles desempenhem a sua missão natural de manter o sangue livre de impurezas que causam as dores. As Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, tomadas com regularidade, podem acabar com estes transtornos, pois são preparadas especialmente para as desordens dos rins e enfraquecimento da bexiga.

## AS PILULAS DE WITT PARA OS RINS E A BEXIGA

**O Remedio Que Mostra Effeito Em 24 Horas.**

AS PILULAS DE WITT PARA OS RINS E A BEXIGA SÃO UM REMEDIO MARAVILHOSO PARA O EXCESSO DE ACIDO URICO NO SANGUE.

**Remetta-nos este coupon hoje mesmo**

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. M 12),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

*Nome* ..............................

*Endereço* ..............................

..............................

## INSTITUTO DE UROLOGIA DO RIO DE JANEIRO

DIRECTOR
Dr. EDSON AMARAL

Tratamento das doenças das VIAS URINARIAS (estreitamentos, cystite, prostatite, inflammação do utero e ovarios), pela DIATHERMIA, ALTA-FREQUENCIA, RAIOS INFRA-VERMELHO, ULTRA-VIOLETA.

Cura da impotencia — Plastica dos seios e dos orgãos genito-urinarios — Manchas e signaes da face.

Sala de endoscopia e ultra-violeta.

O Instituto devolverá a importancia paga se não conseguir a cura radical.

RUA BUENOS AIRES, 85, IV andar — T. 4 - 2087
Das 10 ás 20 horas
Domingos e feriados, das 11 ás 14 horas

## Artigos para todos os sports

FOOT-BALL — Camisas, calções, meias, shooteiras, joelheiras, tornozelleiras, bolas, bombas, agulhas, rêdes, etc.

TENNIS — Rackets, bolas, rêdes, etc.

BOX — Luvas, sapatos, bandages, etc.

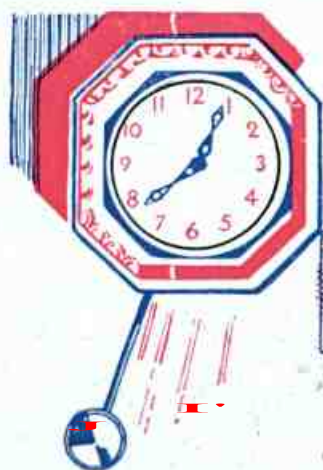
VOLLEY-BALL — Rêdes, bolas, postes, etc.

BASKET-BALL — Rêdes, aros e bolas.

Patins, discos, dardos, pesos, martellos, varas para salto, bastões de revesamento, medicine ball, etc.

A melhor de artigos para sports
Remettem-se catalogos

RAUL CAMPOS

25, Rua dos Ourives, 27 — Rio de Janeiro

# COMO O RELOGIO...

*que marca as horas, assim deve funcci-onar seu estomago. O relogio indica-lhe as horas das refeições. Seu estomago poderá recebel-as?*

Se não está, é signal de que não funcciona como um relogio. E a causa mais commum é a indigestão. A indigestão é o motivo de sua inappetencia. Para livrar-se de todos estes males:

**INDIGESTÃO**

azias, prisão de ventre, vomitos, flatulencia, arrotos, gazes, etc.

# LEITE DE MAGNESIA DE *Phillips*

*O antiacido-laxante ideal*

**SE NÃO É PHILLIPS. NÃO É LEGITIMO!**

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98
Rio

S. Bento, 35
S. Paulo